

Teatro II
de Camilo Castelo Branco

POESIA OU DINHEIRO? – Drama em 2 actos
JUSTIÇA – Drama em 2 actos
ESPINHOS E FLORES – Drama original
PURGATÓRIO E PARAÍSO – Drama em 3 actos

Poesia ou Dinheiro?

DEDICATÓRIA

Minha verdadeira amiga:

Henriqueta será um esboço daquela grande imagem que fantasiámos?

Há nesse tipo o colorido de triste poesia que V. Ex^a lhe deu?

Decorei, eu, porventura, algumas das palavras que os seus lábios proferiram num momento de dor, expansivo em eloquentes queixumes contra o destino, sem responsabilizar a sociedade que faz os infelizes?

Se de tudo isso há, no meu rápido trabalho, um pouco, esse pouco, oferta pobre, mas rica de tudo que tenho na alma, pertence a V. Ex^a.

Camilo Castelo Branco

PERSONAGENS

D. HENRIQUETA.

D. SOFIA.

BERNARDO RODRIGUES, marido de D. Sofia.

MANUEL ALVES, brasileiro.

JÚLIO CORREIA, literato.

CARLOS DE MEIRELES, irmão de Henriqueta.

UM CRIADO.

ACTO I

CENA I

D. HENRIQUETA, *sentada a uma mesa, e acabando de escrever. Ergue-se com entusiasmo, como revendo-se no que acaba de escrever.*

HENRIQUETA

É a mais querida das minhas poesias!... Veio-me do coração, tão sentida, tão pura como a fragrância de uma flor... É dele, é de Júlio, consagrei-lha, há-de passar-lhe dos meus lábios aos seus, num beijo casto, abrasado... mas abrasado daquele ardente fogo das vestais...

CENA II

HENRIQUETA e SOFIA

SOFIA, *fora*

Henriqueta... permites?

HENRIQUETA

Entra, menina. (*Beijam-se*). Vens tão linda!... Teu marido, não veio?

SOFIA

:É ociosa a pergunta: meu marido não me acompanha nunca. E eu (*tirando o chapéu, que Henriqueta recebe*) sinceramente te digo que me não escandalizo muito com a sua repugnância em acompanhar-me. Agora foi ele a bordo do *Duque do Porto*, convidar um brasileiro, chegado no barco da carreira... Que importunos hóspedes vou ter! dois brasileiros!... Não era bastante o Manuel Alves?

HENRIQUETA

Era!... que monstro de insipidez!... que selvagem de casaca!... É triste cousa! Teu marido tem negação para adquirir relações dignas de ti!...

SOFIA

Decerto!... Obrigada a respirar uma atmosfera que não é a minha, parece que sinto enervar-se-me o coração à míngua de alimento próprio. O meu ideal era o impalpável, o que se não vê no mundo; e o ideal de meu marido é tudo que se vê, e que se palpa!... Não podemos sustentar o equilíbrio de maneira nenhuma... Somos irreconciliáveis... Falemos de ti... Que fazes, Henriqueta? Escreveste alguma nova delícia?

HENRIQUETA

Escrevi:., agora mesmo, um improviso do coração...

SOFIA

Lês?

HENRIQUETA

A ti, leio: leio porque me compreendes, porque tens a chave dos segredos da minha alma, porque me animas a sair da vida materialíssima em que o nosso sexo desvirtua as mais belas aspirações do Coração de mulher... Não me achas hoje tão sensível, tão Virgínia, tão enternecida?

SOFIA

Muito... és sempre uma inspirada... És a Safo mimosa dos nossos tempos... Recita...

HENRIQUETA *recita*

Minha alma só se humilha
À grandeza do talento,
Minha aspiração é filha
De elevado pensamento.

Cá do mundo a majestade
Não fascina os olhos meus...
Júlio, a par da Divindade,
Júlio, só, depois de Deus.

Sou idólatra do génio,
Sei cuspir no ouro vil;
Que este mundo é vil proscénio
Onde a fronte ergue o réptil.

Mas do mundo a majestade
 Não fascina os olhos meus...
 Júlio, a par da Divindade,
 Júlio, só, depois de Deus.

SOFIA

Que linda!... repete, Henriqueta!
(Carlos, sem ser pressentido, está na sala Ouvindo a poesia).

CENA III

Os mesmos e CARLOS

CARLOS

Isso, em verso, é muito bonito; mas na vida real e prosaica perde todo o merecimento!

HENRIQUETA

Ai! o mano esteve ouvindo!... Não gosto de emboscadas...

CARLOS, apertando a mão de Sofia

Minha cara senhora, como passou?

SOFIA

Bem... Gostou da poesia de Henriqueta?

CARLOS

Esta minha mana é uma grande poetisa: tem muito coração, mas a cabeça é muito pequena. Uma grande cabeça nunca faz disforme um belo corpo...

HENRIQUETA

Principia o mano como o seu estilo dogmático... É um prazer escutar as máximas judiciosas deste grande extravagante... Diga lá, Carlos, repita a segunda parte do sermão que ontem principiou! mas não empregue textos latinos, que eu não sei Latim...

SOFIA

Como estás irónica, Henriqueta!...

CARLOS

Em compensação, vou ser muito sério...

HENRIQUETA

Pois sim, mano; mas dá-me licença que eu vá ao meu quarto? Vi entrar agora a minha costureira... Converse com Sofia, que eu volto já. *(Sai)*

CENA IV

CARLOS e SOFIA

CARLOS

Sofia, é necessário que me auxilies numa empresa dificultosa... Preciso hoje mais que nunca recorrer ao teu amor...

SOFIA

Que queres de mim, Carlos?

CARLOS

Um sacrifício das tuas ideias a respeito do casamento...

SOFIA

Das minhas ideias?!

CARLOS

Sim... Tu tens dito que é mil vezes desgraçada a mulher que se faz vítima do ouro dum homem que detesta...

SOFIA

E direi sempre... O que eu tenho sido para ti, Carlos, é uma prova de que é muitas vezes um casamento forçado que despenha uma mulher da sua dignidade...

CARLOS

Pois, sim, concordemos em tese: mas se descermos à realidade da vida, verás que a pobreza é o supremo dos infortúnios... As tuas teorias são excelentes num romance, numa comédia, mas falham completamente no uso social. Minha irmã aprendeu de ti essa louca independência do talento, como ela lhe chama. Quem lhe tem divinizado o orgulho és tu... Quem lhe aplaude a inconveniente paixão que ela tem por Júlio és tu...

SOFIA

Eu?!

CARLOS

Sim, tu, com as tuas vaporosas idealidades, com as tuas lamúrias piegas sobre a sorte que te destinou um marido material... É preciso que tu destruas o mal que tens feito...

SOFIA

De que modo?

CARLOS

Capacitando-a de que deve casar-se com o brasileiro, teu hóspede...

SOFIA

Isso nunca, porque a amo muito a ela por amor de ti, e não a quero ver desgraçada como me vejo.

CARLOS

É por amor de mim que a amas a ela, Sofia?

SOFIA

EL. duvidas?

CARLOS

Duvido, se mo não provas duma maneira que me salve, aumentando o direito que tens à minha gratidão... Escuta-me e depressa, antes que ela venha. Eu estou arruinado. A minha Legítima consumi-a em prodigalidades. A legítima de Henriqueta foi envolvida na minha. A decência que sustento é uma hipocrisia: tenho-me valido de expedientes astuciosos, que' serão brevemente descobertos, e eu desonrado para sempre.

SOFIA

Santo Deus!

CARLOS

Queres a desonra do homem que amas, Sofia?

SOFIA

Não, não, antes a minha morte, se com a vida não posso salvar-te...

CARLOS

Compreendeste-me!... É preciso que convenças minha irmã de que deve casar-se

com Manuel Alves... Esse grande sacrifício do teu amor, Sofia... Ela ai vem...

CENA V

Os mesmos e HENRIQUETA

HENRIQUETA, *com um vestido de seda na mão*

Ora vê tu que desapontamento! Esperava este vestido para o teatro de hoje, e trazem-mo com a cintura aqui em cima! A minha vontade era rasgá-lo... (*Torna para dentro da cena, arremessando-o*). Pegue lá... Diga à sua mestra que as minhas criadas vestem com mais elegância. (*Vem sentar-se, e pega num livro, colericamente...*)

SOFIA

Não te aflijas, menina. Tens muitos vestidos...

HENRIQUETA

Isso, muitos!... são todos vistos... Vai ver a D. Cândida se leva amanhã ao teatro um vestido conhecido!...

CARLOS

Lembre-se, Henriqueta, que a D. Cândida tem vinte mil cruzados de renda... Pode usar sete vestidos em cada semana...

HENRIQUETA

E a D. Maria das Neves? também tem vinte mil cruzados de renda?

CARLOS

Essa nasceu pobre, mas tem um marido com cem contos de reis...

HENRIQUETA

E cem anos de idade... Que marido!...

CARLOS

Isso é uma questão à parte...

HENRIQUETA

Pois o que eu não quero é questões... Olha, Sofia, já Leste a *Mocidade de D. João V?*

SOFIA

Não, menina.

HENRIQUETA

Ai! não!... estás muito pouco em dia com a literatura...

CARLOS

Deixemos a literatura por um momento... Atenda-me, Henriqueta...

HENRIQUETA

Ah! é verdade... já me esquecia que tínhamos prelecção moral, em alto estilo...
Diga Lá, mano.

CARLOS

Seriedade... O seu namoro com Júlio Correia deve acabar...

HENRIQUETA

Eu não creio que o mano me fale seriamente!...

CARLOS

Tanto quanto é possível. Deve acabar, porque esse homem tem a fortuna de todos os homens de talento em Portugal: é pobre...

HENRIQUETA

Mas...

CARLOS

Não me interrompa. O homem de génio associa à sua pobreza necessidades, ambições, e desejos que só o ouro satisfaz. A sua pobreza, portanto, fá-lo-á duas vezes desgraçado...

HENRIQUETA

Posso falar?

CARLOS

Ainda não... Júlio Correia é pobre, e Henriqueta não é mais rica do que ele. Agora fale.

HENRIQUETA

Se eu fosse rica, amaria Júlio Correia, pobre; se ele fosse rico, antes de lhe dar minha alma, obrigá-lo-ia a reduzir a Cinzas toda a sua fortuna... Não tenho mais que lhe diga, mano. A mi.. nha resolução é esta; se me não defino bem, a culpa não é minha: é das palavras que não exprimem cabalmente as ideias...

CARLOS

Até aqui falou o amigo; agora fala o irmão: Henriqueta não tem pai, nem mãe: eu tomo desde este momento sobre mim a responsabilidade de a admoestar nas suas loucuras...

HENRIQUETA

Eis aqui um ar grave que me faz rir... Noto o teu silêncio nesta questão, Sofia! (*Sofia abaixa os olhos*) Que dizes tu às exigências de meu mano? Encolhes os ombros!... É admirável!... Costumas falar com tanto ardor nesta questão dos casamentos violentados...

SOFIA

Há circunstâncias, menina...

HENRIQUETA

Há circunstâncias!... (*com ironia*) Excelente resposta!...

CARLOS

Henriqueta, repare no que Lhe digo: Júlio é indiferente à sua resolução. (*Retirando-se: ao ouvido de Sofia*) Agora tu, minha querida amiga. (*Sai*).

CENA VI

HENRIQUETA e SOFIA

HENRIQUETA

Júlio é indiferente à minha resolução!... Será?!... É mentira!... E não será!... (*lendo no «Barão» com distração*).

Em noite de estio uma pobre donzela
Doente, sem forças, pensava de amor;
Perdera o amante: bem triste era ela.
Assim nessa dor!¹

SOFIA

Isso que é?

¹ Poesia do sr. S. Ribeiro.

HENRIQUETA

É o Barão... (*depõe-no com fastio; senta-se com ares de aborrecida*). Ai! que vida a minha... O espírito a lutar com a matéria sente-se fraquear... mas eu... não sucumbirei...

SOFIA, *com muito mimo*

Ninguém luta contigo, minha cara Henriqueta...

HENRIQUETA

Mais ainda?! Até tu me desamparaste...

SOFIA

Eu não te desamparo, minha amiga...

HENRIQUETA

Tu... que tanto me animavas esta paixão por Júlio... Parecias tão decidida protectora dele, que tem contra si a sociedade toda, porque é pobre... meu Deus... isto é uma vergonha dizê-lo... mas a sociedade hostiliza Júlio, porque ele é pobre... porque o seu talento é um tesouro que se não reduz a dinheiro!... (*Leva um lenço aos olhos*).

SOFIA

Henriqueta... tu és injusta... Deixas-me falar-te com toda a sinceridade da minha alma?

HENRIQUETA

Que pergunta!... Impostura é que eu não quero em ti!...

SOFIA

Olha, filha... o mundo está pessimamente organizado... O dinheiro é tudo...

HENRIQUETA

Que linguagem na tua boca!... em ti... Sofia!

SOFIA

Em mim, sim, em mim, experimentada pelo infortúnio., As dedicações generosas do coração não são indemnizadas por cousa nenhuma, se o contentamento íntimo as não indemniza... Casar pobre, minha amiga, é uma virtude aos olhos de quem casa, enquanto a paixão, que nos lisonjeia, não arrefece. O amor consome-se na sua própria lavareda... a reflexão torna à antiga frieza dos seus cálculos, o prisma quebra-se, e o arrependimento atira-nos ao chão uma a uma todas as belezas do nosso trabalho de

tantos sonhos felizes... Aqui tens o que é o casamento pobre, o casamento de paixão...

HENRIQUETA

Espera, Sofia... Eu desconheço-te!... Como se pode assim transfigurar uma mulher, que não está cansada de representar diferentes papéis na sociedade!

SOFIA

Transfigura-se, quando as circunstâncias a transfiguram... Eu julguei-te até hoje com um património, e, há instantes, soube que és pobre...

HENRIQUETA

Pobre!... que é ser pobre, quando se tem um coração rico de tudo que é nobre, grande, e generoso?

SOFIA

Ser pobre... é querer um camarote no teatro, e não ter: querer um, dois, trinta vestidos, e não os possuir: querer uma carruagem para rivalizar com as das nossas amigas que nos salpicam de lama, e não a ter, por uma razão muito natural, porque há uma entidade chamada dinheiro que predomina todos os gozos da matéria, e vale mais que as mais belas concepções do espírito... Sabes o que é ser pobre?

HENRIQUETA

E eu estou nas circunstâncias de não ter um teatro, nem um vestido, nem uma carruagem?

SOFIA

Estás.

HENRIQUETA

Estou! por consequência, meu mano dissipou o meu património, a herança de meus pais, e declara-se hoje o responsável pelos meus actos! Oh meu Deus! que motivos obrigam meu mano a ser honrado agora! (*Senta-se, e descansa a cabeça na mão*).

SOFIA

Henriqueta... não és minha inimiga?...

UM CRIADO, *anunciando*

O sr. Júlio Correia.

HENRIQUETA, *estremecendo, e levantando-se*

Que entre... Não tenho coragem para receber-lhe a visita... Diz-lhe que estou incomodada.,. E estou!... não poderia ouvi-lo sem lágrimas
(*Sai*).

SOFIA

A que se vê obrigada uma mulher na minha posição!...

CENA VII

JÚLIO e SOFIA

Júlio, *todo vestido de preto; ar sempre triste ou irónico.*

JÚLIO

Minha senhora!... Já tive hoje o prazer de cumprimentar seu marido, o sr. Manuel Alves seu hóspede, e o sr. Carlos.

SOFIA

Encontrou-os?

JÚLIO

Agora mesmo na rua de Santo António. Disseram que brevemente aqui estariam. A sr^a D. Henriqueta?

SOFIA

Está incomodada.

JÚLIO

E encarregou V. Ex^a de me vir fazer sala?

SOFIA

É verdade.

JÚLIO

Não devo (*erguendo-se*) portanto abusar da sua delicadeza. Retiro-me, se me dá licença, e insto a sua bondade para fazer os meus cumprimentos à sua amiga...

SOFIA

Queira demorar-se, sr. Júlio...

JÚLIO

Às suas ordens, minha senhora.

SOFIA

Preciso falar-lhe a difícil linguagem duma verdadeira amiga.

JÚLIO

A linguagem da amizade é a mais fácil de todas: queira dizer, minha senhora.

SOFIA

O seu amor por Henriqueta é tão violento que não admita reflexões?

JÚLIO

O meu amor por Henriqueta é um grande amor; mas, na minha idade, aos trinta anos, não há amor que não receba com docilidade as reflexões, particularmente feitas por pessoa de tanto juízo como V. Ex^a. Queira honrar-me com as suas reflexões, minha senhora.

SOFIA

Sabe que Henriqueta é pobre?

JÚLIO

Não perguntei nunca se era rica; mas acredito que seja pobre.

SOFIA

Porque o acredita?

JÚLIO

Custa muito a sinceridade: por dois motivos: primeiro, se fosse rica, não teria tempo de explorar as riquezas do talento, que lhe admiro, e do talento que ela acolheu como confidente do seu. Segundo: Carlos tem dissipado uma fortuna maior que a sua. Creio que respondi, minha senhora.

SOFIA

Convém-lhe este casamento?

JÚLIO

A pergunta não parece sua, minha senhora, ou pelo menos não devia ser-me feita a mim. Pergunta-me se me *convém!* A palavra *conveniência* tem sido sempre uma

injúria às minhas ambições.

SOFIA

Ambições de poeta...

JÚLIO

De poeta, sim, se V. Ex^a o quer. Precisemos as nossas perguntas e respostas, minha senhora. A sua amiga encarregou-a de me dar algum recado? (*Silêncio*). V. Ex^a não responde? (*com sobressalto*).

SOFIA

A minha amiga... (*Silêncio*).

JÚLIO

Sim,.. a sua amiga... (*Silêncio*). Então, sr^a D. Sofia!

SOFIA

Não está nas circunstâncias de ser sua esposa... (*Júlio ergue-se de improviso, emprega esforços para serenar-se, e deixa fugir um ligeiro sorriso*).

JÚLIO, *calçando a luva*

Tenho compreendido tudo... Cumpriu a sua comissão, minha senhora?

SOFIA

Eu não quero que se retire com esse sorriso... Tem paciência de ouvir-me cinco minutos mais?... Queira sentar-se...

JÚLIO

Porque não, minha senhora!

SOFIA

Creia que é adorado por Henriqueta quanto pode ser adorado Deus pelos anjos...

JÚLIO

É justamente o que ela tem dito muitas vezes... e, se me não engano, vejo aqui em verso a prova desse pensamento... (*Toma de cima da mesa a poesia e lê, com ironia*)

Cá do mundo a majestade
Não fascina os olhos meus;
Júlio, a par da Divindade,

Júlio, só, depois de Deus.

Isto (*sorrindo*) é verdadeiramente tocante, minha querida senhora... Queira V. Ex^a continuar. (*Enquanto ela fala, ele, como distraído, vai partindo em bocados a poesia*).

SOFIA

A parte as suas ironias, convença-se de que é amado. Henriqueta é sua para toda a vida. Pode escravizar-se a um homem que lhe dê o prestígio do ouro, mas o seu coração será livre ou escravo de...

JÚLIO

De mim?... (*ri-se*) Quer V. Ex^a dizer que Henriqueta casada terá livre o coração da Henriqueta solteira... (*Silêncio*). Devo acreditar que V. Ex^a neste momento se esqueceu de que é uma senhora casada... E a prova é que a vejo corar!... Queira dizer-me: a última reflexão que me fez foi-lhe inspirada por Henriqueta?

SOFIA

Não, sr. Júlio... Fui inconsideradamente sincera com V. S^a.

JÚLIO

Eis aí um nobre arrependimento... Vejo que fez justiça a ela, e a mim... Contou com o meu Cinismo ou com a inocência dela?

SOFIA

É que eu supus que V. S^a amava Henriqueta, sem querer infelicitá-la...

JÚLIO

E acha que se enganou?! (*ri-se*) Estamos todos muito desmoralizados, minha senhora... V. Ex^a faz-me uma graça? Quem é o marido que se destina à sua amiga? É o seu hóspede, que tem duzentos contos?... Eu sei-o já: a pergunta é banal...

SOFIA

Sabe-o? Dito por quem?

JÚLIO

Pelo sr. Carlos de Meireles, (*sorrindo*) confidente muito válido de V. Ex^a, e o mais apto para o saber.

SOFIA

Quando lho disse?

JÚLIO

Há um quarto de hora; já vê V. Ex^a que o mais que fez foi comentar por Largo as curtas palavras de Carlos... Encarregou-a ele da explicação?

SOFIA, *ressentida*

Essa pergunta, cavalheiro!

JÚLIO

Não é cavalheira? V. Ex^a há-de emprestar-me um compêndio de civilidade, sim? (*Ouvem-se vozes*).

SOFIA

São eles que chegam.

CENA VIII

SOFIA, MANUEL ALVES, JÚLIO CORREIA, CARLOS DE MEIRELES, E BERNARDO RODRIGUES.

Júlio vai apertar a mão aos que entram, menos a Carlos

BERNARDO, *para Sofia*

Ainda cá estás, Sofia?

SOFIA

Ainda: tenho-me demorado a conversar com Henriqueta, e com o sr. Júlio Correia.

MANUEL ALVES

Então este senhor dizem-me que faz versos muito bonitos?

BERNARDO

É poeta duma vez.

MANUEL ALVES

É uma bonita prenda. Eu quando era rapaz também tinha a mania dos sonetos, e fiz um bom par deles. Então estudava eu para padre; mas aí por causa duns amoricos, tive de dar à perna para o Brasil, e não me correu mal o negócio. Lá deixei-me de sonetos, e de latim. Atirei-me a trabalhar, e acho que não fiz mal.

BERNARDO

Fez o ar. comendador muito bem. Cá pelas letras não se levanta casa de sobrado, não é isso, ar. Júlio?

JÚLIO

É isso, sr. Bernardo.

BERNARDO

Melhor lhe fora que seu pai o tivesse mandado em pequeno ganhar a vida lá por esses mundos, não digo bem, sr. Júlio?

JÚLIO

Diz bem, ar. Bernardo. *(Carlos tem empregado o intervalo, conversando com Sofia).*

BERNARDO

Então onde está sua mana, ar. Carlos?

CARLOS

Eu vou chamá-la... Penso que está um pouco incomodada, mas há-de vir. *(Sai).*

MANUEL ALVES

Aquilo há-de ser dor de enxaqueca, que andam por aí muitas.

BERNARDO

Há-de ser, há-de ser. *(Conversam por acenos).*

SOFIA, *â parte a Júlio*

Pelo amor de Deus, muita prudência.

JÚLIO, *sorrindo*

Que degradação de carácter! *(olha-a com desprezo).*

MANUEL ALVES, *para Júlio*

O senhor porque não vai até ao Brasil?... *(Júlio distraído, não responde).* Ele é mouco? *(para Bernardo).* O senhor não ouve? *(Pondo-lhe a mão no ombro).*

JÚLIO

Eu creio que lhe não dei ainda a liberdade de me pôr a mão no ombro... O senhor

fez isto por ignorância, não é verdade?

MANUEL ALVES

Eu cuidei que o não magoava com isso... perdoará... (*para Bernardo, baixo*) Que tal o bonecro de vidro! *Noli me tangere*, dizia o meu mestre de latim.

CENA IX

Os mesmos, CARLOS e HENRIQUETA

CARLOS

Aqui está minha mana.

MANUEL e BERNARDO

Passou bem?

HENRIQUETA

Agradecida. (*foge de encontrar os olhos de Júlio*).

CARLOS

Minha mana tem dias duma profunda melancolia.

MANUEL ALVES

Há-de ser o nervoso, que é o mal das senhoras: lá para o tempo, os banhos do mar curam tudo.

BERNARDO

Menos os flatos de minha mulher, que não há nada que lhos cure.

CARLOS

Queiram sentar-se (*Sentam-se com grotescos cumprimentos Manuel e Bernardo*). O objecto que vamos tratar, posto que seja de muito íntima familiaridade, não é reserva para o nosso amigo Júlio Correia, que nos faz a honra de o ser desde muito desta casa. O ar. Manuel Alves pede a mão de minha mana, e eu, confiado na anuência da sua vontade à minha, não tive dúvida em anuir à proposta do meu honrado amigo o ar. Bernardo, que tomou sobre si o cuidado de realizar este feliz casamento.

MANUEL ALVES

Pela minha parte, espero não deixar ficar mal o meu amigo.

BERNARDO

Estou bem certo disso.

JÚLIO

Como amigo antigo desta casa, honroso título que me concedeu o ar. Carlos, peço licença para uma pequena reflexão.

CARLOS

Queira falar.

MANUEL ALVES

Essa é boa: diga o que entender...

JÚLIO

O noivo respondeu como devia à declaração do ar. Carlos: a noiva calou-se, e parece que o seu silêncio pode ser de aprovação ou desaprovação. Sincero amigo desta senhora, desejo vê-la expansivamente eloquente neste momento em que o seu coração deve arfar de prazer. (*Henriqueta soluça, e quer fugir da sala*).

MANUEL ALVES, *para Bernardo*

Como se entende isto?

BERNARDO

É uma trapalhada...

SOFIA, *que tem corrido com Carlos a suspender Henriqueta*

Menina, sentes-te muito incomodada?

HENRIQUETA

Muito... não me matem por piedade...

JÚLIO

A minha reflexão aflige-a, minha, senhora? Desculpe-me pela inocência com que a fiz... Eu pedia-lhe o favor de remediar a minha imprudência, vindo sentar-se na sua cadeira...

CARLOS, *para Júlio a meia voz*

A prudência recomendo-lha eu, cavalheiro...

JÚLIO, *sorrindo*

Gostei da entonação dramática!

SOFIA, *para Henriqueta, já sentada*

Passou o incômodo?

HENRIQUETA

Há-de... passar... Isto da existência é uma noite, sem amanhecer.

MANUEL ALVES

Que disse ela? (*para Bernardo*).

BERNARDO

São lá palavras românticas...

JÚLIO

Parece que vamos todos caindo num silêncio profundo!... É necessário, como se diz em frase vulgar, que alguém faça as despesas de conversação. Serei eu, suposto que entre todos o mais pobre de eloquência. Encarrego-me, pois, de fazer o elogio do casamento, que se planiza. Esta senhora (*indicando Henriqueta*) é uma alma com todo o viço das ilusões, frescura de desejos, florida em plena primavera, concentrando no coração o aroma de todas as flores. Vai casar-se, porque a sua alma sonhou um belo ideal, e este belo ideal é o ar. Manuel Alves, brasileiro rico, com cinquenta anos de idade, e um coração tão cheio de seduções como a sua algibeira de libras para saciar as ânsias de amor desta Julieta. O Romeu é aquele senhor! (*ri-se*). Ninguém me acompanha nesta risada?

CARLOS

Essa risada é um insulto, senhor.

JÚLIO

A quem?

CARLOS

A esta senhora. (*Indicando a irmã*).

JÚLIO

Insultei-a, sr^a D. Henriqueta?...

HENRIQUETA

Não me insultou... matou-me....

JÚLIO

Matei-a! (*ironia*) Morre-se assim de vergonha, ou de raiva?

CARLOS (*todos em pé – Henriqueta nos braços de Sofia*)

Nem mais uma palavra, ar. Júlio!

JÚLIO

Há-de sofrer-me a seu e a meu pesar algumas mais. Até aqui falou o filósofo... agora fala o profeta. Quero vaticinar o futuro deste casamento.

CARLOS

Que tem o senhor com o futuro deste casamento?

JÚLIO

O que tinham os profetas com as ruínas das cidades, que caíam à sua palavra.

CARLOS

Nada de romances, senhor!...

JÚLIO

Aqui o romance é a vida real: o primeiro capítulo principia neste momento: a profecia realiza-se depois...

CARLOS

Qual profecia?

JÚLIO

Qual? Esta mulher, (*indicando Henriqueta*) depois de esposa, será como aquela que a tem nos braços.

SOFIA, *baixo*

Meu Deus!

JÚLIO

Aquele homem (*apontando Manuel Alves*) depois de marido, será como aquele (*apontando Bernardo*) que o trouxe aqui, contanto que a sua mulher apareça um homem

como o senhor! (*apontando Carlos*).

CARLOS, *arremessa-lhe uma luva*

Aí tem, senhor!

JÚLIO, *pondo-lhe um pé em cima*

Se é uma afronta, bem vê que a calco! Essa luva só pode ser erguida por mão tão infame como aquela que a arremessou... (*Silêncio*). Este silêncio é vergonhoso para todos nós!... Miseráveis! haveis de confessar que o talento tem uma grande superioridade sobre o ouro! Vedes qual ela é? É isto! sou eu que me levanto debaixo dos vossos calcanhares, e- posso dizer-vos: «Não dava pela vossa fortuna este instante da minha vida!»

(*Toma Henriqueta pelo braço e aproxima-a do brasileiro*). Aí a tem! é digna de si!

HENRIQUETA

Não! nunca! tua, tua, Júlio, por toda a vida...

JÚLIO

Minha.... (*rindo*) Se por um diabólico milagre a sua existência estivesse ligada à minha, senhora, creia que essa posse me custaria um suicídio...

HENRIQUETA, *erguida com ímpeto*

Eu tenho orgulho, senhor!...

JÚLIO, *sorrindo*

O orgulho comprado pela infâmia! (*Carlos tira um punhal em acção de arremeter*).

SOFIA, *segurando-lhe o braço*

Sr. Carlos!

HENRIQUETA, *o mesmo*

Oh Carlos!

BERNARDO, *segurando-o*

Sr. Carlos!

JÚLIO, *impassível*

É justamente a arma que lhe fica bem, cavalheiro... Eis aqui uma grande cena!

Todos se agitaram... menos o homem de barro! A impassibilidade estúpida do dinheiro está ali!... Verdadeiramente feliz é só aquele! (*apontando Manuel Alves, que faz um sinal afirmativo*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

CENA I

SOFIA e CARLOS

Sofia sentada, triste, num sofá – Carlos defronte, meditativo

SOFIA

Eu tinha previsto esta desgraça... Disse-ta, profetizei-ta, Carlos, e tu... chamaste-me mulher, e foste por diante nas tuas imprudentes ambições... O resultado é este... Um divórcio no fim de seis meses, e um cadáver, talvez, antes de sete...

CARLOS

Melhoras a situação em que nos achamos, avivando-me pesares, que excedem as forças da minha alma?

SOFIA

Não, eu bem sei que não; mas o responsável de tantos infortúnios és tu... (*Erguendo-se*) Maldito ouro! quantas desgraças por tua causa!...

CARLOS

Maldita sociedade !... Malditas condições impostas ao homem que quer passar por ela com a face erguida, fazendo gala do escândalo...

SOFIA

Cala-te, Carlos, que vem aí tua mana.

CENA II

HENRIQUETA *desfigurada – como no fim de uma tísica – e os mesmos*

SOFIA, *indo encontrá-la*

Sempre te ergueste um bocadinho?

HENRIQUETA

Sim... vi as flores, pareceu-me tão lindo o ar, e o céu tão sereno, que não pude resistir... O mano está tão triste... que tem?

CARLOS

Nada, minha cara Henriqueta... Tenho pena de ti... e de mim... e de todos os que figuram nesta triste história.

HENRIQUETA

Não, Carlos, de mim não tenha pena. Agora o que me dói é o corpo... esta dissolução lenta é muito dolorosa... mas do espírito... sinto-me boa. E tu, Sofia, tens passado tão más noites ao pé de mim!... Coitadinha... Eu bem sabia que tu eras muito minha amiga... Deixaste o Porto, e a sociedade, e a tua casa, e teus filhinhos para assistires a esta demorada tísica... Não chores, menina...

CARLOS

Henriqueta, eu não perdi as esperanças...

HENRIQUETA

De quê, mano?

CARLOS

De te restituirmos a saúde...

HENRIQUETA

Deus o queira, que eu não desejo a morte... Esta solidão deve ser encantadora; mas, assim doente, não tenho prazer em nada... Retira-se, Carlos?

CARLOS

Eu volto já...

HENRIQUETA

Pois sim, não se demore muito, que eu preciso falar-lhe, não?

CARLOS

Voltarei, mana. (*Sai*).

CENA III

HENRIQUETA e SOFIA

HENRIQUETA, *abrançando-a*

Que me querias tu ontem dizer, Sofia? Eu não pude ouvir-te; estava tão aflita... Depois, lembrei-me se te magoarias com o meu modo grosseiro... A doença faz a gente rude... Que era?...

SOFIA

Deverei eu dizer-to?

HENRIQUETA

Que poderás tu dizer-me que eu não possa ouvir?

SOFIA

Não me criminas?

HENRIQUETA

De quê? Fizeste-me algum mal?

SOFIA

O mal que eu te fiz já mo perdoaste... Mas o mal que eu te posso fazer...

HENRIQUETA

Perdoar-to-ei, se for um mal... Diz... aflige-me ainda mais a dúvida...

SOFIA

Tu tens ignorado muitas cousas... Júlio Correia...

HENRIQUETA, *vivamente sobressaltada*

Jesus! a que vem esse nome aqui!...

SOFIA

Não to disse eu! Aflijo-te!... Não devo falar nele?

HENRIQUETA, *sorrindo*

Porque não? Já agora, que tenho eu a ganhar ou a perder?... Fala...

SOFIA

Júlio Correia não é mais feliz que tu...

HENRIQUETA

Isso sabia-o eu, sem que ninguém mo dissesse... Aquele homem nasceu debaixo duma estrela infeliz como a minha... Eu sabia que seríamos ambos desgraçados...

SOFIA

E muito, porque te ama como te amou, e além do amor, sente o remorso de te haver humilhado...

HENRIQUETA

Ai!... ele não me humilhou... Fui eu que me aviltei... Que não tenha remorso... eu não vou deste mundo com ódios no coração...

SOFIA

Ainda o amas, Henriqueta?

HENRIQUETA

Se o amo!... que pergunta!... Amo-o como te amo a ti, como a meu irmão, como a meu marido, como a qualquer pessoa que concorresse mais ou menos para o meu infortúnio...

SOFIA

Não o amas, é o que queres dizer.

HENRIQUETA

Pois concebes que eu possa ainda ter coração, Sofia!... Não tens visto como ele se desfaz em lágrimas, há sete meses!... Não tens tu sido a testemunha deste morrer dum desejo em cada hora!... Posso eu amar... e amar uma sociedade em cujo seio encontrei a morte, e em nome da qual me impuseram a violência do suicídio...

SOFIA

Essas palavras são uma acusação que me fazes...

HENRIQUETA

Não são... Deus me livre de te magoar... Eu falo do mundo, não é de ninguém... É deste misto de infortúnios que nos vem dum poder invisível... Não sei o que é... sei que me reduziram à frieza dum cadáver... Quando meu marido me disse que não tinha casado com uma estátua, tive compaixão dele... e de mim. Quando me ofereceu um amigável divórcio, aceitei-o porque o reputei mais feliz sem mim. Quando me vi deste modo despedida como mulher inútil para aquele bom homem que tão cara me comprou, deixa-me dizer-te, Sofia, nem o meu amor próprio sofreu... É que eu já estava morta... E quando o amor próprio se gela, minha amiga, o coração já tem arrefecido para todas as impressões... Queres que te diga o que sinto por Júlio? Um desejo, um só desejo em bem dele: queria que ele fosse mais feliz do que muitos que o não merecem tanto... Ainda tenho outro, em meu bem, mas esse... não devo dizer-to...

SOFIA

Diz... diz, minha Henriqueta.

HENRIQUETA

Basta que eu diga que não devo dizer-to.

SOFIA

Não me dás como já deste o mais secreto da tua alma... Também para mim arrefeceu o teu coração... Eu dei a causa...

HENRIQUETA

Aí vem o mano... hás-de retirar-te, que eu preciso falar-lhe... sim?

CENA IV

CARLOS, *para Sofia*

Retira-se, minha senhora?

SOFIA

Não, senhor... Volto logo...

CARLOS, *ao ouvido*

Não me deixes muito tempo só com ela.

(Sofia sai).

CARLOS e HENRIQUETA

CARLOS

Como se sente, mana?

HENRIQUETA

O mesmo... Venha cá... falemos baixo... Não quero que a nossa boa Sofia nos escute... Não o vejo nunca tranquilo ao pé de mim, Carlos! Aflige-me! Lembre-se que eu não lhe tenho ódio. Sou sua amiga, acredite que o passado foi um sonho mau de que acordei para perdoar a todos...

CARLOS

Não pode, talvez...

HENRIQUETA

Pois não posso? Alguma cousa Deus me dá, visto que a sociedade tudo me tirou. Deus deu-me a resignação, e converteu em benevolência todo o amor, com que fui infelizmente dotada... Sou sua amiga... Olhe... Carlos, eu aceitei esse dinheiro com que meu marido me dotou... Aceitei-o, de propósito, para que ele servisse a alguém... O mano não é muito feliz, e fica depois de mim em luta com uma sociedade que lhe há-de cuspir na face, se lhe lá vir a tristeza do pobre que não pode nivelar-se com o rico... Custa-me tanto falar!... Mas é preciso... Em poucas palavras lhe digo tudo... Este dinheiro fica-lhe aí, não sei aonde... o mano sabe-o... Eu deixo um testamento, já o escrevi, veja, Carlos, o que convém fazer para que ele seja válido...

CARLOS, *comovido*

Henriqueta... se eu tivesse lágrimas, teria respondido com elas... As palavras não me saem do coração...

HENRIQUETA

Pois, sim, que fiquem aí... é lá que eu as quero...

CARLOS

Não perca as esperanças de restabelecer-se...

HENRIQUETA

Ai! mano! eu não sou criança... Tenho bom juízo para me consultar, e a vista bem penetrante para ver o túmulo...

CARLOS

Henriqueta... Deixa-me fazer-lhe uma pergunta?

HENRIQUETA

Sim... que é?

CARLOS

Sentiria algum alívio conversando com alguma pessoa que mais cara lhe fosse?

HENRIQUETA

Não sei bem o sentido da pergunta... mas, seja qual for, digo-lhe que não... não ambiciono alívios de ninguém.

CARLOS

Quem sabe o que pode a alma influir nos padecimentos do corpo?! Talvez... um entretimento com esse nosso amigo...

HENRIQUETA, *com soberania*

Mano... seja tão nobre como ele... Não pronuncie o nome desse homem de cuja amizade não fomos dignos... Desculpe-me... Eu vou descansar... Estou cansada de falar... (*Sai*).

CARLOS

Tem sido longa a punição... Não há cinismo que resista ao flagelo vibrado na mão fraca duma vítima, quase extinta... isto é o dinheiro!... Esse drama de surdas agonias que aqui se passa é o ouro, é a sede do ouro... e a vida no interior duma casa, que contrafaz por fora todas as regalias do prazer!... Oh! que saudades eu tenho dos dias em que me vi pobre... e hoje pobre, também, mas ostentando na máscara do ouro o sorriso da impudência...

CENA V

Um criado com uma carta

CRIADO

Não está aqui a senhora?

CARLOS

Que carta é essa?

CRIADO

Uma carta para a senhora.

CARLOS

Deixa ver (*reparando*). A letra é de Júlio! (*Alto*) Quem trouxe isto?

CRIADO

Um homem destes sítios, deram-lha na estrada, e disse ele que a pessoa espera a resposta.

CARLOS

Vai entregá-la à senhora, que deve estar no seu quarto. (*O criado sai*).

CARLOS

Aquela carta faz-me suspeitar que algumas inteligências têm havido entre minha mana e Júlio... Não é natural!... Se se amassem, o espírito de Henriqueta não teria caldo

assim...

CENA VI

SOFIA e CARLOS

SOFIA

Que é de Henriqueta?

CARLOS

Cuidei que estavas com ela... Vai depressa ao seu quarto, que o criado levou-lhe neste momento uma carta de Júlio...

SOFIA

De Júlio!... como e possível?

CARLOS

De Júlio, sim... Ora diz-me, Sofia, não suspeitas que eles se tenham correspondido?

SOFIA

Tenho a certeza de que não.

CARLOS

Pois que lhe quer agora?

SOFIA

Seria uma felicidade que ela pudesse amá-lo...

CARLOS

Felicidade!... para quem?

SOFIA

Para ela...

CARLOS

Não sei qual... Minha irmã é uma senhora casada...

SOFIA

Bem o sei... Mas essa observação é um insulto que tu cospes na face de outra mulher casada...

CARLOS

Não foi essa a minha intenção... Tu traduzes muito à letra as minhas frases... Eu queria dizer que minha mana...

SOFIA

Deve ser sempre um humilde instrumento dos teus cálculos... cálculos infames a que se têm cegamente prestado algumas mulheres casadas...

CARLOS

Nada de recriminações intempestivas... Eu não te dou direito a que me ultrajes, Sofia...

SOFIA

A tua sensibilidade é toda caprichos, Carlos... Não tenho remorsos de te magoar o pundonor...

CARLOS

Estranho a tua linguagem!

SOFIA

Tem razão...Isto equivale a dizer-lhe, senhor, que a minha existência nesta casa é um serviço a sua irmã. As nossas inteligências deviam terminar no instante em que me prestei a ser o autómato das suas sórdidas ambições de dinheiro...

CARLOS

Não lhe ficam bem essas palavras, Sofia.

CRIADO

Todas as palavras ficam bem, quando a mulher as diz a um homem que, perdido o pudor, já não sabe corar diante dessa mulher...

O criado, atravessando

CARLOS

Que levas?

CRIADO

A resposta.

CARLOS

Dá cá.

SOFIA, *tirando a carta da mão do criado*

Que quer?

CARLOS

Ver o subscrito.

SOFIA, *lendo*

«Ao Il.^{mo} Sr. Júlio Correia», que mais lhe interessa?

CARLOS

Interessa-me zelar a honra de minha irmã.

SOFIA

Quando a sua puder servir de modelo a alguém... (*Para o criado*). Leve essa carta ao seu destino. (*O criado sai*).

CARLOS

A senhora manda demasiadamente em minha casa.

SOFIA

Sua casa!... esta casa é sua?

CARLOS

Duvida?... é!

CENA VIII

HENRIQUETA *e os mesmos*

HENRIQUETA

Não é, não, mano. E tanto não é que eu tomo a liberdade de lhe dizer que vou receber nesta sala uma visita, a prescindindo da companhia de Carlos. (*Senta-se muito desfalecida*).

CARLOS

Eu também não quero de modo algum estorvar-lhe os seus prazeres, Henriqueta.

HENRIQUETA

Os meus prazeres! (*sorrindo*). O mano conserva sempre o seu espírito folgazão!... Está brincando comigo à beira da sepultura... É bárbaro o divertimento!... Há momentos aconselhava-me a convivência com as pessoas que me foram caras... e depois... revolta-se contra uma minha amiga porque esta lhe impede de rasgar o selo duma carta!

CARLOS

Está enganada!...

HENRIQUETA

Enganado está o mano... Pois não entende que meu marido me deu carta de alforria, declarando-me livre? Eu sou senhora das minhas acções... Se houvesse de cair em abismos de degradação, o braço do mano seria um estorvo, em que eu não faria reparo... Se me quer poupar a uma exaltação com que não posso, retire-se, Carlos.

CARLOS

De sua casa?

HENRIQUETA

Desta sala, e, se lhe aprouver, de minha casa; mas vá na inteligência que as minhas intenções a seu respeito, depois da minha morte, não mudam... Os ressentimentos nobres não têm nada com o dinheiro... (*Carlos sai*)..

HENRIQUETA e SOFIA

SOFIA

Tu está salivando sangue, Henriqueta!...

HENRIQUETA

Não é nada... Tive há pouco um ataque muito forte... Se me desses uma gota de água... (*Sofia chega-lhe o corpo*).

SOFIA

Tens tanta febre, menina!

HENRIQUETA

Terei? É possível, porque sinto lume na cabeça... Júlio vem ai...

SOFIA

Vem?... Oh! Deus permita...

HENRIQUETA

O quê?

SOFIA

Que ele te reanime... Talvez o amor opere um milagre...

HENRIQUETA

De Cristo no túmulo de Lázaro? O amor não pode nada... Se o não vence o dinheiro, vence-o a morte...

SOFIA

Ele escreveu-te... já sei... que te diz?...

HENRIQUETA

Quase nada... pede-me alguns instantes da minha vida... Como terei poucos... oxalá que os últimos sejam dele...

SOFIA

Mas, na exaltação em que te vejo, talvez seja arriscar a tua saúde...

HENRIQUETA

Não, minha amiga, o que eu realmente não posso arriscar é a saúde... A dar-se alguma revolução em mim, deveria ser em meu bem, que... para pior, decerto não posso ir, nem creio que no meu estado se possa piorar... Daqui à morte... é só fechar os olhos...

CENA IX

CRIADO

Um senhor que teve ordem de subir, espera no portão.

HENRIQUETA

Que entre. *(Para Sofia)* Sai por algum tempo... Decerto estimarás não ver de face um homem que te caluniou, porque não compreendeu a tua boa alma...

SOFIA, *beijando-a*

Decerto não... Henriqueta... (*Sai*).

HENRIQUETA

Ai, meu Deus!... livrai-me destas aflições!... que nuvem!...

CENA X

HENRIQUETA e JULIO

Júlio recua, quando ao perto encara Henriqueta, que se ergue trémula, encostando-se à mesa para Lhe estender a mão. Henriqueta senta-se, e quer fingir presença de espírito. A hesitação de Júlio é significada por monossílabos entrecortados.

JÚLIO

Henriqueta... na presença desse rosto pode-se só chorar; mas as Lágrimas secaram-se-me nos olhos para sempre...

HENRIQUETA, *soluçando*

Não... podemos... todos chorar...

JÚLIO

Venho encontrá-la num lastimável estado... Como é possível?... O ouro reduz o talento a esta situação?

HENRIQUETA

Não me escarneça.

JÚLIO

Escarnecê-la eu, que sinto a precisão de ajoelhar-me a seus pés...

HENRIQUETA

Senhor!... Não me obrigue a comoções muito violentas...

JÚLIO

Esta situação é horrível... A sua presença tirou-me a palavra... Lembra-me só que tudo isto é irremediável...

HENRIQUETA

Irremediável.

JÚLIO

Não há nada a esperar do amor, nem das esperanças...

HENRIQUETA

Nada...

JÚLIO

E hás-de morrer, filha da minha alma! (*tomando-lhe a mão com frenesi*). Eu não hei-de poder salvar-te, Henriqueta!...

HENRIQUETA

Não.

JÚLIO

Não sentes nada neste instante que te prometa uma nova vida!... não esperas nada deste amor, sufocado sete meses, deste amor que te pode restituir a felicidade que ambos nós aniquilámos...

HENRIQUETA

É impossível...

JÚLIO

Impossível! Que sou eu para ti?

HENRIQUETA

Uma reminiscência amarga, mas, no fim da vida, um enviado de Deus...

JÚLIO

E contudo não posso salvar-te...

HENRIQUETA

Não!... o que pode é matar-me mais depressa... E eu... faço-lhe a vontade... desejo mesmo que as minhas últimas palavras sejam suas... Mas não o serão... Deus não quer que eu morra, escandalizando a sociedade...

JÚLIO

Henriqueta, vai deste mundo odiando-me?

HENRIQUETA

Não... não o odeio... tenho compaixão de si...

JÚLIO

Como pôde sacrificar-me?...Para que me humilhou na presença do homem infame que a não compreendeu!

HENRIQUETA, *com dignidade*

Quem é o homem infame? Meu marido?... Não diga tal... Se tem sido nobre, Júlio, seja-o até ao fim... Meu marido, não me compreendeu, mas não era infame.

JÚLIO

Perdão!... a palavra foi imprudente...

HENRIQUETA

Eu não o sacrifiquei... era pobre e não quis fazê-lo desgraçado... sacrifiquei-me para salvar dons que seriam infelizes comigo, podendo sê-lo eu só... Enganei-me... Deus o quis...

JÚLIO

Mas depois daquela luta fatal, há sete meses, desse horrível delírio, que nem já me recordo, eu fiz sentir à sua alma o meu remorso.

HENRIQUETA

De que modo? Insultando-me...

JÚLIO

De que modo?...

HENRIQUETA

Servindo-se duma minha amiga como portadora de ultrajes afrontosos...

JÚLIO

De Sofia?

HENRIQUETA

Sim.

JÚLIO

Isso foi uma infâmia.

HENRIQUETA

Foi... decerto...

JÚLIO

Minha? Não!

HENRIQUETA

Pois de quem?

JÚLIO

De seu mano, que dispõe dessa infame mulher, associada a todas as suas torpezas...

HENRIQUETA, *aflita*

Fale baixo, por piedade...

JÚLIO

Manda-me calar, senhora, quando me justifico?...

HENRIQUETA

É que eu não lhe peço justificações... Bem vê que me mata...

JÚLIO

Não sou eu que a mato... É esse homem que dissipa à sua sombra o preço do seu corpo, Henriqueta. É esse vil que ousa vir aqui, para assistir impassível aos seus últimos instantes... É esse desonrado que me mostrou a ponta dum punhal em sua própria casa...

HENRIQUETA

Por compaixão, Júlio!...

CENA XI

Os mesmos, CARLOS e SOFIA

CARLOS

Se a desonra está na ponta dum punhal, mostrar-lhe-ei, cavalheiro, a boca duma pistola.

HENRIQUETA

Que vida, meu Deus! Carlos! retire-se... Sr. Júlio... sr. Júlio...

SOFIA

Que tens, Henriqueta?...

HENRIQUETA

Evita uma desgraça se podes... Retira daqui meu mano...

SOFIA, *para Carlos*

Saia daqui, por quem é!

CARLOS

Cá fora, senhor cavalheiro, que dá diplomas de infâmia... (*Sai*).

JÚLIO, *sorrindo*

Sim, lá fora...

HENRIQUETA

Prometa-me que não se encontrará com ele...

JÚLIO

Não prometo... Hei-de procurá-lo em toda a parte, como quem procura o ladrão da sua honra, porque é na honra que eu tenho feito consistir a minha felicidade... Sr^a D. Sofia! encontrou-me... desde aquele dia...

HENRIQUETA, *pondo-lhe a mão na boca*

Não, não, por tudo quanto há, Júlio. Não lhe peço mais nada nesta vida...

JÚLIO

Eu estou calado, sr^a D. Henriqueta.

HENRIQUETA

Santo Deus! Como eu estou sofrendo!... Isto não pode assim durar muitos minutos...

JÚLIO

Que situação a minha!... Oh! para que dores o homem foi criado!

HENRIQUETA

Sr. Júlio... venha cá... bem perto de mim que a minha voz é débil... Ouça-me eu amei-o muito... não sei se poderia amá-lo mais... podia... porque neste momento, sinto que o amo como nunca... Aprendi a impostura... Tenho-me fingido com o mundo, e comigo... Durante sete meses, não pude roubar-lhe um minuto... Tive-o, sempre, no pensamento, no coração, no coração, que, por fim, estalou... morreu para ressuscitar agora... Agora!... de que serve?... Ah!... serve... serve... Conduziu-o aqui a mão de Deus... Lembra-se da sua profecia?... Não se realizou... A esposa violentada... não foi indigna de que a chore seu marido... Foi esposa violentada, mas... também foi mártir voluntária!...

JÚLIO

Perdoa-me, Henriqueta...

HENRIQUETA

Perdo... Não posso dizer-lhe mais nada... Sofia; vem ao meu quarto... Não podes? Júlio, dê-me o seu braço... acompanhe-me... tenha paciência... (*saem*).

CENA XII

CARLOS *entra pela porta oposta*

CARLOS

É necessária muita desfaçatez para tanta coragem! Aí está um homem que a sociedade reputa honrado na sua pobreza! Há-de ser-lhe caro o insulto! Estes espirituosos infames é necessário corrigi-los.

CENA XIII

CARLOS e JÚLIO

CARLOS, *irónico*

Não sei se me concede licença de estar nesta sala, sr. Júlio!

JÚLIO

Eu concedo-lhe tudo, menos o arbítrio sobre a minha honra... Posso agora ver as bocas das suas pistolas?

CARLOS

Um duelo não é uma brincadeira de assassinos... Procure testemunhas...

JÚLIO

Eu não sei o que são testemunhas, quando a infâmia foi praticada sem elas... Entre nós essa formalidade é uma covardia...

CARLOS

Quer chamar-me cobarde?!

JÚLIO

Eu não sei o que lhe quero chamar... Siga-me, senhor!

CARLOS, *indeciso*

Não tenho dúvida nenhuma,... Eu não o temo...(voz alta).

JÚLIO

Fale baixo, senhor, se não espera que alguma mulher venha em socorro dos seus gritos...

CARLOS

Vamos...

CENA XIV

SOFIA e HENRIQUETA, *espavoridas*

HENRIQUETA

Já saíram, meu Deus!...

SOFIA

Eu vou procurá-los...

HENRIQUETA

Vai... vai... Sofia... (*Ouvem-se dois tiros*). Ah!... (*nos braços de Sofia, que ajoelha com ela*).

SOFIA

Ó meu Deus, como tem sido punido o meu crime!...

JÚLIO, *desfigurado*

É um assassino que o ouro fez!...

HENRIQUETA

Que é?... que disse ele?

SOFIA

Assassinou teu mano!

JÚLIO, *cruzando os braços numa imobilidade de demente*

Assassinei seu mano!

HENRIQUETA

O que se segue é... que fez duas vítimas... eu de mim perdoou-lhe... Por ele... responderá na presença de Deus...

JÚLIO

E ele que responda por mim, porque eu sinto uma bala no coração...

SOFIA, *palpando o coração de Henriqueta*

Está morta! meu Deus!...

JÚLIO, *vacilante, até ajoelhar-se ao pé do cadáver, e tocar-lhe o peito*

Morta... Morta!... (*Ergue-se*). A morte saldou as contas de todos nós! (*Moribundo, encosta-se ao sofá*).

Justiça

PERSONAGENS:

D. INÊS

D. MIQUELINA

FERNANDO SOARES

D. MARIA

LUÍS DE ABREU

PEDRO DA NOBREGA

ADMINISTRADOR DO BAIRRO

MÉDICO

ESCRIVÃO DA ADMINISTRAÇÃO

E FIGURAS QUE NÃO FALAM

A cena passa-se em Lisboa, num Hotel

ACTO I

Uma saleta com porta ao fundo, para um corredor de serventia comum, e outra porta lateral para uma câmara.

CENA I

D. INÊS, Luís E PEDRO *sentados, em final de jantar, em roda de uma mesa, aonde avultam garrafas com diferentes vinhos, frutas, etc. Inês toma do tabuleiro servido por um criado, uma chávena de café, com que retribui a que lhe é oferecida por PEDRO DA NÓBREGA. Entretanto, Luís, preguiçosamente recostado, saboreia um cálice de vinho, e fuma. Afecta os ares duma meia embriaguez, e extasia-se nos rolos de fumo que lança do charuto.*

LUÍS

Vejo tudo cor de rosa... A vida tem cousas bem boas, digam lã o que disserem os poetas de cemitério. Poucos são os que sabem tirar proveito desta sublime patarata que os tradutores em vulgar denominam sociedade. Achas que digo bem, Pedro da Nóbrega, meu ilustrado amigo?

PEDRO

Dizes o melhor que se tem dito sobre a matéria. Enquanto a mim, está provado que o mundo não é um vale de lágrimas, pelo menos no todo. Há certos pedaços do mundo aonde não há lágrimas.

LUÍS

Particularmente nos terrenos onde predomina o *Malvasia*, o *Madeira*, e o *Champagne*.

PEDRO

E o *Porto*. Faz favor de não esquecer o *Porto*. Eu sou patriota, e tenho minhas convicções a respeito do vinho do Porto.

LUÍS

Se me dás licença, dir-te-ei que és um imbecil. Os homens de paladar mais depravado são os ingleses: ora, o vinho mais querido dos ingleses é o vinho do Porto: logo o vinho do Porto é um vinho depravado.

PEDRO

Distinguo... mas nós esquecemos que está aqui uma senhora, e a conversa de armazém decerto não lisonjeia o gosto de uma dama.

D. INÊS, *triste e ressentida*

Não importa: conversem no que quiserem.

PEDRO

Nada, minha senhora, o assunto é impróprio.

LUÍS

De acordo; o assunto é impróprio; mas uma senhora de boa sociedade eclipsa-se, logo que a razão dos convivas machos se vai eclipsando. Quando estoura o gás da primeira garrafa, é chegada a hora das expansões; e a mulher, que vive de brisas, e arroubamentos de alma, levanta-se, e recolhe-se ao santuário dos seus devaneios.

D. INÊS, *depõe a chávena*

Eu retiro-me, Luís... é isso que queres dizer?

LUÍS, *sorrindo e bebendo*

És uma criatura inteligente, Inês...

D. INÊS, *vexada e oprimida*

Puderas-mo ter dito... Bem sabes que eu não estou no caso de observar todos os deveres duma senhora de boa sociedade...

CENA II

LUÍS e PEDRO

LUÍS, *sorrindo*

Não tem sal nenhum o remoque... (*Pedro dá o braço a D. Inês, e condu-la à porta do quarto: Luís, reparando na urbanidade do conviva, solta um frouxo de riso*). Estes homens, em vivendo na capital um ano, tornam-se cortesãos até ao ridículo... Sinto-me bem. Sinto descoserem-se-me os rofegos do espírito. Estou expansivo como um amante depois de jantar. Até me sinto poeta, Pedro da Nóbrega. A fonte dos poetas bárbaros era de água, e, se bem me lembro, chamava-se Aganipe. A coisa agora é outra. A água passou para a prosa aguada, e o vinho reassumiu toda a importância que lhe deu o velho Horácio.

PEDRO

Sinto quebrar o fio dessa eloquente baboseira, meu caro Luís de Abreu... Atende, tu tratas muito bem as mulheres...

LUÍS

Trato!? essa é boa! Como costumás tu tratar as mulheres?

PEDRO

Aposto que estás cansado de ser feliz!... Há quanto tempo a tiraste de casa?

LUÍS

Dois meses. Nunca sofri tanto tempo as consequências duma loucura...

PEDRO

Se bem me lembro, não é esta a primeira loucura de tal género...

LUÍS

Pois aí é que está a sandice... Eu já devia saber como sou. A primeira mulher que subtrai às vigilâncias paternais era uma trigueirinha, chamada... chamada... acho que era Angelina... Casei-a com um calafate, vinte dias depois. Sou um homem honrado. Fiz da pequena urna esposa modelo, e uma mãe exemplar. A segunda era uma rapariga bem educada e chamava-se... chamava-se... acho que era Angelina...

PEDRO

Pois também era Angelina?!

LUÍS

Pois a primeira também era Angelina?!

PEDRO

Assim o disseste.

LUÍS

Disse?... Então não sei verdadeiramente o nome de nenhuma... Seria ela. Celestina?

PEDRO

Eu sei cá...! perguntas-mo a mim?

LUÍS

Pois dou-te a minha palavra de cavalheiro, que não sei bem se a terceira é que é Angelina.

PEDRO

Já é a terceira! E que é feito da segunda?

LUÍS

A Angelina?

PEDRO

Sim, seja lá quem for.

LUÍS

Essa... acho que casou, e está numa quinta criando patos, e galinhas do Maranhão.

PEDRO

E a terceira?

LUÍS

A terceira é a Angelina?...

PEDRO

E a quarta é Angelina, e a quinta é Angelina...

LUÍS

Alto lá... quinta é demais: a quarta é esta rapariga que se chama Inês.

PEDRO

E quem é esta mulher?

LUÍS

Pois eu não to disse já?

PEDRO

Quando, se nos vimos, pela primeira vez, hoje em Lisboa, desde que, há dois anos, te deixei no Porto?

LUÍS

Eu te digo... chega cá essa vela (*acende o charuto com dificuldade*). Esta Inês é filha duma beata, visita de minhas tias do Porto.

PEDRO

E que mais!

LUÍS

E tu que mais queres?

PEDRO

Como a seduziste?

LUÍS

A pergunta é tola! Pergunta a esta garrafa como é que ela electriza as almas de guta-percha, e faz dum tupinamba um orador parlamentar, se ele tem a fortuna de ser elegível...

PEDRO

Prometeste casar?

LUÍS

Penso que sim... não minto... sou um homem honrado; mas, se prometi, não faltei ainda. Tenho o infinito como prazo; e, como não invoquei o céu por tabelião nem testemunha, a coisa passou-se entre nos...

PEDRO

Estás aborrecido, é o grande caso.

LUÍS, *abrindo a boca*

Muito aborrecido... Há dois meses... Dois meses, da maneira como agora se vive, são a vida dum homem. As eternidades dos amantes não podem ir além de três semanas.

PEDRO

E estudas o pretexto para te desfazeres da carga...

LUÍS

Parece-me que sim... Preciso ir à ilha de S. Miguel casar com uma parenta rica e velha, e não me lembra maneira nenhuma decente de tirar passaporte só para mim... Tu és homem de imaginação?

PEDRO

Sou uma desgraça a respeito de imaginação. Querias que eu inventasse a maneira decente de te remires do pesadelo?

LUÍS

Dava-te um beijo... Olha lá! que vinhas tu aqui fazer a este hotel, quando hoje te encontrei no pátio?

PEDRO

Vinha visitar um brasileiro, que me foi ontem apresentado no *soirée* do visconde de Cascais.

LUÍS

Que hipopótamo é esse personagem?

PEDRO

É um consumado cavalheiro, homem de muita instrução, muito simpático, e extremamente delicado.

LUÍS

Rico?

PEDRO

Fazem-lhe dois milhões de cruzados.

LUÍS

Não é má fatia!... Tem filhas?

PEDRO

Dizem que tem uma natural.

LUÍS

Em algum colégio?

PEDRO

Não sei: ele não fala nela. O visconde de Cascais deu-me a perceber que este homem se retirara de Portugal por causa dum rapto, e supõe que mudou de nome no Brasil.

VOZ DE FORA

A chave do quarto nº 5.

PEDRO

É ele que pede a chave... Lá está parado, à espera, no corredor.

LUÍS

Diz-lhe que entre.

PEDRO, *para Fernando Soares no corredor*

Sr. Fernando Soares, enquanto não vem a chave, se V. Ex^a quer entrar no quarto deste meu amigo...

CENA III

Os MESMOS e FERNANDO SOARES

FERNANDO, *tocando a mão com a de Pedro*

Pois não, sr. Nóbrega... como passou?

PEDRO

Optimamente. Tenho a honra de apresentar-lhe o meu amigo e patrício Luís de Abreu.

FERNANDO

É do Porto este cavalheiro?

LUÍS

Sou do Porto... Tem a bondade (*aproxima-lhe cadeira, que Fernando não ocupa*).
Serve-se dum cálice de vinho? de genebra? um charuto?

FERNANDO

Muito grato.

LUÍS

É brasileiro, ou português?

FERNANDO

Nasci em Portugal, e estou naturalizado no Brasil. Há vinte anos que deixei esta terra, e volto hoje a reconhecer os monumentos da minha infância..

LUÍS

Pois, senhor, querendo cartas de apresentação para o Porto, com muito gosto...

FERNANDO

Muito reconhecido ao seu favor. Tenho relações comerciais com o Porto, e estas são-me suficiente apresentação.

VOZ DE FORA

A chave do quarto nº 5.

FERNANDO, *faz menção de retirar-se*

Se me dá licença...

LUÍS, *apertando-lhe a nulo*

Meu caro senhor...

FERNANDO, *o mesmo a Nóbrega*

Sr. Pedro da Nóbrega... o meu quarto e o meu préstimo estão às suas ordens. Meus senhores, boa noite. (*Sai*).

CENA IV

PEDRO e Luís

LUÍS

O homem parece fino! Tem um metal de voz insinuante. O que faz o dinheiro!... Ora, meu caro Nóbrega, vou tomar neve ao Suíço... queres vir?!

PEDRO

Vamos; mas vai primeiro ao quarto de D. Inês.

LUÍS

A quê?!

PEDRO

A pobre menina deve estar sofrendo horivelmente... Diz-lhe duas palavras que te não custam nada, e poupas-lhe muitas lágrimas...

LUÍS, *rindo, e reflectindo depois*

Vá lá... vamos ser piegas... (*Vai, e pára no umbral da porta*).

PEDRO, *aparte acendendo o charuto*

Chama-se isto um homem do grande mundo...

LUÍS, *recuando, e voltando as costas para a câmara de Inês*

Temos choradeira!... Boas noites... Vamos, Pedro...

D. INÊS, *dentro com aflição*

Vem cá, Luís... (*Luís, primeiro indeciso, fica, dando a Pedro sinal de sair*).

D. INÊS e LUÍS DE ABREU

D. INÊS

Vem cá, Luís, por piedade!

LUÍS, *afabilidade irónica*

Não é preciso invocar a piedade. Aqui estou, Inês, dos melhores humores para ouvir a vigésima quarta lamentação: mas, se não ordenas o contrário, sê breve, que me está esperando no pátio o meu amigo. Vamos ao importante; porque choras, menina?

D. INÊS

Se não sabes porque eu choro, Luís... como to hei-de eu dizer?

LUÍS

Aí está um enigma, superior à minha inteligência! Que te falta, Inês?

D. INÊS

Falta-me o teu amor, falta-me o que me deste para eu poder esquecer-me de que sou uma mulher... infame...

LUÍS

Infame!... porquê?!

D. INÊS

Esta degradação...

LUÍS

Onde tocam jerarquias mais elevadas que a tua...

D. INÊS

Que resposta, meu Deus!

LUÍS

Não me lembro outra, e a mais acertada foi esta. Pois cuidas que se degrada a mulher que ama?

D. INÊS

Degrada, sim, quando o homem que ela ama...

LUÍS, *ressentimento contrafeito*

Sou eu?... Isso morde um pouco o meu orgulho... Quer a menina dizer que os homens como eu não enobrecem, aviltam a mulher que amam...

D. INÊS

Que amam!

LUÍS

Ou que amaram: entenda a frase como quiser.

INÊS, *suplicante*

Que maneira tão cruel de enganar!... O LUÍS, que te fiz eu? Porque me aborreces assim?

LUÍS

Pois eu posso entender-te? Tens um génio esquisito e eu não sei amansar caprichos, ou não estou para isso.

D. INÊS

Caprichos!... quais, Luís? Será capricho perguntar-te a causa do fastio em que passas comigo duas horas por dia? Será capricho, oh meu Deus! chorar porque não posso sofrer, sem magoar-me, sem morrer, o prémio que me dás, ao cabo de dois meses... de dois meses!... Poucos dias depois que deixei minha mãe, já em ti não havia uma só palavra, um só carinho do homem que me fez esquecer mãe, honra, futuro, e Deus! Que alma tu tens, Luís!... Nem a misericórdia depois do amor! Oh! isto é muito!... eu não quero assim morrer vagarosamente... sozinha, naquele quarto, com a minha vergonha e os remorsos...

LUÍS

Que queres tu, Inês? Habitua-te ao meu génio, e verás que és feliz, como muitas

outras, nas tuas circunstâncias, desejariam sê-lo. Desejas sair? Sairemos, e, quando os meus negócios me privarem de te acompanhar, sairás com o criado. Liberdade recíproca, sem ultrapassar os limites do honesto, é a minha máxima neste género de convenção que liga duas pessoas, de modo que as cadeias não sejam pesadas. Se queres os carinhos de outro tempo, dir-te-ei que não sou hipócrita, nem quero que me agradeças meiguices impostoras. O meu génio é este. Sou uma organização defeituosa, ou perfeita demais; como quiserem. O grande caso é que me não contrario, nem me reformo, porque não sei onde se refundem os homens que saíram defeituosos das mãos da natureza...

INÊS

Eras muito verdadeiro quando, há dois meses, me prometias uma eterna felicidade ao teu lado, como amante, e mais tarde como esposa?

LUÍS

Mas, minha amiga, ainda estamos dentro dessa eternidade que te marquei. Por ora, não faltei à minha palavra.

D. INÊS

Que zombaria!

LUÍS

Valha-nos Deus... não nos compreendemos...

D. INÊS

Eu compreendo, Luís... Abandonada, não é assim?

LUÍS

Por minha vontade, não. Amo-te...

D. INÊS

Amas-me?

LUÍS

Como te amei sempre; e oxalá que eu pudesse inspirar-te inteira confiança neste amor, para...

D. INÊS

Diz, diz...

LUÍS

Para que tu voluntariamente anuísse a um plano de que podemos tirar resultados... para...

D. INÊS

Para quê?

LUÍS

Para se realizarem mui depressa os meus desejos e os teus.

D. INÊS

Que é?

LUÍS

Eu preciso reconciliar-me com a minha família, indisposta hoje comigo por tua causa... Sem reconciliar-me não posso alcançar uma posição social que nos dê uma subsistência magnífica e deslumbrante como eu quero dar-ta, minha Inês. E, para pacificar a guerra que minha família me faz, é necessário convencê-los astuciosamente de que não caso contigo. Ora, para que eles se convençam, convém que tornes à companhia...

D. INÊS, *arrebatada*

De minha mãe? nunca! antes morrer... cala-te, por quem és... Vai, deixa-me que eu preciso desabafar esta aflição nas lágrimas... És um homem feroz, Luís!...

LUÍS, *tomando o chapéu*

E tu és uma pomba de mansidão, Inês... Até mais ver... (*Sai*).

CENA V

D. INÊS, *e depois* D. MARIA

D. INÊS, *seguindo* LUÍS

Escuta... escuta, Luís! (*Segue-o até à porta, e volta soluçando*). Como vós me castigais, meu Deus! Eu não acreditava que o inferno é neste mundo... É, é... Isto é que é ser punida!... Desprezada... abandonada!... Havia isto no mundo, e eu não tive quem mo dissesse... Perdida... A paixão e a inocência podem assim fazer desgraçada uma mulher.... Desprezada por este homem... é incrível... Oh minha querida mãe, se me perdoasses... (*Ergue silenciosamente as mãos aos céus, e exclama depois com energia súbita*). É uma inspiração, não é, meu Deus? Eu obedeço... (*Aproxima-se da escrivaninha com resolução*). Escrever a uma mãe quando se tem perdido tudo... Há corações que nunca ensurdecem. (*Pega na pena*).

D. MARIA, *com um jornal*

Dá licença, minha senhora?

D. INÊS, *enxugando as lágrimas*

Tem a bondade de entrar?

D. MARIA

Seu marido já saiu?

D. INÊS, *perturbada*

Luís?... saiu.

D. MARIA

Vinha fazer-lhe uma pergunta; mas pode ser que V. Ex^a saiba responder-me. É do Porto, não é?

D. INÊS

Sou sim, minha senhora.

D. MARIA

Casualmente vejo neste jornal uma notícia copiada dum jornal do Porto. É um caso bem triste! Eu Leio, e V. Ex^a poderá talvez esclarecer-me o que há de escuro na notícia. (*lê*) «Haverá dois meses que um sujeito de boa família, mas de depravados costumes, natural do Porto, roubou a uma extremosa mãe a sua filha única, o seu amparo, toda a sua riqueza neste mundo onde o quinhão da amargura lhe tem sido abundante. Praticado o rapto, sem poder encontrar-se o infame nem a sua quarta ou quinta vítima, a infeliz mãe desapareceu. (*Viva comoção em Inês*). Pessoas afeiçoadas àquela digna senhora, diligenciaram encontrá-la mas inutilmente. Alguém disse que a viu passar aos Carvalhos, estrada de Lisboa; não há provas, porém, bastantes. E suposto que até hoje não tenham aparecido vestígios, é de crer que a desgraçada mãe se tenha suicidado...»

D. INÊS, *cuja comoção tem crescido desapercebida a D. Maria*

Ah!... Jesus.... Jesus.... (*Fica em letargo por momentos; convulsiva depois, é transportada por D. Maria a um canapé*).

D. MARIA

O que fiz eu, meu Deus! (*Toca uma campainha*). Eu estou doida com semelhante acontecimento! (*Toca de novo a campainha*). Menina, não ouve? (*para o criado que chega*). Vem aqui ajudar-me a sustentar esta senhora... Sr^a D. Inês... Que gelo! (*apalpando-lhe as mãos*).

CENA VI

Os MESMOS, UM CRIADO, e FERNANDO SOARES, *no corredor*

D. MARIA

Sr. Soares, faz favor de entrar?

FERNANDO

Que é? Está sem sentidos esta senhora? Que aspecto tão aflito!

D. MARIA

É uma desgraça...

FERNANDO

Isto é habitual ou foi algum desgosto?

D. MARIA

Uma surpresa, uma imprudência minha...

FERNANDO, *tenteando-lhe o pulso*

Penso que vai passar esta situação... Dar-se-ia um reflexo de sangue ao coração? Veja a velocidade das pulsações no seio...

D. MARIA

Parece que salta...

FERNANDO

O pior é uma congestão... espere... as pálpebras estremecem...

D. MARIA

Eu preciso dizer tudo como se passou... Não posso com a responsabilidade da minha imprudência... mas eu não podia prever semelhante coisa...

FERNANDO

Fale, sr^a D. Maria...

D. MARIA

Queira ler a notícia desse jornal que está no chão.

FERNANDO, *lendo e depois de uma abstracção profunda*

É esta a pessoa de quem aqui se faia?

D. MARIA

Sim, senhor.

FERNANDO

O que a roubou é um homem que me foi apresentado há pouco, chamado...

D. MARIA

Luís de Abreu.

D. INÊS, *convulsiva*

Que é?

D. MARIA

Menina... olhe... não me vê?... Isto não pode assim demorar-se... um médico... já...
(*o criado sai*). Que hei-de eu fazer, senhor!?

FERNANDO

Que hei-de eu aconselhar-lhe? É uma enfermidade que não obedece à farmácia improvisada das consolações... Seria uma felicidade se chorasse: não conheço outro desafogo para estas angústias... (*reparando para o jornal*). Como se chama essa senhora?

D. MARIA

Inês.

FERNANDO, *em sobressalto reprimido*

Como? Inês!?

D. MARIA

É o nome que ela deu... Conhece-a?!

FERNANDO, *com atribulada reconcentração*

Um favor importante, minha senhora. Queira deixar-me só com ela... É necessária muita energia de homem para romper a escuridade que neste momento cerra o coração

desta pobre senhora. Eu sinto-me com vontade e força para fazer-lhe compreender que me interessa por ela... V. Ex^a fia de mim esta senhora por alguns minutos?...

D. MARIA

Eu... senhor... receio que esse homem entre...

FERNANDO

Não receie. Tomo sobre mim toda a responsabilidade do melindre... Conceitue-me como um homem de muita honra, sr^a D. Maria... (*Inês ergue-se*). Tem a condescendência de sair? (*D. Maria sai. Fernando fecha a porta com a chave*).

CENA VII

FERNANDO e D. INÊS

FERNANDO, *aparte*

Horrível experiência! (*Para Inês*). Queira sentar-se, minha senhora.

D. INÊS

Quem é o senhor?

FERNANDO

Um homem que, desde este momento, não pode ser-lhe indiferente. Eu também vi a notícia deste jornal, e V. Ex^a ouviu ler, sem reparar que se não dá nem ao menos como provável o suicídio de sua mãe.

D. INÊS, *reanimada*

Não?

FERNANDO

Decerto não: diz-se apenas que sua mãe desapareceu. Pode ter desaparecido, procurando-a; pode a estas horas estar bem perto da filha que lhe foge; pode ter procurado esconder na obscuridade a sua vergonha. Tenho que fazer-lhe um serviço. Vou eu mesmo indagar o destino de sua mãe; empregarei para encontrá-la quantos esforços empregaria um filho. Em menos de oito dias, V. Ex^a pode ter a certeza de que sua mãe vive...

D. INÊS, *com efusão*

Bem haja, bem haja, meu benfeitor; mas depressa, antes que eu morra...

FERNANDO

Preciso, porém esclarecimentos. Já sei que é do Porto: onde é que morava no Porto?

D. INÊS

Na rua do Rosário.

FERNANDO, *agitado*

Desde quando?

D. INÊS

Desde que nasci.

FERNANDO, *sufocado*

Como se chama sua mãe?

D. INÊS

Miquelina de Campos.

FERNANDO, *deixando cair o jornal, e enxugando o suor na fronte*

Miquelina... (*silêncio*).

D. INÊS

Basta saber isto?

FERNANDO

Basta, basta saber isto... Quantos anos tem?

D. INÊS

Vinte e dois.

FERNANDO

Vinte e dois... (*aparte*) E se a demência me surpreende!... Isto é morrer!... (*Ergue-se a beber água dum copo de sobre a mesa de jantar*).

D. INÊS

É possível saber-se, senhor?

FERNANDO, *aparte*

A última punhalada.. (alto) Quem foi seu pai... este jornal não fala dele...

D. INÊS

Não conheci meu pai!

FERNANDO

Morreu?

D. INÊS

É um segredo de minha mãe... ainda que eu o soubesse não o descobriria.

FERNANDO, *com ira reprimida*

Para não desonrá-la? E a sua desonra não lhe importa que seja pública?

D. INÊS, *suspensa*

Que diz, senhor?!

FERNANDO, *mudando de tom*

Nada... E este homem prometeu-lhe ser seu marido?

D. INÊS

Não respondo a semelhantes perguntas feitas por um estranho... não sou obrigada.

FERNANDO

É.

D. INÊS

Como?

FERNANDO

Desculpe-me, minha senhora... A compaixão que me está inspirando faz-me sair dos limites de um mero estranho que lhe quer ser útil... Desculpe-me até por estes cabelos brancos... V. Ex^a ama este homem?

D. INÊS

Amo!... pois não tenho eu dado uma prova bem segura de que o amo?!

FERNANDO

É amada?

D. INÊS

Que perguntas, meu Deus... Martiriza-me, senhor... Eu não quero as suas consolações.

FERNANDO, *colérico*

É amada por ele?

D. INÊS

O senhor aterra-me!...

FERNANDO

Ainda não senti bem dentro o horror da sua situação. Inês é uma mulher perdida!

D. INÊS

Senhor!...

FERNANDO

Está a cair desamparada na extrema miséria...

D. INÊS

Oh! cale-se, por quem é!

FERNANDO

Matou sua mãe, e vai cada dia salpicar-lhe de lama a sepultura. Essa máscara de falsa vergonha que ainda hoje sustenta há-de cair-lhe amanhã, e depois, Inês, hão-de apontá-la ao dedo... é a devassa... a matricida, que vai passando...

D. INÊS

É horrível, meu Deus, é horrível!... O senhor... pelas chagas de Cristo!... (*ajoelha*).
Batem com estrondo na porta.

LUÍS, *fora*

Abre, Inês!

D. INÊS, *erguendo-se*

É ele...

FERNANDO, *retendo-a*

Ele... quem? (*sorrindo*).

D. INÊS

Deixe-me, que é Luís... (*A porta é arrombada por um em puxão*).

CENA VIII

Os MESMOS e Luís DE ABREU

LUÍS, *serenamente, fumando*

Quadro interessantíssimo!... Não se assustem por quem são... Eu vi Desdémoma ajoelhada aos pés do mouro; mas troco por um cálice de vinho a situação de Otelo. (*Bebe*).

D. INÊS

Luís... que julgas tu?... Diz-mo por misericórdia...

LUÍS

Eu não julgo nada que não seja deste patusco planeta, chamado terra. Esteja a *san aise* sr.... sr.... sr.... já me esqueceu a sua graça... sr. brasileiro. Eu sou o homem mais cordato, a alma mais ingénua que vive na crusta do globo. Não há maroteira que me espante... Nada de susto.

FERNANDO, *sorrindo*

Eu não estou assustado, senhor.

LUÍS

Ainda bem... Recolha-se ao seu quarto, menina, ou antes ao seu camarim; nobre senhora Maria de Rohan de contrabando... Então? Hesita? Eu já não mando aqui?

D. INÊS

Oh Luís... é bárbaro matar assim uma mulher que te pede de joelhos que a escutes... Estou inocente.

LUÍS

Eu abomino a caricatura... Recolha-se que eu tenho de falar com este cavalheiro...

D. INÊS

Não, não me erguerei dos teus pés, sem que...

FERNANDO, *imperioso*

Levante-se, mulher! (*Ela ergue-se e retira-se*)

LUÍS

Isso é que é intimativa, cavalheiro... E o caso é que ela obedeceu!... O negócio está mais adiantado do que eu supunha... Ora... sente-se aqui, meu caro patrício. O senhor, pelo que vejo, crê que a propriedade é um roubo... Comunismo! viva o comunismo! eu também sou da escola ilustrada... Parece-me que V. S^a está tranquilo...

FERNANDO

O mais que se pode estar... não obstante recomendo à sua bondade a economia possível de palavras.

LUÍS

Eu também gosto do laconismo. O senhor deve saber que esta mulher não é minha mulher, nem é crivei que venha a sê-lo. Se ã fosse, ou tivesse de o ser, V. S^a a estas horas tinha passado à eternidade, com a sua reputação de milionário, e três balas na cabeça.

FERNANDO, *rindo*

O senhor é interessantemente cómico... Três balas!...

LUÍS

Ri-se? Pois valeu!... levemos isto a rir. A grande questão é: gosta da rapariga?

FERNANDO

Quer trespassar-ma?

LUÍS

De mão beijada e dízima a Deus. Está incomodado? (*Fernando ergue-se convulsivamente*).

FERNANDO

São nervos... e uma moléstia que me ataca na Europa... Eu aceito o trespassse.

LUÍS

Fala seriamente?

FERNANDO

Muito seriamente... Por quanto vende o senhor a mulher?

LUÍS

Por quanto vendo? Eu não vendo...

FERNANDO

Então eu não aceito.

LUÍS

Ah! já entendo... O senhor não quer perder os hábitos do Brasil...

FERNANDO

Tenho escrúpulos em tal contrato se ele não for bilateral. V. S^a há-de aceitar-me uma indemnização qualquer...

LUÍS

O senhor é um grande esquisito.

FERNANDO

Eu saberei indemnizá-lo do modo mais delicado; mas V. S^a não há-de recusar uma gratificação pela cedência que me faz. O segredo morre entre nós três; e a minha consciência, que realmente é célebre, fica tranquila. Quer?

LUÍS

Entrego-me à discrição.

FERNANDO

Que tenciona o senhor fazer para deixar-me livre o terreno?

LUÍS

Amanhã deixo Lisboa.

FERNANDO

E ela fica neste hotel?...

LUÍS

Bem claro... deixo-lhe carta de alforria...

FERNANDO, *sorrindo*

De alforria, justamente... é essa a palavra jurídica... e depois...

LUÍS

Como V. S^a se entende perfeitamente com ela, cá fica... (*Tropel, e vozes*).

CENA IX

Os MESMOS, D. MIQUELINA, D. MARIA, e depois D. INÊS

D. MARIA

Menina, menina, aqui está sua mãe!

D. MIQUELINA, *espavorida, erguendo o véu preto*

Minha filha, minha filha! (*Terrível comoção em Fernando, que volta a face da luz*) Onde está ela? (*Vendo Luís*) Senhor Abreu, onde está minha filha?

D. INÊS, *delirante*

Aqui, aqui estou, minha mãe (*abraçam-se*).

FERNANDO, *aparte a Luís*

É melhor sairmos.

LUÍS

Diz bem.

FERNANDO

Para o meu quarto. (*Saem*).

CENA X

D. INÊS, D. MIQUELINA e D. MARIA

D. MIQUELINA

Eu não venho amaldiçoar-te, filha...

D. INÊS

Não venha, não venha, minha mãe... A maldição... a sua maldição sobre tal desgraçada não agradaria a Deus... Poupe-me a essa tortura... que eu conheço todas as outras... Tenho o coração despedaçado... Abençoe-me, já que ressuscitou para mim... abençoe-me, que eu estou nas agonias da morte...

D. MIQUELINA

Não estás, meu anjo... quero que vivas... Deus não quer a tua morte e a minha... tua mãe precisa de ti... Havemos de acostumar-nos à vergonha, se não há nada que salve dela... Viveremos, viveremos sem escandalizar ninguém com a nossa presença... (*D. Maria retira-se*).

D. INÊS

Mãe, não posso...

D. MIQUELINA

Inês... eu não te tirei nada do amor que te tinha... Ninguém sabe ser desgraçada, e ser mãe como eu sou... Inês, vive para meu amparo...

D. INÊS

Ai! é impossível!... Eu, quando fugi dos seus braços, já sabia que não podia tornar a eles senão cadáver. Abrace o cadáver de sua filha, minha mãe...

D. MIQUELINA

Não posso nada sobre o teu coração infeliz?

INÊS

Pode muito... Porque não veio uma hora antes?... Se morrer assim, morro perdoando... Pode morrer-se santa com o crime escrito na face... O mundo não sabe o que se tem passado na minha alma... Eu tenho chorado por mim e por todas as infelizes nas minhas circunstâncias... Não há ultraje que eu não tenha conhecido... Fez ontem dois meses que a deixei, mãe, minha santa mãe... Que dois meses!... Sentir ao pé de mim arrefecer minuto a minuto o coração do homem que amei, que amo, sem poder ver-lhe os defeitos... Ele a ferir-me com toda a sorte de desprezos, e eu... a cicatrizar com lágrimas, choradas no coração, na alma, no amor próprio... Invocar a compaixão surda do céu, e as esperanças a morrerem!

D. MIQUELINA

Chora, chora, minha filha.

D. INÊS

Um dia era terrível, mas o dia seguinte era pior... Ontem longas horas de silêncio, hoje uma ironia, amanhã, um escárnio... Um encadeamento de crueldades novas para mim... Eu não pensei que se tinha alma para tanto... Se choro, consolam-me com uma zombaria; se mostro um sorriso de paciência, chamam-me alma de lama... Aqui tem a minha vida com este homem... há dois meses...

D. MIQUELINA

Alma, minha querida mártir... abandona-te a mim... Eu já chorei assim, contigo nos braços, criancinha dum ano... Mataram-me há vinte anos, e um milagre conservou-me de pé, ao teu lado, porque eu não podia fechar sobre mim uma sepultura, e deixar-te sozinha na terra... Paga-me esta dívida... não me deixes no fim da vida, porque eu te amparei no princípio da tua... vence a paixão e a vergonha com tua mãe no coração.

D. INÊS

Não posso, não posso... é um segredo... há-de ouvir-mo logo... e depois um confessor...

D. MIQUELINA

Oh minha filha... tu aterra-me com o maior dos crimes... Envenenaste-te? responde!...

CENA XI

As mesmas e FERNANDO SOARES, embuçado.

FERNANDO, *parando ao pé do grupo*

Eis aqui uma mãe digna de tal filha.

D. MIQUELINA, *aterrada*

Que voz é esta?

FERNANDO

Quer muito a essa filha?

D. MIQUELINA

Se lhe quero!...

FERNANDO

Perdoou-lhe?

D. MIQUELINA

Virgem santíssima!... isto é um delírio!...

FERNANDO

Perdoou-lhe?

D. MIQUELINA

Perdoei...

FERNANDO

Não sente na presença dela a vergonha escaldar-lhe o rosto?

D. INÊS

Que homem é este, minha mãe?!

FERNANDO

Está justificada a desonra da filha... vê-se que a desgraçada teve toda a liberdade para ser o que é...

D. MIQUELINA

Que posso eu fazer?

FERNANDO

Se não tem um braço capaz de cravar um punhal no alçófar de sua filha, entregue-o ao carrasco...

D. MIQUELINA

Mas ela ama-o!

D. INÊS

Sim... sim...

D. MIQUELINA

E eu queria que ele fosse seu marido...

FERNANDO, *rindo*

Seu marido! não quero!...

D. MIQUELINA

Agora, sim, compreendi tudo... (*com o rosto escondido entre as mãos*).

D. INÊS

Que é, minha mãe?... diga, diga...

D. MIQUELINA, *apontando, sem encará-lo*

Este homem... este homem é...

FERNANDO, *interpondo-se com a face somente visível a D. Miquelina*

Quem pode ser este homem, senhora? (*Miquelina solta um grito, e Fernando, pondo o dedo nos lábios, obriga-a a calar-se*).

D. MIQUELINA

Justiça de Deus!... (*Vai cair perturbada sobre uma cadeira. D. Inês quer socorrer a mãe. Fernando coloca-se entre ambas, e aponta-lhe imperiosamente o quarto. Inês vai como arrastada por uma força invencível*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

O mesmo cenário do primeiro acto, excepto o aparato do jantar. É noite: a cena está apenas alumiada por uma veia.

CENA I

D. MARIA E O MÉDICO

D. MARIA, *apontando o quarto de Inês*

É este o quarto, sr. doutor.

MÉDICO

A que horas supõe a senhora que ela se envenenou?

D. MARIA

Hoje às nove horas, pouco mais ou menos. Tem tido agonias, suores frios, mas não quer deitar-se; conserva-se a pé, e parece que tem intervalos de descanso. (*Vê-se no corredor Fernando Soares*).

MÉDICO, *observando o relógio*

É meia noite... Aparece algum vidro ou boceta suspeita de veneno?

D. MARIA, *tomando-a sobre a mesa*

Esta bocetinha, com um resto de pó...

MÉDICO, *examinando*

Tornou arsénico, mas a dose foi' pequena... Vamos. (*Entra com D. Maria*).

CENA II

FERNANDO SOARES

Escuta à porta da câmara de Inês e vai sentar-se no mais sombrio da sala

FERNANDO

É esta a minha coroa de glória depois de vinte anos de luta!... Não cuidei que tinha alma para estes espinhos... Decepção tristíssima para um homem que vem à pátria, envelhecido no trabalho, tragando além todas as afrontas, abafando até os brados da consciência... matando todos os sentimentos bons do coração, para salvar um só... a esperança de uma filha... uma amiga no fim da vida... um prémio a tribulações de vinte anos... Encontro a ignomínia, e a ignomínia que se não reabilita com dois milhões. A

impotência do dinheiro!... Travei um duelo com os reveses... cuidei que o ouro era uma arma invencível... quebrou-ma nas mãos a desgraça... Que terrível combate de pensamentos nesta cabeça!... Não se endoucece de aflição e vergonha!... Ainda não tive uma verdadeira resolução de matar este homem... E que homem!... como ele dorme tranquilamente sobre o meu leito!... Há espantosas organizações! (*Sorri.*) Que importa? Nada o salvará... Alguma vez hei-de triunfar desta zombaria infernal que me escarnece.

CENA III

D. MIQUELINA, *vindo de fora, com um criado do hotel, e depois Maria*

D. MIQUELINA, *para o criado*

Muito agradecida... (*o criado sai*).

D. MARIA, *saindo do quarto de Inês*

Já de volta, minha senhora? Que se passou?

D. MIQUELINA

Com a carta do sr. Fernando Soares fui logo recebida pelo governador civil. Tratou-me muito bem... Deu ordens imediatamente. Eu queria agradecer ao cavalheiro, seu hóspede, este serviço.

D. MARIA

Ele aparecerá. O médico está lá dentro... vou mandar já, já à botica... entre, entre... (*Sai*)

CENA IV

D. MIQUELINA E FERNANDO SOARES

D. Miquelina encosta-se a um tremó, coma reanimando-se antes de entrar

D. MIQUELINA, *sem ver Fernando*

Tornarei eu a vê-lo, meu Deus?! Seria ele!...

FERNANDO, *meia voz*

Senhora D Miquelina.

D. MIQUELINA, *espavorida*

Quê!...

FERNANDO

É deste lado que a chamam... A hora é a dos fantasmas; mas tudo aqui é natural como a desgraça, e sensível como a dor das chagas que fecham.

D. MIQUELINA, *indo na direcção da voz*

Carlos!...

FERNANDO, *erguendo-se*

Carlos, não. Esse homem está morto no coração deste outro que aqui vê... (*ela ajoelha.*) Que é isso? Nem na mulher que se amou pode tolerar-se uma posição humilhada... De pé, com a fronte bem altiva, e o coração bem soberbo daquele nobre orgulho de pai.

D. MIQUELINA, *sem erguer-se*

Eu tenho direito à tua comiserção, Carlos... Eu não me engano... é impossível que não sejas... Tu não vens matar-me, não?...

FERNANDO, *levantando-a*

Matá-la! Quem lhe disse, senhora, que eu venho, sequer, infligir-lhe um castigo que as suas lágrimas pretendem suavizar? Eu não a acuso... nem isso!... Peço-lhe só conta da minha filha... É aquela mulher desonrada que ali está dentro?

D. MIQUELINA

Não poderei eu morrer neste momento, meu Deus?!

FERNANDO

Não pode, porque todos temos um destino a cumprir... A Providência não derroga as suas leis. Falta-lhe alguma causa neste mundo, senhora... Pois eu porque vivo ainda? Toquei a margem de todos os abismos, e fiquei em pé. Não era bem natural que eu tivesse caído? O meu abismo era aqui... Um homem foi, o outro é hoje... O homem das alegrias, das esperanças passou; e o simulacro de homem, com cada fibra apertada numa tortura, ficou... É certo que o mau anjo venceu o bom; sinto o desconforto do céu; mas para alguma cousa o demónio me conserva. Só assim se explica a minha existência aos quarenta anos... Não se vencem, sem predestinação, as angústias que eu pisei debaixo do pé triunfante. Trabalhei vinte e dois anos para chegar a isto... (*com ironia*). Abençoado trabalho... Ora pois... é esta Inês uma criancinha que eu lhe deixei nos braços há vinte anos? Diga, diga, que eu estou sentindo em mim o homem do passado...

D. MIQUELINA, *soluçando*

É.

FERNANDO

Nunca lhe falou em seu pai?

D. MIQUELINA

Não... julgava-te morto...

FERNANDO

Julgou bem... Pudera ter-lhe dito: «Teu pai, filha, foi uma boa alma que eu amei muito. Eu era filha dum fidalgo, muito fidalgo, muito pobre, e muito desonrado para manter o emprestado luxo da sua posição. Ele era um simples escriturário dum cartório; mas sem uma nódoa que reflectisse desonra na memória de seus avôs plebeus. Disse-lhe que me tirasse de casa, quando a tua existência, filha, vinha dar testemunho dum grande crime... Eu saí sem uma jóia que valesse dez réis. O amanuense trabalhava dia e noite para alimentar-me. Adorava-me, obedeceu-me. Meu pai descobriu o raptor, que pôde salvar-se. A ele perseguiu-o em toda a parte, e a mim fechou-me num quarto sem luz nem ar. Teu pai, fugitivo, teve sede, e frio, e fome: mas as esperanças aqueciam-no, e alimentavam-no, O desgraçado parece que tinha orgulho de sofrer por mim. Nunca teve um instante de arrependimento! Meu pai empregou a branda persuasão para dissuadir-me de tão monstruoso amor. Disse-me que era menos ignominioso ficar solteira e mãe que ser casada com um amanuense de tabelião. Os fidalgos meus parentes rodearam-me, e... convenceram-me. Acreditei-os... julguei-me infamada, vacilei, arrependi-me, e reneguei uma paixão indiscreta. Quiseram que eu te lançasse dos meus braços, filha do plebeu, vergonha de meus avós; mas não pude tanto. Fui eu, se não expulsa, encerrada em uma obscura casa, recebendo alimentos que meu fidalgo pai me arremessava com desprezo... Teu pai era ainda perseguido... Uma noite vi-o ao pé de mim... foi a primeira e última vez que te vi... tinha-te nos meus braços, criancinha de três meses... «Foge comigo – disse-me ele... –; dirás a bordo do navio que és mulher do marujo Fernando...» «Não fujo... – respondi-lhe eu – meu pai amaldiçoa-me, e eu temo as penas do inferno.» Teu pai saiu... e depois...

Fez bem não contar isto a sua filha... Não há mãe que se enobreça com semelhante história. Há fragilidades que honram uma mulher, mas não são estas... O conto assim não é edificante nem pela virtude, nem pelo heroísmo da paixão... D. Miquelina temeu então as penas do inferno... hipocrisia... penas do inferno são estas, não lhe parece?

D. MIQUELINA

São... são... Ó Carlos, porque me não perdoas?

FERNANDO

Pois eu condeno-a?!

D. MIQUELINA

Ajuda-me a salvar a nossa filha!...

FERNANDO

Como é que se salvam estas mulheres?... Não devo ouvi-la mais, senhora... ouço

passes... Absoluto silêncio a meu respeito... Entre no quarto de sua filha... Vá vê-la morrer... (*D. Miquelina entra no quarto de Inês*).

CENA V

FERNANDO, e depois UM CRIADO

FERNANDO

Como esta mulher foi bela!... Passaram só vinte anos... O que terá ido naquele coração para que a face envelhecesse assim!... Vinte anos!... Chora-se, quando se vê assim a mulher que se viu vaidosa da sua formosura, cercada de tudo que adoça a existência, e não deixa assaltá-la o pensamento da velhice desgraçada... Esta é que é uma Miquelina que eu amei!... A vida!... A vida!...

CRIADO

O sr. Luís de Abreu disse-me agora que fizesse sair as malas dele, sem que se desse fé; minha ama não quer que eu faça nada sem dar parte a V. S^a e como o vi entrar para aqui...

FERNANDO

Vai dizer ao sr. Luís de Abreu que entre nesta sala que eu estou aqui. (*O criado Sai*). Aproxima-se um terrível momento!... Que deliciosa existência esta!... Quem invejará os milhões deste homem!...

CENA VI

FERNANDO, e D. MARIA

D. MARIA

Pois estava aqui? Sabe as ordens do malvado?

FERNANDO

Sei.

D. MARIA

D. Miquelina falou com o governador civil...

FERNANDO

Sei tudo.

D. MARIA

Entrou no quarto da menina?... Sabe como ela está?

FERNANDO

Não sei... (*D. Maria entra, levando um vidro de remédio, ao quarto de Inês*).

CENA VII

FERNANDO SOARES e LUÍS DE ABREU

FERNANDO, *anda só*

Quem poderá compreender estas agonias? Muito forte é o homem, até desamparado da providência!...

LUÍS, *fumando e espreguiçando-se*

Estas trevas são românticas... Parece que descí à região das sombras... Sabe o senhor que acordei com um péssimo sabor na boca! Sinto uma desagradável preocupação no estômago...

FERNANDO, *sorrindo*

É admirável a fortaleza do seu espírito! Converte as tragédias em farsas admiravelmente!

LUÍS

Pois a vida sem isto pode lá sofrer-se!... Que me diz o senhor de novo? A mãe de Inês adormeceu, ou tem- feito bravuras? Naturalmente está lá dentro com a dona da casa... Sabe que mais? Palpita-me que não vai por diante a nossa convenção...

FERNANDO

Porquê?

LUÍS

A pequena cá pelos meus cálculos, vai para o Porto com a mãe, e o meu amigo segue-a, e espreita ocasião propícia para a tomar de assalto... E acho que faz bem...

FERNANDO, *risonho*

Linguagem técnica com que V. S^a trata estas matérias! Afigura-se-me um homem prodigioso o sr. Abreu! A minha vontade era estudar-lhe o interior da cabeça.

LUÍS

Achava uma cabeça perfeitamente organizada, segundo correm os tempos.

FERNANDO

E o coração?

LUÍS

O coração é um músculo oco, dizem os anatómicos.

FERNANDO, *solene*

Oco não... o seu está cheio... é o repositório de todas as fezes, a máquina onde se trabalham primores de arte de perversidade, de infâmia, de... (*mudança de tom*). Desculpe o vocábulo que é forte, meu respeitável senhor... (*toca-lhe no ombro*).

LUÍS, *rindo*

Palavra de honra... pensei que o sr. ia formalizar-se!... Teria muita graça a. sua austeridade, à última hora!...

FERNANDO

À *última hora*... diz muito bem... Queira dizer-me, sr. Abreu: esta aventura decerto não é a primeira que desfruta?... Antes desta rapariga, algumas outras devem ter deixado um rasto de lágrimas para a. última que se segue...

LUÍS

V. S^a está sentimental!

FERNANDO

Não, senhor: é que falo sempre assim em linguagem de romance.

LUÍS

À Paulo de Kock?... Isso é da tragédia em cinco actos... linguagem de *centro*...

FERNANDO

Ora responda sério, cavalheiro: têm sido muitas as conquistas?

LUÍS, *com fatuidade*

Algumas... Tenho matizado a vida o melhor que pude; mas hoje sinto-me um pouco abatido, e voto de preferência por as delícias do estômago... Fiz o que poucos fazem.

FERNANDO

E não tem encontrado nunca um florete, uma bala, um punhal...

LUÍS

Nem receio disso. A sociedade está suficientemente corrompida para me não chamar a contas de moralidade. A virtude é contrabando entre nós. Se nos agarram com ela, perde o tempo, e os lucros. A corrupção mata a energia dos bríos, e recebe todas as imoralidades como factos consumados. Quem puder, goze... «Os mortos vão depressa», diz a balada; mas os vivos não vão muito devagar. Eu penso assim, e tenho cá as minhas razões... *Je suis l'enfant de mon siècle...* Os franceses é que sabem viver... Aqui é necessário educar esta sociedade...

FERNANDO

Sim!? não cuidei que vivíamos no gozo de uma liberdade tão plena de ensinar... Por isso V. S^a estranhou, sorrindo, a minha austeridade à última hora... Quem cá vier ensinar a doutrina. da honra, deve de ser bem ridículo!... Mas... quem sabe se o sr. Abreu vive enganado com a sociedade!... Pode ser que V. S^a tenha tido a ventura de encontrar as excepções... É impossível que a regra seja o que o senhor julga... Eu sou um frágil membro desta sociedade, tenho sentido o contacto de todas as pústulas, e não me sinto tão gangrenado! Posso até afiançar-lhe que, na posição desgraçada do pai dessa mulher que aí está dentro em agonias... V. S^a a estas horas – deixe-me parodiar a sua frase de há pouco – tinha passado à eternidade, com a sua reputação asquerosa, e pelo menos uma bala na cabeça...

LUÍS

Essas excelente teorias variam muito na prática. É o inconveniente de todos os sistemas filosóficos. Um homem não se mata como quem mata um javali: é uma cousa muito séria matar um homem acordado... Mas, deixemo-nos de hipóteses fúnebres, meu estimável cavalheiro. Não estabeleçamos dialéctica de moral, visto que não há auditório. Eu entendo que o mais lógico na minha situação é retirar-me. Receio algum passageiro incómodo que possa dar-me a justiça, movida pela mãe de Inês.

FERNANDO

Quer retirar-se já?

LUÍS

À cautela... Uma boa retirada vale uma feliz batalha... É cá um dos aforismos da minha estratégia... Cada espécie tem o seu Napoleão.

FERNANDO

Então vamos saldar contas.

LUÍS

Contas?! Eu não lhe devo nada...

FERNANDO

Eu é que sou o devedor, o devedor honrado, meu amável senhor. Pois não ficámos em V. S^a aceitar-me uma gratificação pela cedência?

LUÍS

Deixemo-nos de celebrações, meu amigo... (*Vai retirar-se: Fernando retém-no*).

FERNANDO, *toca uma campainha*

Queira esperar.

LUÍS, *aparte*

Que quer dizer isto? Teremos asneira?...

CENA VIII

Os MESMOS e D. MARIA

FERNANDO, *a D. Maria*

A senhora D. Inês que entre nesta sala.

D. MARIA

Está-se esperando o efeito do remédio... Está sofrendo muito... é impossível vir por seu pé.

FERNANDO

Que entre nesta sala, e só. (*D. Maria entra no quarto*).

LUÍS

Que quer o senhor fazer? A que vem Inês aqui? O senhor não responde?! Eu retiro-me...

FERNANDO, *voltando de fechar a porta*

Eu não fecho a porta com medo que o senhor se retire... é que não quero que nos ouçam. Pois V. S^a não quer ver os efeitos do veneno na face dessa mulher que aí vem!? É um estudo curioso...

LUÍS

Mas o que quer dizer isto?!

FERNANDO

Quer dizer que o sr. Luís de Abreu não tem da sociedade em que vive um conhecimento perfeito... Esta sua última imoralidade não *foi ainda recebida como facto consumado*.

CENA IX

Os MESMOS e D. INÊS

D. Inês, desfigurada, exprimindo sempre grande agonia; Fernando indica-lhe um canapé, e ela senta-se.

D. INÊS

Minha mãe não veio?! porque não está aqui minha mãe!? Ela disse que vinha comigo...

FERNANDO

Não está aqui, porque nem tudo se pode dizer diante de sua mãe...

D. INÊS

Pode... não tenho segredo nem desgraça que ela não conheça... Quero aqui minha mãe.

FERNANDO

Para quê?! Não lhe basta o amparo deste cavalheiro por quem trocou sua mãe?... Onde está o homem que se ama, estão resumidas todas as necessidades de uma mulher extremosa...

D. INÊS

Pois eu vim aqui para me escarnecerem?!... Deixem-me morrer... dêem-me um confessor que quero salvar a minha alma... A zombaria comigo é uma crueldade que eu não mereço a ninguém, é muito menos a ti, Luís... (*estendendo-lhe a mão*) Adeus... Depois de tantas amarguras, de tantos aviltamentos... perdoo-te... (*Ergue-se com transporte para tomar a mão de Luís, que não ousa fixá-la, e Fernando obriga-a a afastar-se com ímpeto colérico, e muda logo para o sorriso*).

FERNANDO

Pois tem a suspeita de que foi muito aviltada, menina? Reanime-se que vai ser feliz: eu vou cicatrizar as feridas rasgadas pelo ar. Luís de Abreu. Este cavalheiro acaba de fazer-me uma cedência amigável.

LUÍS, *colérico*

Senhor!

D. INÊS

Que ouvi, meu Deus! Uma?

FERNANDO, *tranquilo*

Eu menti, sr. Abreu? Essa irritação é incoerente com o seu carácter franco... Nada de biocos de honra sobreposse. O segredo é de três.

LUÍS, *cerrando os punhos em ameaça*

Isto é uma covarde traição!

FERNANDO, *severamente*

Não é traição: é que sou muito acautelado nos meus contratos. Para provar-lhe que não falto à menor condição estipulada, e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos, vou dar-lhe a gratificação prometida. (*Abreu recua alguns passos. Fernando atira-lhe à face uma bolsa.*)

D. INÊS, *erguendo-se em fuga*

Minha mãe, minha mãe!... (*Luís de A breu tira um punhal e acomete-o; Soares uma pistola, sem recuar; A breu pára, e contemplam-se silenciosamente.*)

CENA X

OS MESMOS, D. MIQUELINA, D. MARIA e O MÉDICO

D. MIQUELINA, *saindo do quarto*

Filha, filha, que é?

D. INÊS, *com a face escondida no seio da mãe*

Morro!... ouvi, uma coisa horrível!... Desfaz-se-me o coração... Agora sim... mataram-me!...

FERNANDO, *para A breu*

Até que enfim encontrou um estorvo... A perversidade não lhe inspira nada? Tudo isto lhe parece um sonho desagradável... e nada mais? Acorde, e possua-se bem da majestade desta cena. Um conquistador da sua força deve ter espectáculos destes para contar. Feitos tais são os que fazem a reputação dum elegante... Dar-se-á o caso que o senhor esteja gozando voluptuosamente aquele quadro?! (*aponta o grupo de mãe e*

filha). Olhe... e uma mãe penitente abraçando uma filha desonrada... Aquilo é triste... Chora o coração... São pobres. Aquela filha tem de mercadejar a subsistência de sua mãe... A caridade pública promete recebê-las a ambas num hospital. Quer V. S^a por grande misericórdia lançar uma moeda de cobre no regaço daquela mulher? Barato lhe fica tamanho triunfo! (*obrigando-o a encará-las*). Porque não há-de vê-las, senhor? São a sua obra... Reveja-se bem naqueles troféus... Vá agora cuspir na face de ambas... (*com terrível reconcentração*). Aqui tem o senhor um braço cuja energia a corrupção não enfraqueceu... Posso até asseverar-lhe que o catálogo das sua vítimas acaba ali.

LUÍS

Compreendo que o senhor é um assassino, e assassino por gosto... Ameaça-me com a morte, sem algum título nobre que possa desculpar esse procedimento.

FERNANDO, *quase ao ouvido*

Tenho a franqueza de querer justificar-me aos seus olhos, infame... O senhor sabe o que é ser assassino mas não sabe o que é... o que é... ser pai...

LUÍS, *assombrado*

Seu pai!...

D. INÊS

Que disse ele!

D. MIQUELINA

Sim, sim, teu pai! de joelhos... de joelhos, minha filha!...

D. INÊS, *como arrastada*

Não é possível... estou passando pelo delírio de uma febre... é o veneno...

D. MIQUELINA

Não, Inês... é teu pai... ajoelha comigo...

FERNANDO, *severamente*

Afastem-se...

D. INÊS

Que eu não morra sem o seu perdão... Estou envenenada... pouco posso viver... Não me amaldiçoe!

D. MIQUELINA

Carlos! tua filha que se ajoelha... escuta-nos... Ela morre sem ter ouvido de seu pai uma palavra de amor.

FERNANDO, *muito com pungido*

E eu sem ter merecido ao género humano uma lágrima de compaixão...

D. MIQUELINA

Salva-nos a ambas... salva-nos, Carlos.

D. INÊS, *muito angustiada*

Que nos deixe ao menos morrer abraçadas, abençoando o seu nome.

MÉDICO

Fui chamado para curar esta senhora de um envenenamento, e como médico declaro que esta situação não pode demorar-se. Ou vê-la morrer aqui, ou tentar o último esforço para salvá-la.

FERNANDO, *erguendo com ternura sua filha*

Vai... filha, vai... Se morres, ou vives, não poderei salvar a tua reputação... mas vingar-te-ei, vingar-nos-emos... Doutor., salve-ma... (*D. Inês é transportada ao quarto, nos braços do médico e da mãe. D. Maria sai pela porta do fundo.*)

CENA XI

FERNANDO SOARES e LUÍS DE ABREU

FERNANDO, *cruzando os braços defronte de Luís*

O senhor é um homem a quem não pode propor-se um duelo. Entre dois homens que se batem é preciso que o pundonor tenha sido reciprocamente ultrajado.

LUÍS

Eu não me recordo de o ter ofendido ao senhor... Ainda assim... se me propõe um duelo... entre cavalheiros... há certas formalidades...

FERNANDO

Eu não lhe proponho um duelo... Vergonha para mim se lhe desse gota do meu sangue!... o que o senhor quiser... É um capricho de assassino por prazer... que move a puni-lo por ter atirado à desgraça uma frágil mulher que não pode travar armas consigo... Eu sou o pai da sua vítima, senhor! Tenho dito tudo.

LUÍS

Eu não o conhecia como tal...

FERNANDO, *com serenidade*

Quer dizer que uma senhora, sem pai conhecido, pode ser arrastada pelos cabelos dos braços de sua mãe aos da prostituição, e daí às agonias do veneno, e do veneno à sepultura... E o mau homem que *matiza* com infâmias tais a sua existência, não é obrigado a descobrir-se perante a sociedade que lhe pede contas da mulher sacrificada a uma paixão feroz... A serenidade com que eu discuto, senhor.... Bem vê que o estou estudando...

LUÍS

Há um meio pronto de reabilitar sua filha.

FERNANDO

Qual?

LUÍS

Não duvido casar com ela.

FERNANDO

Casar com ela!... O senhor pode porventura reabilitar mulher nenhuma!? Que pai lhe daria uma filha, homem três vezes infame!? Ofereceu-ma há pouco... cedeu-ma com o contentamento de um cigano que passa um péssimo cavalo... Miserável!... que tem ela agora que mais valha para ser mulher?... (*Tira, convulsivamente, uma pistola. Tropel no corredor, e luzes.*)

CENA XII

Os MESMOS e O ADMINISTRADOR DO BAIRRO,
ESCRIVÃO, D. MARIA e CRIADOS

ADMINISTRADOR, *lendo um ofício*

Qual dos senhores é Luís de Abreu, natural do Porto?

LUÍS, *aparte*

Estou salvo! (*alto*) Sou eu, senhor.

ADMINISTRADOR

Siga-me; eu sou o administrador deste bairro, e prendo-o por ordens superiores.

LUÍS

Prontamente. (*Quer segui-lo*).

FERNANDO

Esperem.

ADMINISTRADOR

Não sofre delongas a execução do mandado do governo civil. Este senhor tem de ser posto em custódia imediatamente.

FERNANDO

Esperem. (*Para o administrador*) O senhor sabe porque é preso este homem?

ADMINISTRADOR

Por um crime de rapto.

LUÍS

Eu provarei que se não rapta uma mulher que nos segue muito por sua livre vontade. E de mais, eu estou pronto a casar com ela.

FERNANDO, *para a autoridade*

Diga-me: os infames desta ordem como são punidos em Portugal?

LUÍS

Note, ar. administrador, que sou insultado vilmente por este homem... Estou debaixo da lei.

FERNANDO, *para o administrador*

Responde-me, senhor?

ADMINISTRADOR

O crime de rapto tem penas designadas no código penal segundo as circunstâncias.

FERNANDO

Poucas palavras a uma pergunta simples... Há uma forca? Um pai, rico ou pobre, pode levar à forca o malvado que lhe atira. aos pés o cadáver desonrado de sua filha?

ADMINISTRADOR

Isso decide-se nos tribunais, mediante um processo.

FERNANDO

É muito demorado esse processo?

ADMINISTRADOR

Tem os trâmites da lei, testemunhas, depoimentos, provas, um juiz enfim.

FERNANDO

Que provas, senhor? O que são aqui as provas? Quem vem depor ao tribunal contra este homem? É essa mulher que aí está dentro agonizando?!

ADMINISTRADOR

Não sei... o preso é amanhã entregue ao crime, e seja-lhe V. S^a parte.

FERNANDO, *engatilhando a pistola*

Eu não sou parte, sou juiz. (*Abreu é ferido no peito, e cai sobre o canapé*).

CENA FINAL

D. MARIA e D. MIQUELINA, *dentro*

Está salva! está salva!...

D. MIQUELINA, *atribulada*

Oh Carlos! que fizeste?... Nossa filha não morre!...

FERNANDO, *tranquilamente*

Pois que viva. Não terá de corar diante desse infame... (*para o administrador*). O preso sou eu, senhor.

Espinhos e Flores

AO SR.

ALEXANDRE HERCULANO

Eu sigo aquela velha usança de oferecer aos príncipes obras que a magnanimidade régia aceitava, com o mesmo beneplácito para as excelentes e para as medíocres.

No meu mundo, que se preza de não ser o mundo de todos, também há príncipes assentados em tronos inabaláveis: na firmeza dos tronos está a grande diferença entre os dois mundos.

A obra oferecida não é adulação, nem sequer lisonja, porque não vale um grão de mirra.

Alexandre Herculano disse que não há lauda impressa que não tenha o seu merecimento. Entre tantas haverá neste folheto uma só, onde o profundo filósofo encontre a verdade do coração humano?

CAMILO CASTELO BRANCO.

PERSONAGENS:

JOSEFINA.

D. AMÁLIA.

MARIA – oito anos de idade.

PADRE HENRIQUE.

PEDRO DE OLIVEIRA.

LUÍS DE ATAÍDE.

CAVALHEIROS – denominados 1º, 2º e 3º

DAMAS – com a mesma denominação.

CRIADOS.

QUADRO I

O interior duma casa de aldeia, com limpeza, mas singelamente mobilada.

CENA I

PADRE HENRIQUE, *à esquerda rezando no seu breviário, defronte de JOSEFINA, sentada numa esteira a costurar, com uma banqueta de trabalho junto dela.*

PADRE HENRIQUE, *marcando com os óculos a página dum livro*

Estás a chorar, Josefina?... Valha-te Nossa Senhora... Essas tuas lágrimas perdem a virtude por serem de mais...

JOSEFINA, *enxugando as lágrimas*

Quando deixarei eu de chorar, meu tio?!...

PADRE HENRIQUE

Quando a graça de Deus, bem merecida pela resignação, vier em teu auxílio.

JOSEFINA

Bem resignada estou...

PADRE HENRIQUE

Estás... Oito anos a chorar!... Bom é que chores... Se não fosse a respiração das lágrimas, tinhas morrido, filha.

JOSEFINA

Não mereci a Deus essa esmola.

PADRE HENRIQUE

Nem lha deves pedir... que és mãe.

JOSEFINA

Hoje não peço... Vivo para minha filha...

PADRE HENRIQUE, *afável e risonho*

Só para tua filha, ingrata? (*Põe-lhe a mão na cabeça, e beija-lha.*) Que estás fazendo? (*Senta-se na banquetta.*)

JOSEFINA

Estou a banhar o seu lenço.

PADRE HENRIQUE

E a lavar-mo com lágrimas... Onde está a pequena?

JOSEFINA

Debaixo da ramada fazendo uma casinha.

PADRE HENRIQUE

Vai buscá-la que são horas da lição... Ora anda... (*Josefina sai*).

CENA II

PADRE HENRIQUE

Coitadinha... é uma mártir... Como será a consciência do homem responsável deste infortúnio? Deus perdoe a ambos... A desgraça de algumas criaturas, neste mundo, é prova da vida futura... Atormentada oito anos, amando-o sempre, esperando-o todos os dias... Ela diz que não... mas as boas almas não sabem fingir-se... Esperando... o quê? Deixá-la esperar até à morte... Por fim virá o céu. Deus me livre de lhe combater a esperança...

CENA III

PADRE HENRIQUE, JOSEFINA e MARIA

JOSEFINA, *com a menina ao colo*

Valha-me Deus! Fui encontrá-la com os pezinhos metidos nas poças... Ralhe-lhe, meu tio.

PADRE HENRIQUE

Ah, travessa! Eu vou castigá-la, bem castigada... Ora, dá-ma cá.

JOSEFINA, *a meia voz*

Não lhe ralhe muito...

PADRE HENRIQUE

Tal és tu como ela... Vai cuidar do jantar, que são horas. (*Josefina sai; o padre senta-se com a menina ao pé, monta os óculos, e folheia um livrinho.*) Ora leia no seu

livro, sua traquinas. Diga lá.

MARIA, *lendo*

«Uma filha que faz chorar sua mãe, causa-lhe o pesar maior que pode causar-lhe, isto é, o pesar de ser mãe.»

PADRE HENRIQUE

Lê com pausa, Maria. (*Repete ele a leitura.*) Isto quer dizer que tua mãe, quando a fazes sofrer, antes queria que tu não fosses sua filha, entendes?

MARIA

E a mamã já não é minha amiga, tio?

PADRE HENRIQUE

Se já não é tua amiga... Eu sei!... Tu andaste no quintal com os pés metidos nos charcos... Parece-me que já não é tão tua amiga como era... Tu assim o queres... Não chores, filha; tudo se remedeia... Se me prometes não ir mais ao quintal por mau tempo, faço que tua mãe seja amiguinha como era.

MARIA

Prometo, prometo.

PADRE HENRIQUE

Ora deixa estar que ele. aí vem.

CENA IV

Os MESMOS e JOSEFINA

PADRE HENRIQUE

Ora vem cá, Josefina. Maria fez uma promessa de nunca faltar, se tu esqueceres que ela andou a patinhar na água; mas quer que sejas sua amiga como eras.

JOSEFINA

Se ela promete, e o tio fica por ela...

PADRE HENRIQUE

Fico por ti, Maria? Olha lá se me deixas ficar mal.

MARIA

Não deixo, não; fique por mim, tio!...

PADRE HENRIQUE

Então vá abraçar sua mãe, e venha depois dar uma beijoca no tio padre.

JOSEFINA, *tomando-a para o colo*

Estás perdoada; não tornas a fazer outra?

MARIA, *saltando ao chão*

Não, mamã, e deixa-me ir brincar com o frango derrabado?

JOSEFINA

Pois sim, vai, minha filha.

PADRE HENRIQUE

Não, senhora, não vai brincar com o frango derrabado. São horas de estudar a lição de escrita. Vai para o meu quarto, que eu lá vou ter. (*Maria sai amuada*).

CENAV

PADRE HENRIQUE e JOSEFINA

JOSEFINA

Deixe-a ir brincar, coitadinha...

PADRE HENRIQUE

Valha-te Deus, Josefina... o teu amor é de mãe; mas as obrigações do amor maternal têm dureza... dás-lhe demasiado mimo. É preciso comprimires no coração metade da ternura.

JOSEFINA, *com tristeza*

Custa muito...

PADRE HENRIQUE

Custa muito... eu por mim ajuízo quanto custa; mas, sobrinha, põe diante dos teus olhos o pior futuro, se o amor de mãe te não cega. Se não deixares como herança de tua filha um coração humilde, e uma índole muito provada para vencer os grandes trabalhos com a grande paciência, que sorte será a sua?

JOSEFINA, *pensativa, e tardia nas expressões*

É verdade... nada temos, ou quase nada temos que lhe deixar; mas o tio não disse que eu posso das economias que faço de tudo que meu irmão nos manda do Brasil arranjar-lhe um patrimóniozinho?

PADRE HENRIQUE

E quem nos assegura que teu irmão vive neste momento? Quem sabe se eu te faltarei amanhã, e tu precisarás gastar os seiscentos mil réis que tens? Quem nos diz se uma grande doença nos há-de consumir os poucos torrões que temos?... Olha, Josefina, queres saber qual é o melhor destino de tua filha? O céu... a morte, nesta idade dos anjos.

JOSEFINA

Deus me defenda desse golpe!

PADRE HENRIQUE

Cala-te, cala-te, que estás pecando!... Tu parece que não sabes o que é a vida...

JOSEFINA

Sei, sei demais...

PADRE HENRIQUE

Está bom, está bom, nada de lágrimas... Sabes o que é a vida, e por isso mesmo tens maior obrigação de querer o céu para tua filha.

JOSEFINA

Pois não há outra esperança? É impossível viver, e ser feliz, minha filha?! Porque eu fui desgraçada, há-de ela sê-lo também?

PADRE HENRIQUE

Há dezoito anos, tinhas tu os anos de tua filha; prometias um futuro melhor que o dela; e por fim... Calemo-nos; não se te pode dizer nada... choras logo...

CENA VI

Os MESMOS e MARIA

MARIA

O tio não vem?

PADRE HENRIQUE, *indo*

Aí vou, aí vou... (*Reflectindo*). Eu tinha que te dizer, Josefina... (*Para Maria*). Vai indo, que eu lá vou já.

MARIA

Deixa-me apanhar o frango derrabado só um bocadinho?

PADRE HENRIQUE

Já te disse que não apanhas o frango. Apre! que é teima! (*Maria sai*).

CENA VII

JOSEFINA e PADRE HENRIQUE

PADRE HENRIQUE

Devo lembrar-te que, no mês passado, recebemos carta de teu mano, escrita de França. Dizia ele que estava indeciso se viria a Portugal; mas que talvez viesse, por ter grande desejo de conhecer uma irmã que deixara de três anos, e um tio que mal se recordava ter visto na portaria do convento de Vinhais. Caso venha, promete escrever-me de Lisboa. Ora bem; há ainda muito tempo para deliberar o que se há-de fazer, se ele vier; mas bom é falarmos nisto.

JOSEFINA

Não há que falar, meu tio. É recebermo-lo como quem recebe um sobrinho, e um benfeitor.

PADRE HENRIQUE

Dizes bem; mas aqui não há só uma irmã, e um tio... Está connosco uma menina, e esta menina... não pode dizer que sua mãe é viúva.

JOSEFINA, *alvoroçada*

Jesus!... Tem razão... Eu não devo aparecer diante de meu irmão.

PADRE HENRIQUE

Não é tanto assim. Se um pecador, cheio de crimes, é recebido na presença de Deus para ser julgado, porque não hás-de tu, maculada por um erro, aparecer diante dos homens? Este mundo é vale de lágrimas, não é tribunal de condenados, nem de absolvidos, filha. Quem se esconde com a sua culpa dos olhos de um irmão, e se mostra a Deus com mais confiança na sua misericórdia, parece que respeita o mundo mais do que Deus.

JOSEFINA

Essas palavras são muito amargas, meu tio...

PADRE HENRIQUE

Deixá-las ser nos lábios; o coração que tas dá está cheio das doçuras do amor. (*Abraçando-a*). Tu bem sabes que sofro, se te magoo. A tua dor tem-me feito supersticioso... Quando te faço involuntariamente chorar, afigura-se-me que tua santa mãe me repreende... Abraça-me com fé em Deus, e esperança em mim... Vou à tua filha.

CENA VIII

Os MESMOS e MARIA

MARIA

Mamã, mamã!

JOSEFINA

Que é, filha, que é?

MARIA

Estão ali à porta uns senhores.

JOSEFINA, *espreitando pela janela*

Uns senhores.... É um homem e uma senhora a cavalo, e trazem lacaio.

PADRE HENRIQUE, *indo à janela*

Quem poderão ser? (*À janela*). Quem é que procuram?

VOZ

Mora aqui o sr. padre Henrique?

PADRE HENRIQUE

Nesta freguesia há dois padres com esse nome; mas, nesta aldeia, padre Henrique de Oliveira é este seu criado.

VOZ

É o senhor mesmo que procuro.

PADRE HENRIQUE

Eu vou receber as suas ordens. (*Para a sobrinha*). Isto deve ser alguma encomenda de sermão para Bragança. Eu vou buscá-los para aqui se eles quiserem subir. Arranja essa casa. Tira dali as minhas botas, Maria. Olha aquela chimarra que não fique sobre a cómoda. (*Sai*).

CENA IX

JOSEFINA e MARIA

JOSEFINA, *espanejando a cómoda*

Sinto-me tão oprimida! Que me adivinhará o coração! As palavras de meu tio assustaram-me!

MARIA

A mamã está triste?

JOSEFINA

Não, filha, não.

MARIA

Eu não torno a patinhar nas poças.

JOSEFINA

Permita Deus que meu irmão não venha, se há-de vir aumentar as minhas penas... Vem, Maria. (*Saem*).

CENA X

PADRE HENRIQUE, PEDRO DE OLIVEIRA e D. AMÁLIA

PADRE HENRIQUE

Teria a bondade de desculpar o desarranjo desta casa de pobre padre de aldeia.

PEDRO, *comovido, e com disfarce*

Dá-me licença que me sente? (*Sentando-se*).

PADRE HENRIQUE, *sacudindo o pó da cadeira com o capote*

Minha senhora, faz favor de sentar-se... O senhor está incomodado?

PEDRO

Não, senhor, estou fatigado... Venho de longe, sempre debaixo de mau tempo, por estradas intransitáveis... Está o sr. padre Henrique muito longe de imaginar o fim que me traz a sua casa.

PADRE HENRIQUE

Espero as suas ordens, meu senhor.

PEDRO

Encontrei-me na exposição de Paris com um cavalheiro, que me disse ser seu sobrinho.

PADRE HENRIQUE

Pois esteve com meu sobrinho?!

PEDRO

É verdade; e, como sou de Bragança, recebi dele a satisfatória incumbência de lhe dar um abraço. (*Abraça-o comovido*). E minha mulher também é portadora de um abraço para a irmã do meu amigo.

PADRE HENRIQUE

Eu chamo-a... Josefina! (*Sai, chamando-a*).

CENA XI

PEDRO e D. AMÁLIA

PEDRO, *com transporte*

Respiro! vivem ambos!

D. AMÁLIA

Estás tão agitado, Pedro! Desse modo não te disfarças muito tempo.

PEDRO

Talvez não possa.

CENA XII

OS MESMOS, JOSEFINA e PADRE HENRIQUE

PADRE HENRIQUE

Recebe daquela senhora um abraço que teu mano te manda. (*Abraçam-se: Josefina com acanhamento*).

D. AMÁLIA, *com júbilo*

Foi uma comissão bem agradável; mas muito mais agradável à menina, se o abraço não tivesse portadora...

JOSEFINA

Se Deus não quer que eu veja meu irmão, é grande prazer abraçar uma pessoa que o viu.

PEDRO

E, se o visse, decerto que o não conhecia.

JOSEFINA

Não, meu senhor. Tinha eu três anos quando ele foi para o Brasil... E meu irmão não vem cá?

PEDRO

Disse-me que tencionava vir... Decerto o não conhece, sr. padre Henrique.

PADRE HENRIQUE

A mim? Decerto não... Passaram por cá vinte e cinco anos amargurados; mas as amarguras, dobrando-me o corpo, não me venceram a paciência da alma.

PEDRO

Amarguras!... quais?! Não teve ele, desde certo tempo, cuidado em proteger a sua família?

PADRE HENRIQUE

Meu senhor, o pão do corpo não dispensa o pão do espírito. Eu falo da penúria da alma, que meu sobrinho não podia remediar... Coisas, coisas de padre velho... Ora vamos... Meu sobrinho tem meios de viver farto e com honra?

PEDRO, *abstraido*

Creio que sim...

PADRE HENRIQUE

Arranjou os seus haveres por negócio lícito? não foi à escravatura?

PEDRO

Não, senhor. Foi doze anos caixeiro com pequeno ordenado, e caixeiro esperava morrer, quando uma senhora muito rica e muito virtuosa o quis para seu marido.

PADRE HENRIQUE

Abençoado seja o Senhor! Eu disse-lhe sempre de cá: «Filho, em tua casa. há um caldo feito em paz e comido com honra; vem quando quiseres». Não veio. Bem sabia Deus para que o conservava lá... Ora pois, nestes arredores não há estalagem. Josefina, vai servir os amigos de teu mano. Dá-nos o melhor jantar que puderes, para fazermos uma saúde ao nosso amigo, irmão, sobrinho e benfeitor.

PEDRO

Nem sequer por delicadeza recusamos, sr. padre Henrique; mas não se dispensa esta senhora do trabalho da cozinha? Nós queremos-la connosco.

PADRE HENRIQUE

Não é possível... Minha sobrinha é ama e criada. Vai, vai, Josefina. (*Josefina sai*).

CENA XIII

Os MESMOS, *excepto* JOSEFINA

PEDRO

Eu cuidei que seu sobrinho dava para esta casa uma abundante mesada... Permita-me uma curiosidade... Eu sei os negócios particulares de Pedro de Oliveira. O que ele tem mandado entregar mensalmente à sua família são trinta mil' réis: não os tem recebido?

PADRE HENRIQUE

Pontualmente me têm sido entregues.

PEDRO

E com tal mesada não se pode viver melhor numa aldeia? Desculpe-me estas liberdades...

PADRE HENRIQUE

Pode, sim, senhor.

PEDRO, *risonho*

E então? Fizeram voto de viver pobremente?

PADRE HENRIQUE, *risonho*

Eu fiz porque fui frade... (*Triste*). Ela... se V. Ex^a me dispensa de não corresponder à franqueza da sua pergunta...

PEDRO

O senhor... eu é que peço perdão do meu zelo demasiado; mas há aqui um segredo da família... (*Aparte*). Que será isto?

CENA XIV

Os MESMOS e MARIA

MARIA, *chorosa*

A mamã matou o meu franguinho derrabado. (*Vai encostar-se aos joelhos do padre*).

D. AMÁLIA

Ai! uma menina tão galantinha!

PEDRO

Uma menina! Que menina é esta? É da sua família?

PADRE HENRIQUE

Sim, senhor. Logo que Deus sabe que é da minha família, pode sabê-lo todo o mundo.

PEDRO

Mas a sua família creio que é uma senhora, e esta... suponho que é solteira...

PADRE HENRIQUE

É solteira.

PEDRO, *agitado*

E esta menina é sua filha?

PADRE HENRIQUE

Sim, senhor.

PEDRO

Filha natural de uma irmã de... (*Reprime-se*). O meu amigo Pedro de Oliveira ignora a existência desta sobrinha. Não serei eu quem lha denuncie... Lá, ao longe, também chega, com a saudade, a vergonha dos parentes.

D. AMÁLIA, *meia-voz*

Pedro!

PADRE HENRIQUE

V. S^a parece zeloso em excesso do bom nome de minha família... O extremo zelo em moral é o relaxamento da caridade evangélica.

PEDRO

Mas a caridade, sr. padre Henrique, não absolve escândalos.

PADRE HENRIQUE

Absolve desgraçados.

PEDRO, *com autoridade*

Faz que esta criança se retire? Preciso falar-lhe, senhor.

PADRE HENRIQUE

Vai à tua mãe, Maria. (*Maria sai*).

PEDRO, *com severidade*

Eu tenho direito de perguntar pela honra da casa onde nasci. Pedro de Oliveira está na sua presença.

PADRE HENRIQUE, *expansivo*

Meu sobrinho! devia ter-te conhecido... (*Quer abraçá-lo*).

PEDRO, *afastando-se*

Ainda não reconheci o irmão de meu honrado pai! Eu esperava encontrar, ao lado de minha irmã, um tio, como o anjo protector da sua virtude. Acho uma filha dessa irmã, como o testemunho de um crime, sentada nos joelhos dum padre...

PADRE HENRIQUE, *gravemente*

Os padres não estrangulam crianças. Se querem imitar o divino mestre, recebem-nas no regaço. Não me deis lições de moral, filho do meu irmão. Antes dos vossos insultos, encaneceram-me os cabelos em oito dias. Eu vos perdoo. Podeis fazer que eu chore alguma lágrima que me resta; mas envergonhar-me, não.

D. AMÁLIA

Pedro... escuta a tua boa alma!

PEDRO, *após momentos de silencio, com tristeza e brandura*

Como foi a desgraça de minha irmã?

PADRE HENRIQUE

É a história de todas as desgraçadas. Amor, perfídia, desamparo... Mas nem todas as desgraçadas se reabilitam como ela perante Deus.

PEDRO

E perante a sociedade?

PADRE HENRIQUE

São arrastadas pelos cabelos, recebem depois da culpa o martírio, e entram mais triunfantes no céu.

PEDRO, *irado*

Vive o sedutor de minha irmã?

PADRE HENRIQUE, *sempre com brandura*

Vive.

PEDRO

Em circunstâncias de ser seu marido?

PADRE HENRIQUE

Inspirasse-o Deus, sendo ele capaz de o ser.

PEDRO

É um homem em alta posição?

PADRE HENRIQUE

Desses a quem não chega a lei dos homens.

PEDRO

Nem uma bala?

PADRE HENRIQUE

Não se lava uma nódoa com sangue, meu sobrinho; é com lágrimas.

PEDRO

É um homem a quem se possa oferecer um grande dote?

PADRE HENRIQUE

Pode ser que seja... Eu não conheço bem a onnipotência do dinheiro.

PEDRO

Vive aqui?

PADRE HENRIQUE

É daqui; mas vive em Lisboa.

CENA XV

Os MESMOS e JOSEFINA

JOSEFINA

Meu tio, eu vinha lembrar-lhe se vossemecê vai pedir a algum lavrador que recolha as cavalgadas, porque não temos uma loja capaz.

PEDRO

Dispensio o incómodo porque vou sair... Vamos, Amália.

D. AMÁLIA, *com efusão*

Espera...!

JOSEFINA

Vão sair?! Então não jantam cá?

D. AMÁLIA, *aparte*

Que situação esta!

JOSEFINA

Meu tio está tão triste!... Teve algum desgosto! É alguma notícia má de meu irmão, que me querem ocultar?...

PEDRO

Se alguma coisa deve aqui ocultar-se... é a senhora. Esconda quanto puder o rosto aos olhos de seu irmão, se algum dia ele aqui vier.

D. AMÁLIA

Pedro! isto é uma crueldade! serei eu a primeira a abraçá-la, e a chamar-lhe minha querida irmã! (*Abraça-a*).

JOSEFINA

Senhora!... eu não entendi bem...

D. AMÁLIA

Venha abraçar seu irmão.

JOSEFINA

Meu irmão! (*Crava os olhos no chão e fica imóvel*).

PADRE HENRIQUE, *ao lado dela*

Se te sentes enfraquecer, minha filha, tens aqui o teu velho amparo. (*Ela abraça-o sufocada por soluços, escondendo-lhe a face no peito*).

D. AMÁLIA, *com muita ternura*

Meu filho, vai abraçar tua irmã! Suplico-to eu de mãos postas. (*Pedro senta-se convulsivo*).

CENA XVI

Os MESMOS e MARIA

MARIA, *correndo*

Mamã!... (*Reparando*) a mamã está a chorar! (*Abraça-a*).

PEDRO, *erguendo-se*

É esse o penhor que me dá da sua virtude, Josefina?

D. AMÁLIA

Por piedade, Pedro!

PEDRO

Acha que eu devo ter um grande orgulho de entrar em casa de meu pai, que deixei sem mancha?

PADRE HENRIQUE

Meu sobrinho, tendes direito de tomar metade desta casa, que é vossa... e mais nenhum. Meu irmão, e vosso pai teria perdoado; vós... passais a esponja do fel sobre a chaga aberta para sempre.

PEDRO

E a desonra é uma chaga que feche?

PADRE HENRIQUE

Visto que temeis tanto a sociedade, se sois rico, mostrai-lhe o vosso dinheiro, e ela vos honrará. Algumas vezes o protesto contra o vício é a desonra da virtude.

PEDRO

Fala pela boca do mundo, senhor. Mas eu não oiço o mundo, oiço a minha consciência. Josefina será minha irmã, quando puder convencer-me que essa criança não é sua filha.

JOSEFINA, *com precipitação*

O quê? não é minha filha? Querem separar-me de minha filha? (*Abraçando-se a ela freneticamente*).

PADRE HENRIQUE

Isso é impossível, pobre mãe!... Não contas já comigo, Josefina?

PEDRO, *sarcástico*

Dá-lhe ânimo na desonra!... A religião dos frades era assim?

PADRE HENRIQUE, *com muita humildade*

Reparti por mim os vossos ultrajes, meu sobrinho, que eu posso bem com eles;

mas não injurieis a religião da caridade.

JOSEFINA, *animosa*

E com que direito nos insultam, meu tio?!

PADRE HENRIQUE

Repreendem-te, filha, não te insultam... Bem pode ser que este ressentimento de teu irmão se converta em dó. Chora daquelas lágrimas que eu te enxugava. O filho de tua mãe não pode ser uma fera.

D. AMÁLIA

Perdoa-lhe, perdoa-lhe!

PEDRO

Mas o que é aqui perdoar?!... Há mulheres que se perderam violentadas pela indignância. Nem essas devem ser perdoadas: o trabalho é a ressalva do crime... Mas esta... perdeu-se no seio da abundância... Quem lhe perdoará? De que lhe serviram os meios que eu lhe dei para sustentá-la virtuosa?!

JOSEFINA, *abrindo um gavetão, e tirando um saco de dinheiro, com altivez*

Aqui está o seu dinheiro, senhor! Eu era muito rica sem ele... Tinha o amor de meu tio, e de minha filha. (*Correndo a abraçá-la, deixa cair o saco*). Meu irmão, fuja depressa destes sítios, para que o contágio da minha culpa, e da minha pobreza o não toque! Vá, e não diga que tem aqui uma irmã, que eu prometo nunca preferir o seu nome... deixe-me com minha filha, e não abrevie os dias do meu benfeitor!...

PEDRO, *a meia voz*

Há uma grande coração nesta infeliz! Qual de nós será o desonrado?!

D. AMÁLIA, *tomando-lhe as mãos*

Tu não tinhas assim uma alma cruel, Pedro!

PEDRO, *arrebatado*

É um toque divino! (*Vai ao grupo, e toma a criança em transporte*).

JOSEFINA

Minha filha! dê-me a minha filha.

PEDRO, *muito comovido*

Não consentes que eu beije tua filha, minha irmã? (*O padre ergue as mãos,*

Josefina fica suspensa, e como extática em sua alegria. Amália abraça o marido e sobrinha no mesmo abraço).

FIM DO PRIMEIRO QUADRO

QUADRO II

Saleta com mobília rica, fogão com lume

CENA I

Um criado de libré traz algumas cartas, que põe sobre uma mesa, e sai. Luís DE ATAÍDE, em trajas domésticos, abre duas cartas que depõe, vendo a assinatura, e repara no sobrescrito da terceira.

LUÍS

Carimbada em Lisboa, letra fingida!... isto deve ser uma carta anónima... Sou mimoso destas brincadeiras... *(Com admiração, lendo a assinatura)*. Josefina Emília! Como?! esta mulher estará em Lisboa!? *(Lê)*. «Quando se é mãe extremosa, sente-se bom o coração para todo o mundo: até ao algoz se perdoa. Minha filha é a tua imagem; sem te conhecer, pede-me por ti. A tua vida está em perigo. Foge de Lisboa. – *Josefina Emília*». Que quer dizer isto?! Não posso imaginar que brinquedo é esta carta... *(Repete a leitura mentalmente)*.

CENA II

LUÍS DE ATAÍDE e CRIADO

CRIADO

Um bilhete dum senhor que espera.

LUÍS

Que suba para esta sala, e tenha a bondade de esperar um instante. *(O criado sai)*. Péssima ocasião de visitas! *(Sai deixando descuidosamente a carta sobre a mesa)*.

CENA II

PEDRO DE OLIVEIRA e CRIADO

PEDRO

Eu não quero ser importuno. Se incomodo o sr. Luís de Ataíde, retiro-me.

CRIADO

S. Ex^a vem já. *(Sai)*.

(Pedro, pondo o chapéu sobre a cadeira imediata à mesa, vê a carta. Lê em sobressalto, e, ouvindo passos, finge-se tranquilo).

CENA IV

Luís DE ATAÍDE e PEDRO DE OLIVEIRA

LUÍS

O meu amigo desculpa-me fazê-lo esperar...

PEDRO

Oh! cavalheiro...

LUÍS, *conduzindo-o ao sofá*

Como passou o resto da noite... isto é, o resto da manhã?

PEDRO

Dormitei alguns minutos. Depois de um baile tão animado, tão variado, tão rico de todos os excitantes, os nervos não descansam, e a imaginação folga de reproduzir as cenas. Estavam ali mulheres divinas! A sua prometida esposa, sr. Ataíde, é uma formosa menina. É uma dessas raras mulheres que enchem o coração de ternura e a cabeça de orgulho.

LUÍS, *com fatuidade*

Penso que sim. Não estou fascinado a ponto de jurar que a amo muito. Também não caso deslumbrado pelo dote que tem. Sabe o meu amigo como se explica o meu casamento? Estou aborrecido de mim. Estou cansado de ser abelha de todas as flores. Resolvi fazer-me molusco, e pouco me importa que minha mulher seja uma pedra, contanto que eu seja uma ostra.

PEDRO, *risonho*

É espirituosa a metáfora! Deve ter tido uma vida bem afortunada quem, tão novo, no vigor dos anos, concebe tédio de si mesmo!... A embriaguez do gozo parece-se com a do vinho: deixa a alma desfalecida e inerte.

LUÍS

Há grande lances na minha vida, sr. Oliveira...

PEDRO

Rapaziadas gloriosas, não?

LUÍS

Não, senhor. Eu tenho crimes... e a glória dos crimes, é preciso estar muito corrompido, para aceitá-la das mãos da sociedade corrompida que a dá. O que sinto em mim não é corrupção, é letargo... Como quem se abre a um amigo de poucos dias, mas de muita confiança, dir-lhe-ei que tenho na minha vida páginas negras, que tomara eu podê-las arrancar. Ser mau, quando se quer ser bom, custa muito... (*Muda para o jovial*). Mas que culpa tem o senhor das minhas melancolias?!

PEDRO

Parece-me que o ar. Luís de Ataíde tem uma romanesca imaginação fácil de exaltar-se com as impressões de momento...

LUÍS

Uma recebi eu agora, que me impressionou bastante. Vou-lha revelar como prova de muita confiança... (*Procura nas algibeiras, ergue-se, busca, e acha a carta sobre a mesa*). Aqui está o que eu buscava. (*Pedro ergue-se*). Recebo agora esta singularíssima carta. Queira ver. (*Pedro lê alto*).

PEDRO

Parece-me que há aqui uma situação melodramática. (*Dá-lhe a carta*).

LUÍS

Isto, ou é logração de pessoa que soube das minhas relações com esta mulher, ou então... e um aviso muito sério.

PEDRO, *abstraido*

Decerto... um aviso que não deve ser desprezado.

LUÍS

Mas não vejo de quem possa vir um desforço tão sumário. Esta mulher é da província. Não tinha alguém que, depois de sete ou oito anos, me viesse pedir contas tão solenemente de uma aventura tão ordinária... Não sei, não sei o que deva pensar.....

PEDRO

Bem pode ser uma logração. Tem o meu amigo rivais por causa da sua noiva?

LUÍS

Devo ter; mas não sei que tenha algum tão lorpa que promovesse a minha derrota com semelhante arma. Todavia... pode ser... Os lorpas são numerosos, segundo a Bíblia, e o amor faz um novo todos os dias.

PEDRO, *risonho*

Diz muito bem... o amor faz muitos lorpas, quando não faz criminosos... Antes os primeiros... Outro assunto... V. Ex^a dá-me a honra da sua estima...

LUÍS

Ó senhor!... é admirável a dedicação que lhe voto, sr. Oliveira, conhecendo-o apenas há quinze dias.

PEDRO

As simpatias nascem de improviso, e diz um escritor que são uma espécie de reminiscência entre duas pessoas que já foram muito amigas numa outra vida.

LUÍS

Impressionou-me essa sombria tristeza que o domina sempre!... Nem ontem no baile o vi risonho! E sua senhora participa do seu carácter... triste sempre! O meu amigo tem necessariamente uma nuvem negra que lhe escurece todos os objectos.

PEDRO

Nem todos. Vejo neste mundo objectos luminosos ao pé das trevas. Vejo rosas, e espinhos. Fontes límpidas, e charcos asquerosos. A fome nutrindo-se de gemidos, e a abundância devorada pela fome de sensações novas. Vejo lágrimas de sangue, e risos injuriosos. Súplicas, e sarcasmos. Vítimas oprimidas, e verdugos coroados. Já vê que nem tudo é negro diante dos meus olhos. Há variedade nas minhas impressões. Bem longe de ser misantropo, vivo como tem visto, vou procurar sensações agradáveis a toda a parte do mundo onde as pressinto... e...

LUÍS

Mas triste sempre!

PEDRO

É índole, sr. Luís de Ataíde... desmancho de organização que vem de longe, desde criança talvez, quando na terra do oiro, vi a fortuna de certos homens respeitadas arrastada pelos cabelos sobre um estrado de sangue e Lágrimas. Estranhei a torpeza da minha raça. E, desde então, a cada passo que dou encontro na ponta do pé um vestígio da maldade dos homens... (*Mudança de tora*). Mas onde me leva este sestro de missionário Na certeza de que me enobrece com a sua estima, desejava vê-lo no meu hotel, onde, depois de amanhã, dou o primeiro jantar a algumas senhoras, relações de minha mulher, e a alguns amigos de ambos nós. Dá-me o prazer de contá-lo no número dos que me honram?

LUÍS

Aceito o convite como uma distinção.

CENAV

Os MESMOS e CRIADO

CRIADO

Está na sala de espera um padre que quer falar com V. Ex^a (*Expressão de susto na fisionomia de Pedro*).

PEDRO, *aparte*

Será possível!

LUÍS

Pergunta-lhe o quer quer.

CRIADO

Perguntei, e respondeu que só diria a V. Ex^a, o que queria.

LUÍS

Que entre. (*O criado sai*). Algum empenho para o ministro, ou alguma esmola...PEDRO, *tomando o chapéu*

Fico, pois, certo da sua condescendência. Quer dar-me as suas ordens?

LUÍS

Já?!

PEDRO

Por muita necessidade, sr. Ataíde.

(*Encontram-se Pedro e padre Henrique na entrada da sala. Luís de Ataíde, surpreso, não vê a surpresa de Pedro*).

CENA VI

PADRE HENRIQUE e LUÍS DE ATAÍDE

PADRE HENRIQUE

Creio que não sou para V. Ex^a um homem inteiramente desconhecido.

LUÍS

Não, senhor, não é. Conheço o sr. padre Henrique perfeitamente. (*O padre vai*

poisar a bengala e o chapéu). Será este o meu assassino?! (Aparte).

PADRE HENRIQUE

Acho-me em casa do sr. Luís de Ataíde, e, por isso, pedirei licença para falar.

LUÍS, *oferecendo-lhe a cadeira, que ele não aceita*

Queira dizer, sr. padre Henrique.

PADRE HENRIQUE

V. Ex^a é o pai de uma criancinha que eu amo muito, porque é filha duma infeliz que eu criei nos meus braços, desde os cinco anos em diante. Pelo amor destas duas criaturas, que eu amo pelo amor de Deus, vim bater à sua porta, como quem acorda um irmão para avisá-lo de que um incêndio lhe lavra na casa.

LUÍS, *tranquilo*

Já hoje tive uma aviso de que me querem assassinar. O sr. padre Henrique vem...

PADRE HENRIQUE, *risonho*

Assassiná-lo? Não, senhor.

LUÍS

Não digo assassinar-me... Vem dar-me testemunho de que o aviso não é uma fábula.

PADRE HENRIQUE

Fábula não é, venha ele de onde vier.

LUÍS

É sua própria sobrinha que me escreve.

PADRE HENRIQUE

Minha sobrinha?!... É pois certo que minha sobrinha é uma santa! Que impressão lhe fez o aviso, sr. Ataíde?

LUÍS

A impressão do espanto, e, depois do seu segundo aviso, a da cautela.

PADRE HENRIQUE

Só a impressão da cautela? A da piedade seria um sinal bem evidente de que a sua

alma é boa.

LUÍS

Mas pode saber-se que sanguinária vingança é esta, depois de sete anos?

PADRE HENRIQUE

Como homem do mundo responderei que na honra não há prescrições. Sete dias ou sete anos a desonra é a mesma, até creio que a chaga, aberta sete anos, é um padecer mais longo. Como homem encarregado de lembrar aos homens os preceitos de Deus, direi a V. Ex^a que venho aqui com as minhas lágrimas para que não corra uma gota de sangue.

LUÍS, *sorrindo*

Parece-me que o entendo. Trata-se de um homicídio, o executor de alta justiça ninguém sabe quem é, e o ar. padre, como poder moderador, comuta-me a pena, se eu aceder a condições que vai propor-me. Ouviremos.

PADRE HENRIQUE

São mal escolhidas as ironias, ar. Ataíde. Eu na sua posição... chorava.

LUÍS

Não tenho um motivo bem justificado para chorar, creio eu.

PADRE HENRIQUE

Tem. O homem que fez desgraçada uma mulher, se ela é capaz de compreender bem dentro do coração a sua desgraça, deve chorá-la. Mulheres haverá que não mereçam compaixão, porque descem de crime em crime, justificando-se com o primeiro erro. A mãe de sua filha, senhor, sofre hoje o que sofreu no primeiro dia do seu desamparo. Se as lágrimas dela são um merecimento diante de Deus, porque não hão-de ser um incentivo de Deus, porque não hão-de ser um incentivo de piedade diante dos homens?

LUÍS, *com gravidade*

Fale-me, com sinceridade, ar. padre Henrique. Josefina quer um dote para sua filha?

PADRE HENRIQUE

Josefina rejeitou o dinheiro que V. Ex^a mandou dar-lhe, depois que a abandonou. Respondeu então à pergunta que me é feita agora.

LUÍS

O que eu lhe mandava dar não bastaria às suas necessidades. Hoje darei unia grande parte do que possuo.

PADRE HENRIQUE

Tudo o que V. Ex^a possui não resgata este titulo de dívida. (*Tira da carteira uma carta, e lê, o seguinte fragmento*). «Josefina, tu és minha esposa perante Deus, e brevemente o serás perante os homens. Sinto não ser tão livre já, quanto me é necessário para ser feliz. Se eu te atraçoasse, ao ver esta carta, cairia fulminado»... V. Ex^a não cai fulminado; mas estes juramentos não podem ser vãos na justiça divina... A sociedade raras vezes pede contas deles... isso é verdade... mas, se as pede, o braço débil do ministro de Deus não basta para desviar o golpe.

LUÍS

Vem, portanto, o senhor propor-me o casamento de sua sobrinha.

PADRE HENRIQUE

Propor, não, ar. Ataíde. Foi V. Ex^a que mo propôs, há oito para nove anos. Venho... não digo *venho*... podia vir propor-lhe o cumprimento da sua palavra.

LUÍS

Acho arrogante a missão.

PADRE HENRIQUE

Tanto não é arrogante, senhor, que eu vou cumpri-la com os joelhos no chão.

LUÍS, *erguendo-o*

Senhor!... Diga-me quem é que se interessa por sua sobrinha a ponto de ameaçar-me a vida! Ela avisa-me, o senhor avisa-me... quem é o assassino?

PADRE HENRIQUE

Será um desgraçado que as minhas lágrimas e as dela não conseguirão abrandar.

LUÍS, *agastado*

Mas quem, senhor?!

PADRE HENRIQUE

Não sou denunciante, ar. Ataíde.

LUÍS

Mas se o interrogarem num tribunal?

PADRE HENRIQUE

No tribunal de Deus não há segredos: somos todos conhecidos. Cá em baixo, quem me interrogará?

LUÍS

E, porque não hei-de eu supor que entre o senhor e sua sobrinha há uma combinação feita para me levarem pelo terror?! A apresentação dessa carta... E uma combinação!...

PADRE HENRIQUE

Há uma combinação feita para o salvarmos, senhor! (*Aproxima-se do fogão*). A carta de que serve? (*Lança-a no fogo*). Ei-la ali... durou menos que a palavra do homem!... (*Com intimativa*). Fuja hoje de Lisboa, senhor!

LUÍS

Que fuja!?

PADRE HENRIQUE

Fuja, e não leve o nome que tem para onde fugir. Até aqui foi uma advertência, agora e uma súplica. Fuja, e depressa, e já! Fez uma desgraçada, não faça um homicida. Promete sair, ar. Ataíde?

LUÍS

Não prometo sem provas evidentes do perigo que o senhor quer incutir-me.

PADRE HENRIQUE

Que precisão pueril teria eu de o enganar? A sua fuga melhoraria a condição de minha sobrinha?!

LUÍS, *colérico*

Seja o que for, eu digo-lhe, afinal, que afronto, face a face, o meu assassino... seja ele quem for! Duvido, porém, que o assassino, se tal existe, me mostre a cara.

PADRE HENRIQUE, *tomando o chapéu e a bengala*

Mostra, mostra, ar. Ataíde e mostrar-lhe-á a face pura. O seu sangue será nela a primeira nódoa. (*Sai*).

CENA VII

LUÍS DE ATAÍDE *e depois* UM CRIADO

LUÍS

É uma situação muito séria ou muito ridícula? Original é... decerto! (*Tange a campainha*). Não posso ser superior ao receio! (*Ao criado, que entra*). Quero bem limpo o meu par de pistolas de algibeira. Ordem ao guarda-portão que não deixe passar do pátio alguém sem minha ordem. (*O criado sai*). Feliz ideia! (*Tange a campainha, e o criado torna*). Segue esse padre que daqui saiu, depressa, depressa, e vê em que casa entra. (*O criado sai*). Isto não pode ser fábula! Mas se o não é... que assassino é este? Quem é que defende a honra destas mulheres?... Mentira, indispensavelmente mentira!

CRIADO, *com uma carta*

O padre entrou numa sege e partiu o todo o galope. É impossível segui-lo... Deram-me no pátio esta carta.

LUÍS

Anónima! letra de mulher!... (*Lê*). «Uma pessoa que muito se interessa na sua vida, pede-lhe que fuja hoje de Lisboa». Terceiro aviso! Quem é esta mulher?! (*Ao criado*). Segue o portador desta carta! depressa! (*Sentando-se prostrado*). Que infernal combinação!

FIM DO SEGUNDO QUADRO

QUADRO III

CENA I

D. AMÁLIA e as duas DAMAS designadas 1ª e 2ª
PEDRO DE OLIVEIRA

Luís DE ATAÍDE e DOIS CAVALHEIROS
Estão à sobremesa dum jantar

PEDRO

Observo, com grande mágoa minha, um assombro fúnebre em todos os semblantes. Nunca se viu jantar tão desanimado, tão silenciosamente triste no *dessert!* Dir-se-ia que entrou em todos os corações um pressentimento fúnebre! Que será?

Nos banquetes dos Bórgias, onde os venenos filtravam dos cristais, havia risos expansivos, e folias que disfarçavam a fealdade dos paroxismos. No famoso festim de Baltasar tingiu o terror as faces dos convivas, depois que o dedo misterioso escreveu na parede a legenda terrível. Aqui não há venenos nem legendas, não há Baltasares nem Bórgias, e assim estamos nós como repasto de fantasmas!

Sr. Ataíde, dê alma a estes corpos mortos! Conte-nos em gíria elegante uma das suas cenas de D. João!

LUÍS

O cavalheiro sabe que eu não costumo enfatuar-me de vaidades loucas... As minhas galanterias não conseguiriam despertar a sensibilidade cómica dos seus hóspedes... Durante este jantar tenho visto lágrimas mal disfarçadas, e seria pretensão cruel o querer enxugá-las com agudezas de mau gosto...

PEDRO

Lágrimas!? pois quem é que chora? (*Silêncio de instantes*). Digna-se responder-me, cavalheiro? (*Para Luís de Ataíde*).

1ª DAMA

A srª D. Amália tem chorado sempre...

PEDRO, *pensativo*

Ah! minha mulher?... Minha mulher tem dias de amargura... chora sem causa... e uma doença incurável!... e muito aflitiva... (*Escondendo o rosto entre as mãos*). É uma terrível doença...

1º CAVALHEIRO

Caprichos de nervos, talvez...

2º CAVALHEIRO

É natural...

PEDRO

Creio que sim, meus senhores...

2ª DAMA

E parece que está mais aflita agora!...

D. AMÁLIA, *sufocada por soluços*

Não, minha senhora; isto passa. (*Erguem-se todos*).

PEDRO

Queres entrar no teu quarto, Amália?

D. AMÁLIA

Estou melhor, filho... não quero... (*Aperta-lhe com veemência as mãos; e a meia voz*). Pelo amor de Deus!

1ª E 2ª DAMAS

Sente-se, sente-se...

1º CAVALHEIRO

Parece que desmaia!

2º CAVALHEIRO

É grande acesso de nervoso!

LUÍS

A srª D. Amália talvez esteja constrangida, e quererá ficar só...

2º CAVALHEIRO

Então retiremo-nos.

2ª DAMA À 1ª

E ficaremos nós com ela, srª viscondessa?

PEDRO

Pelo contrário... O maior alívio que V. Ex^{as} podem dar aos padecimentos de minha mulher é ficarem todos. Esta nuvem foge à distração de uma conversa alegre. Mas se queres sair, Amália...

D. AMÁLIA

Não, não quero...

PEDRO, AO 1º CAVALHEIRO

Sentemo-nos, e conversemos. Então, sr. visconde, não nos conta alguma novidade delectosa?

1º CAVALHEIRO

Estou de tal sorte penalizado pelo sofrimento de sua senhora...

PEDRO, PARA O 2º CAVALHEIRO

Então é este cavalheiro que nos vai fazer rir com uma anedota das suas... Vai-nos dizer qual é a dama que inspira hoje o primeiro ministro no seu gabinete...

2º CAVALHEIRO

Não posso, sr. Oliveira... Há aqui uma espécie de desfiguração em todos nós...

PEDRO

Em todos nós... diz V. Ex^a muito bem. (*Para os criados*). Retirem-se (*Executam*). Até no sr. Ataíde, superior à superstição do medo, se observa um espasmo.

Num castelo dos contos nocturnos de Hoffmann, conta-se que os convivas dos banquetes ficavam assim. Mas o terror deste castelo não era pânico. Andava já o espectro dum tal Daniel, grande celerado... Ia eu agora repetir uma história negra, quando o que precisamos é luz... É verdade, sr. Ataíde... ideias associadas a espectros e assassinos... Desde antes de ontem não ocorreu alguma eventualidade?

LUÍS

A que respeito, cavalheiro?

PEDRO

Como é esquecido!... A respeito daquele aviso...

LUÍS

Ah! sim!... Hei-de contar-lhe episódios...

PEDRO

Mas episódios que desmentem a catástrofe prometida na carta?

LUÍS

Justificam o primeiro aviso.

PEDRO

Sim? então... seriedade... E o senhor previne-se?... bem claro...

LUÍS

Muito prevenido.

PEDRO

Enquanto a mim o desfecho mais grato à pessoa que o avisou seria um casamento...

LUÍS

É natural; mas impossível...

PEDRO

Tal será a distância de nascimentos e patrimónios...

LUÍS

Imensa distância...

1ª DAMA

Já se vê que é história de amores... A gente fica sabendo metade... Eu contarei à Clarinha, sr. Ataíde... Deixe estar...

PEDRO, *risonho*

Pois o sr. Ataíde, se a quiser contar, sabe-a toda... mas naturalmente, não quer desonestar-se aos olhos de senhoras, nem contar as suas proezas como César.

LUÍS

Proezas !... Loucuras infantis!... Sabe? Aquele padre que entrou quando V. Ex^a saiu, era um episódio do drama sanguinolento.

PEDRO

Sim?!... Há muitos cúmplices, pelo que vou vendo, no atentado!

LUÍS

E ainda mais...

PEDRO

Ainda mais! que maravilhosa conspiração!

LUÍS

Um terceiro aviso em papel-cetim e letra inglesa. (*Vai tirando a carta da algibeira*).

PEDRO

Caso novo!

1ª DAMA, *para Amália sobressaltada*

Está mais aflita?

LUÍS

Não será possível conhecer-se a dona desta bonita caligrafia? (*Dá a carta a Pedro, que não é superior à violência da comoção*). O cavalheiro conhece a letra?! Mudou de cor!

TODOS, *excepto Amália*

É verdade!

PEDRO, *contrafeito*

Isso é ilusão, minhas senhoras! Conheces a letra, Amália?

D. AMÁLIA, *sem encarar a carta*

Seria talvez uma mulher muito amiga do assassino.

LUÍS, *com fatuidade*

E porque não havia de ser do assassinado, minha senhora?!

PEDRO

Tanta gente a querer salvá-lo, sr. Ataíde!... V. EX.” deve ser um mancebo bem virtuoso!...

CENA II

Os MESMOS e MARIA, *que entra distraída na sala*

1ª DAMA

Ai! que menina é aquela! (*Olham todos*).

VOZES

É verdade!

D. AMÁLIA, *a meia voz*

Jesus, valei-nos!

PEDRO

Venha cá, minha menina, venha cá ao seu amiguinho. (*Toma-a ao colo*).

2ª DAMA

É filha da dona do hotel?

PEDRO

Não, sr^a baronesa. Esta menina é uma providência que entrou agora a dar-nos assunto em que falemos. Venha cá, filhinha. (*Vai com ela à mesa*). Há-de comer alguma coisa, sim?... Quer uma pêra?

MARIA

Pois sim.

PEDRO

O sr. Ataíde, como vai brevemente ser esposo, bom é que aprenda a ser pai... Venha cá, sente-se ao pé desta criancinha, e apare-lhe a pêra... Habitue-se às denguiques paternais.

LUÍS, *sentando-se com a menina no joelho*

Eu sou amicíssimo de crianças, e as crianças distinguem-me sempre. Li em alguma parte que o amor das crianças e dos animais é sinal de morte prematura.

D. AMÁLIA

Jesus!

1ª DAMA

Que é?

D. AMÁLIA

Uma palpitação tão violenta...

2ª DAMA, *a Pedro*

Sua senhora está pior...

PEDRO

Eu conduzo-te ao quarto, Amália...

D. AMÁLIA

Não vou, estou melhor aqui... Vem cá... (*Toma-lhe as mãos com muita aflição, e encara-o com suplicante ternura*).

PEDRO

Confiança em Deus, filha! (*As damas olham-se admiradas*). Vamos à história desta menina. (*Senta-se*). Chegando eu, faz hoje um mês, a esta hospedaria, chegava ao mesmo tempo uma senhora, um velho, e esta criança. Minha mulher, que reparte pelas crianças o amor que não pode dar aos seus filhos, tomou aquela à sua conta de beijos e carinhos, relacionou-se desde logo com a mãe, e fizeram-se amigas. Com a amizade veio a confiança, e a mãe daquela menina contou-lhe assim a sua história. É natural da província de Trás-os-Montes. Órfã de pai e mãe, desde os dez anos, vivia com um tio egresso duma ordem mendicante. Há-de haver oito anos, conta ela, um morgado seu vizinho, vendo-a acompanhar um velho tio a passeios na convalescença de uma perigosa enfermidade, seguiu-a todas as tardes, e prodigalizou ao velho padre muitas atenções, visitou-o, algumas vezes na sua pobre casa, honrou-o muito com a sua confiança, e começou o namoro da sobrinha. A rapariga recebeu a declaração do amante, e foi banhada em lágrimas depositá-la no coração do velho.

O padre, mais entendido nas inocências do céu que nas torpezas do mundo, ouvindo as palavras honestas da declaração, não se benzeu, nem fez trejeitos de beato. Disse à sobrinha que pedisse a Deus humildemente a protegesse dos perigos, e lhe inspirasse o que fosse em bem da sua alma.

Parece que o céu lhe ouvira os rogos durante um ano. O cavalheiro, apesar de amestrado na arte da sedução, inutilizou todos os seus esforços. A inocência parece-se com a rosa em botão nos espinhos que a defendem. Incapaz, porém, de recuar vexado, diante da virtude invencível, o cavalheiro tentou o último expediente: o mais ignóbil de todos. Dirigiu-se ao padre, e pediu-lhe a sobrinha com todas as formalidades usadas entre nobres. O pobre velho, cheio dum santo contentamento, chamou a sobrinha, e apertou-os a ambos no mesmo abraço. O fidalgo, desde esse dia, deu-se o direito de visitar com menos recato a sua noiva. O suspirado casamento espaçou-se, porque era necessário obter o consentimento do pai rebelde ao amor inconveniente e vilão do filho, representante de nove gerações.

Entretanto os rogos de Josefina... Chamava-se ela assim... Os rogos de Josefina deixavam de ser ouvidos no céu... Como é que o céu se fecha às súplicas destas desgraçadas... isso é que eu não sei, nem questiono. É certo que Josefina... Agora me recordo, sr. Ataíde, que há duas Josefinas a datarem a sua queda, no mesmo tempo, e no mesmo precipício... Desonrada, perdida, e desamparada, minhas senhoras...

1ª DAMA.

Desamparada!? pois esse infame homem...

PEDRO

Desamparou-a, fugiu, no mesmo dia em que o padre, sabendo a queda de sua sobrinha, foi lançar-se aos pés do pai do noivo, pedindo-lhe o consentimento. E obteve-o! obteve-o! (*Sorrindo*). Urna zombaria, sobre uma infâmia! O pai consentiu que seu filho viesse para Lisboa desvanecer o preconceito nas variadas sensações que podia dar-lhe a sua riqueza.

1º CAVALHEIRO

É infame!

2º CAVALHEIRO

Atrocidade!

PEDRO

Não gastemos epítetos, cavalheiros. A ordem regular do mundo é esta. (*Sorrindo*). Das agonias de uns é que dependem os prazeres de outros. Eu creio que nenhum de nós é tão inepto que queira encravar a roda dos acontecimentos... Encravá-la é sair com o braço partido... Ora venha cá, minha menina... Venha dar-me um beijo...

LUÍS, *apertando-a contra o seio*

Deixe-a estar no meu colo... Quer estar no meu colo, filha?

MARIA

Sim, senhor.

D. AMÁLIA, *correndo ao marido*

Lágrimas!

1º DAMA

Comoveu-se, contando o triste caso. Tem um excelente coração, sr. Oliveira. E a mãe desta menina tem meios?

PEDRO

Não, minha senhora. É pobre. Sou eu que lhe abono as despesas neste hotel.

2ª DAMA

E encontrará ela esse malvado que procura?

1ª DAMA

Quem me dera vê-la! Tenha imenso prazer, recebendo em minha casa esta família! Olha, visconde: o padre era nosso capelão, a sobrinha era mestra da nossa Francisquinha, e aquele anjinho havíamos de tratá-lo como nossa filha.

1º CAVALHEIRO

Eu aceito o encargo com muito gosto.

PEDRO

E ela precisa bem das esmolas de todos nos. Até o sr. Ataíde dá um vestidinho àquela menina... *(Ataíde beija carinhosamente a criança sem responder)*.

D. AMÁLIA, *com alegria*

Como ele está comovido, meu Deus!

1º DAMA

Quem não há-de comover-se! Se eu pudesse ver a mãe!

PEDRO

Pode, minha senhora!... *(Ataíde ergue-se com indecisão)*. Não quer conhecê-la, sr. Ataíde? *(Toca uma campainha)*.

LUÍS

É uma nobre desgraçada... que deve ser vista...

PEDRO, *ao criado*

A mãe desta menina se faz favor de entrar nesta sala, que lho pede a srª D. Amália. *(D. Amélia segue o criado)*. Não parece que durante o jantar tivemos todos os pressentimentos desta cena triste? *(Silêncio de alguns instantes. Maria quer subir ao colo de Luís de Ataíde)*.

CENA III

Os MESMOS, JOSEFINA e D. AMÁLIA,
trazendo-a pela mão e depois PADRE HENRIQUE

PEDRO

Venha, senhora! Há aqui pessoas que simpatizam com o seu infortúnio. (*Josefina, vendo Ataíde, estremece, e pende a cabeça esvaída no ombro de D. Amélia. Maria foge de Ataíde para a mãe, beijando-lhe a mão. O padre entra lentamente na sala.*)

1ª E 2ª DAMA

Ela desmaia!

PEDRO

Na presença de muita gente... foi talvez o pejo...

PADRE HENRIQUE, *encostando-a a si*

Estou aqui, minha filha, estou aqui contigo. (*Josefina fixa-o espavorida.*)

D. AMÁLIA

Deixe-a sentar, ar. padre Henrique.

JOSEFINA, *ao padre*

Uma gota de água!... (*Amélia chega-lhe o copo. Com muita ansiedade.*) Salve-o! (*Pedro vai sentar-se na cadeira mais afastada. Esconde o rosto nas mãos. D. Amélia corre a ele, curvando-se-lhe ao ouvido.*)

JOSEFINA, *à filha*

Não chores, Maria, vem cá... (*Quer tomá-la nos braços e não pode.*) Não posso... dê-ma, meu tio...

1ª DAMA, *sentando-lhe a menina ao regaço*

Sabemos quanto sofre, minha pobre menina. Anime-se que os seus padecimentos são muito nobres. Eu já pedi licença ao ar. Oliveira para ser sua protectora... Não chore...

JOSEFINA, *com fingida alegria*

Eu não choro...

1º CAVALHEIRO

É pena que não seja conhecido, para ser severamente castigado, o algoz desta senhora.

LUÍS, *com humildade*

Sou eu, senhor! (*Espanto.*)

1ª E 2ª DAMA

O senhor!

1º CAVALHEIRO

Isto é crivei, sr. Oliveira!

LUÍS, *cruzando os braços diante de Josefina*

Tu não me acusas, Josefina!? (*Josefina soluça escondendo a face no lenço*). Não me acusas, Josefina?! (*Toma-lhe a filha dos braços*). Filha! ajoelha ao pé de mim, pedindo o perdão de teu pai! (*Ajoelham. Josefina curva-se para erguê-lo, e, vendo o irmão que se aproxima, severo, corre a abraçá-lo*).

JOSEFINA

Eu sou a desgraçada, e perdoei!

D. AMÁLIA

Pedro! tu tens uma alma muito nobre! Pedro! pelo nosso amor!

PEDRO, *a Josefina*

Pois se perdoaste, o verdugo que vá em paz! Eu sou o irmão desta mulher!

VOZES

Irmão!

PEDRO

Aceito-a desonrada... Sobeja-lhe a nobreza da alma, que a santifica aos meus olhos. Casada com este homem... rejeito... quebro os laços de sangue que nos prendem... (*Tocando no ombro de Luís de Ataíde*). Não vá o cavalheiro persuadir-se que eu lancei com todo este aparato uma rede à sua compaixão... Os três avisos que recebeu, senhor, não foram uma astúcia de romance. A morte que lhe vaticinaram não o esperava atraçoadamente. Eu queria vê-lo primeiro, na presença daquela mulher e dessa criança... Sabe porquê? Faltava-me o ânimo... e quis tirar do seu cinismo o último alento que não tinha para aceitar a responsabilidade do assassinio... Enganei-me... Quando mais não fosse, os lábios silenciosos daquela criança absolveram-no... E não tenho mais que lhe diga... A sua presença daqui em diante recebo-a como uma afronta...

JOSEFINA

Oh meu Deus! faltava-me esta agonia! (*Corre aos braços do tio*).

PADRE HENRIQUE

Se te faltava esta agonia, recolhe-a onde tens recolhido as outras, ao coração de teu velho tio, que ainda tem forças para muitas.

LUÍS, *a Pedro*

Sou, pois, um homem bem desprezível, senhor... ou o seu coração deve ser muito duro!

PEDRO, *com severidade*

Saia, senhor!

JOSEFINA

Oh! meu tio!

PADRE HENRIQUE

Eu posso mais que tu, meu sobrinho. Tu tens a força da paixão humana, e eu invoco o auxílio da protecção divina. Quem vence nestes lances é a religião, não é o homem. Josefina é esposa de Luís de Ataíde! Queres que este velho ajoelhe a teus pés? (*Faz menção de ajoelhar-se*).

PEDRO, *erguendo-o*

Por Deus!

PADRE HENRIQUE

Sr. Ataíde, venha apertar a mão de seu irmão. (*Ao mesmo tempo, D. Amélia faz que a mão de Pedro toque a de Luís de Ataíde*).

JOSEFINA, *de mãos erguidas*

Eu voa agradeço, meu Deus!

PADRE HENRIQUE

Ajoelha, Josefina. Nestas lutas a humildade com que se triunfa deve ser tão grata a Deus como aos homens. Eu vou ajoelhar ao pé de ti, minha filha!

Purgatório e Paraíso

Ao meu amigo

António Ferreira Girão

OFEREÇO

ESTE ENSAIO DRAMÁTICO

PERSONAGENS:

D. EMÍLIA DE SÁ: 38 anos.

LUÍSA AMÉLIA: 19 anos.

ALFREDO DE TOVAR: 19 anos.

BERNARDO DE MASCARENHAS: 40 anos.

JORGE DE SÁ: de 20 a 25 anos.

CONSELHEIRO NÓBREGA: meia idade.

BARÃO DE VILA MARIM: meia idade.

FRANCISCO DE SÁ: meia idade.

O PRIOR DE BENFICA.

MÉDICO.

ALFAIATE.

BOLEEIRO.

DOIS CRIADOS.

São cenas da actualidade, passadas em Lisboa e Benfica.

ACTO I

Casa não luxuosa; mas graciosamente ornada.
Portas ao fundo, e lados.

CENA I

JORGE DE SÁ *e depois* UM CRIADO

JORGE

Hoje é um dos tais dias aziagos. Os meus credores combinam-se. Quando vem um, vêm todos. Eu adoptei o sistema de todo o caloteiro insigne e ilustrado: recebo os credores com tanta delicadeza, e despeço-os com educação tão fina, que todos se retiram, como de todos os bailes... penhorados das atenções do dono da casa, que muitas vezes não é dono de casa nenhuma, como eu. Abra-se a sessão. O Brás!

CRIADO

Meu senhor.

JORGE

Que importunos são esses que me querem falar?

CRIADO

V. S^a sabe... Acho que são... aqueles homens de Lisboa...

JORGE

Conheces quem são?

CRIADO

Ora, se conheço! Há seis meses a vê-los todas as semanas duas vezes...

JORGE

Minha tia já saiu do quarto?

CRIADO

Não, meu senhor.

JORGE

E Luísa?

CRIADO

A menina anda a passear na. quinta desde o nascer do sol.

JORGE

Esses homens que entrem. Quantos são?

CRIADO

Por ora são só quatro; os outros costumam vir depois de jantar.

JORGE

Que entre cada um por sua vez sem distinção de sexo nem idade. *(O criado sai)*.

CENA II

JORGE, *só*

O credor é o verdugo do homem de bem; é a espada de Dâmocles; é o terror da juventude esperançosa; é o espectro do rei da Escócia; é a sombra de Nino; é o Lúcifer despenhado no inferno... dos devedores insolúveis; é, finalmente, um homem contra o qual se pode recitar um comprido monólogo sem enfastiar a plateia, porque não há plateia em que o credor não esteja em deplorável minoria. Eu estudo – sem ser subsidiado pelo governo – o modo de arrancar do seio social este cancro, chamado o credor; porque o credor é um vampiro, é um animal mestiço, filho de raposa e mocho; velhaco como a mãe, e esperto de olho como o pai, que até de noite vê. O credor, enfim, é... *(vendo o alfaiate à porta do fundo)* é o alfaiate!

CENA III

JORGE e O ALFAIATE

ALFAIATE

Dá licença, senhor Jorge de Sá?

JORGE

Ó meu caro senhor! Sem a menor cerimónia... *(trazendo-o pelo braço e indigitando-lhe o canapé)*. Ali... o seu chapéu... tem a bondade de sentar-se, faz favor? Por quem é, senhor Trancoso... então?...

ALFAIATE

São só duas palavras...

JORGE

Queira sentar-se... O meu amigo, sempre indulgente com as minhas faltas, não se cansa de fazer justiça à causa involuntária que o traz ainda no desembolso de...

ALFAIATE

Réis, 120\$000... (*querendo ler as parcelas*)

JORGE

Tem a bondade de não ler? Eu não duvido da sua rectidão no valor dum ceutil... Pois, meu prezadíssimo amigo, têm-se dado algumas contrariedades monetárias na minha vida. Brevemente, porém, estarei de posse de uma fortuna, da qual o senhor Trancoso pode dispor como sua.

ALFAIATE

Muito obrigado... Eu não quero senão os meus cento e vinte mil réis, sendo possível hoje, porque...

JORGE

Essa quantia, meu amável cavalheiro, é um grão de areia no meu oceano de cabedal.

ALFAIATE

Pois o senhor Jorge negociava agora em cabedal?!

JORGE

Não me entendeu, senhor Trancoso. Queria dizer-lhe que estou em vésperas de fazer um casamento vantajosíssimo com a filha do barão de Vila Marim, e preparava-me para ir consultar o meu amigo sobre o melhor emprego que eu podia dar aos meus capitais, aventurando-os em empresas industriosas, de boa harmonia com as modernas ideias de economia social. O meu amigo poderá dizer-me...

ALFAIATE

Nada... não posso dizer nada, porque, a falar a verdade, não o entendi bem... Parece-me que V. S^a disse que queria fazer economias, e eu acho isso muito acertado, depois que se paga a quem se deve.

JORGE

É esse o meu pensamento dominante, senhor Trancoso; e, entre os meus insignificantes débitos, será o seu o primeiro. Entretanto, espero continuar a merecer a sua confiança, mandando-me preparar um casaca azul com botões amarelos, outra verde com botões brancos, um pio-nono anelado com alamares cor de limão, e um fato campestre duma meia. cachemira cor de azeitona de Sevilha, adicionando a nova verba à conta velha, que lhe será mui lucrativamente paga. É servido de *lanchar* comigo?

Quer dar-me o prazer de respirar o ar puro e balsâmico do meu jardim? Quer ver as prodigiosas melancias que eu tenho? Eu chamo o escudeiro...

ALFAIATE

Não, senhor, eu tenho que fazer... será noutra ocasião. Então diz-me V. S^a...

JORGE

Que no prazo improrrogável dum mês está. o mestre Trancoso embolsado de... 240\$000 réis...

ALFAIATE

Cento e vinte mil réis...

JORGE

Bagatela a diferença... e amanhã irei provar as encomendas que fiz.

ALFAIATE

Passe V. S^a muito bem até amanhã.

JORGE, *com entusiasmo, abraçando-o*

Meu nobre amigo! os devedores honram-se quando os seus credores são assim ilustrados e benévolos. (*Acompanha-o à porta, trejeitando cortesias*). Brás, acompanha este senhor!

CENA IV

JORGE e depois o BOLEEIRO

JORGE

A delicadeza inventou-se para humanizar estes bichos. O devedor delicado e de fino trato tem sempre à sua disposição uma moeda, que, se não amortiza a dívida, convida sempre os credores a uma suave moratória. O dinheiro inventou-se para contrabalançar a grosseria do homem estúpido. O homem delicado é como os meninos de Esparta: vivem à custa do Estado.

BOLEEIRO

Ora viva, patrão.

JORGE

Olá, José Ruço, como vais tu? A parelha baia ainda se leva à maravilha?

BOLEEIRO

Estamos todos bons, patrão, louvado Deus, para o servir; mas de chelpa vamos mal. Faz favor de acabar com isto (*tirando a conta*). Trinta e dois aluguéis de Benfica a Carnaxide, a Sintra, e a Lisboa, ida e vinda, soma... soma...

JORGE

Senta-te, rapaz.

BOLEEIRO

Estou bem, meu amo, quero crescer; farto de estar sentado à espera, desde as seis horas, estou eu... Soma 51\$400 réis. Palavra que não vou daqui sem o meu dinheiro. Isto já passa de caçoada. Hoje, ou V. S^a me paga, ou eu vou pedir a sua mãe, ou tia, ou que diabo é, que me pague, senão mando-lhe a casa o meirinho.

JORGE

Fala baixo.

BOLEEIRO

Contos não enchem, meu amiguinho. Se quer que eu me vá embora, pague-me; meu amo põe-me hoje na rua, se lhe não levar o dinheiro, e não me dá as soldadas.

JORGE

Pois vai-te embora, que eu lá levo de tarde o teu dinheiro.

BOLEEIRO

Não ando, o senhor diz-me sempre isso. Isto já cheira a calote!

JORGE

És um vil canalha! Sai já daqui, senão mando-te dar reboque com uma tranca.

BOLEEIRO

Ó patrão! Venha de lá essa tranca: quero ver como se paga com uma tranca a quem pede o seu dinheiro. Ande lá, meu amo, pegue lá na tranca!...

CENA V

Os MESMOS e ALFREDO DE TOVAR

ALFREDO DE TOVAR

Que bulha é esta?!

JORGE

o Alfredo, como estás? Não é nada... (*Para o boleiro*). Vai-te embora.

BOLEIRO

Já disse: pague-me, se quer que eu vá.

ALFREDO, *ao boleiro*

Dá cá essa conta (*vê, e está tirando do porte-monnaie dinheiro*).

CENA VI

D. EMÍLIA DE SÁ e OS MESMOS

D. EMÍLIA, *obstando a que Alfredo pague*

Senhor Tovar, tenha a bondade de retirar o serviço a meu sobrinho; mas a delicadeza sou eu que lha agradeço. (*Ao boleiro*) Homem, espere no pátio... lá se manda pagar a sua conta; e diga a esses homens que lá estão, que esperem. (*O boleiro sai*). Jorge, tu envergonhas-me. Já não sei como hei-de mostrar-te o desgosto que me faz a tua companhia. Estas quantias, que pago, já as não dou para salvar a tua honra; é para salvar a minha. Desculpe-me, senhor Alfredo. A sua familiaridade nesta casa consente-me este desafogo; e a nobreza com que quis poupar o seu amigo à última vergonha de espancar um credor, faz-me cada vez mais prezadas as suas excelentes qualidades. Dê-me licença. (*Sai*).

CENA VII

ALFREDO e JORGE

ALFREDO

Tua tia tem razão, Jorge.

JORGE

Nos elogios que te fez? Que modéstia!

ALFREDO

Não: na repreensão que deu às tuas dissipações. Não gastes tanto, meu amigo. Despende o que tiveres. Podes estar sempre no agrado desta excelente senhora, e viver com as regalias que poucos rapazes têm.

JORGE

Pois não! óptimas regalias... Tenho para aí um *gig* velho e uma cavalo espravonado, com meia dúzia de moedas mensais para extraordinários... É realmente de apetite esta fortuna!

ALFREDO

E eu que sou filho de um milionário não tenho cavalo nem carro. Qual das nossas posições é a mais brilhante?

JORGE

Eu sei cá! Tu tens um futuro, e eu já perdi as esperanças de ser herdeiro de minha tia.

ALFREDO

Procede com mais tino, e serás herdeiro de tua tia.

JORGE

Qual herdeiro! Os bens dela quem os herda é Luísa.

ALFREDO

Não creio... Luísa é uma simples afilhada de tua tia...

JORGE

Deixa ser! mas tem sabido insinuar-se na sua estima com tal hipocrisia...

ALFREDO

Hipocrisia, não, Jorge! Isso é injuriar a sinceridade de Luísa. Não sejas injusto com a tua amiga...

JORGE, *rindo*

Minha amiga! Porque não dizes antes: «*Não sejas injusto com a minha amante?*»

ALFREDO

Eu não me ofendo, glorio-me até com essa correcção irónica... Oxalá que não te enganes, e que o título com que me lisonjeias, ela mo dê também. Sabes de mais o que eu sei de mim, e não quero, nem posso negar-te que amo Luísa como se ama uma irmã muito querida... Não somos rivais, não, Jorge?

JORGE

Ora essa!...

ALFREDO

Quando me apresentaste à senhora D. Emília, perguntei-te se Luísa te era indiferente... Parecia-me impossível que o fosse... Respondeste-me que era.

JORGE

E é, e será... eu não desço tanto...

ALFREDO, *sorrindo*

Não desces tanto..... É muito orgulho, meu amigo... penso eu... Depois de algumas visitas, em que passei da cerimónia à familiaridade, disse-te que amava Luísa, e me dava por bem pago do meu amor.

JORGE

E daí?

ALFREDO

Daí... seria hoje um capricho louco desdizer-me, e é da tua parte pouca delicadeza caluniar a pobre menina que nos estima a ambos.

JORGE, *com seriedade cómica*

Tu pareces um provinciano! Que ares de amante idiota! Luísa, pelo que vejo, é impecável!... Sabes tu o que me pareces?... Aquele *Molière* sempre era um grande pintor!...

ALFREDO

Molière pintou Sganarello, Scapin, Orgon, Jorge Dandin, Pourceaugnac, e...

JORGE

Et caetera.

ALFREDO, *sorrindo*

E *Tartufo*... que sou eu, não é assim, meu caro Jorge?

JORGE

Vamos lá, vamos lá... todos temos um bocado da tal honrada personagem!

ALFREDO

Agradeço-te o meu quinhão, amigo; mas... hipócrita e lorpa provinciano, ao

mesmo tempo, é de mais: não posso pagar os direitos de ambas as mercês...

JORGE

Esse ar de chufa requentada parece-me assim de homem que (*faz menção de farejar*) cheira a dinheiro! Os teu futuros quatrocentos contos têm uma acção retroactiva... Falta-te um abdómen proeminente para te ir ao pintar a gravidade pedantesca...

ALFREDO, *sorrindo*

Aqui estou eu debaixo do teu *ridículo!* Desafoga, meu amigo, deixa expandir-se livremente o génio da sátira que te há dado mais vítimas do que amigos... Não me poupes...

JORGE

Isto é graça!... (*abraça-o*) sempre amigos! Sabes que mais? Vou matar codornizes no restolho. Tu cá tens quem te entretenha... Ai vem Luisinha.

CENA VIII

LUÍSA e OS MESMOS

LUÍSA, a *Alfredo*

Estava aqui, e eu só soube agora? Passou bem? (*A Jorge*). E o meu amiguinho como está? Ainda hoje não falámos...

JORGE

A menina tem andado no bosque a conversar com os rouxinóis, e eu tenho cá estado em casa a conversar com uns melros de bico revoltos...

LUÍSA

Com uns...? (*A Alfredo*). Ele que disse?

JORGE

Pois a Luisinha não ouviu a algazarra?

LUÍSA

Não, eu não ouvi algazarra nenhuma. Que foi?

ALFREDO

Nada, minha senhora. Jorge está de belo humor!...

JORGE

Até logo. Vou à caça.

LUÍSA

Venha cá: deixe-se estar... O seu amigo não vai?

JORGE

O meu amigo não gosta de caçar codornizes... O género de altanaria é outro... Até logo (*Sai*).

CENA IX

LUÍSA e ALFREDO

LUÍSA

Que diz ele?!

ALFREDO

Nada que mereça explicação.

LUÍSA

Eu entendi-o.

ALFREDO

Pior, minha querida Luísa. Eu quisera antes que certas expressões, ou a intenção delas, te achassem sempre ignorante.

LUÍSA

Sabes que eu estou sofrendo muito, meu amigo...?

ALFREDO

Que é? Não te consinto um segredo.

LUÍSA

Este homem faz-me um grande mal.

ALFREDO

Jorge?... De que maneira?

LUÍSA

Eu não lho mereço. Estou sempre pedindo à madrinha que lhe dê dinheiro, que o não repreenda, que o não expulse de casa; e ele, depois de me ter intrigado, perdoando-lhe eu sempre... e sabendo que eu te quero tanto...

ALFREDO

Diz... a tua suspensão aflige-me.

LUÍSA

Teve a indiscrição, ou talvez ruindade de dizer que me amava, desde que me viu, e tinha direitos ao meu amor...

ALFREDO

Ele!... Jorge!... É pois certo que não tem uma qualidade boa!...

LUÍSA

Não lhe digas nada, não?

ALFREDO

Não mo recomendes... E depois há mais algum motivo de sofrimento?

LUÍSA

Lança-me em rosto a minha hipocrisia. Diz que sou uma astuciosa, que estou vendendo a minha madrinha os afagos, que dissimulo... Isto chega ao coração, Alfredo... Deus sabe que lhe tenho pedido a morte antes que minha madrinha me falte...

ALFREDO

Não peças, filha, que me tens a mim no mundo.

LUÍSA

Tenho, e é uma consolação saber que sofres comigo; porém... Não vá vir a madrinha (*Escuta à porta lateral*)... que te disse eu, Alfredo?

ALFREDO

Disseste que me tinhas como irmão no sofrimento...

LUÍSA

E a realização do nosso querido futuro?... Essa... não espero...

ALFREDO

Porquê?!

LUÍSA

Teu pai é um homem muito nobre, e muito rico, e eu sou uma órfã, sou pobre, nem ao menos sei o nome de meus pais...

ALFREDO

Criança! que tem a riqueza e fidalguia de meu pai com o meu coração? Não te tenho eu dito que a minha felicidade não ma dará o dinheiro? Não me tens visto invejar a sorte dos operários nesta quinta? Não vês que estou tão afastado dessa roda onde o dinheiro é recomendação? Homem que assim pensa será capaz de sacrificar-se moralmente a ambições dum pai, por mais respeitável que a sua vontade seja? Eu queria desenganar-te, Luísa, e... hei-de desenganar-te...

LUÍSA

Como, Alfredo?! Eu não temo enganar-teus...

ALFREDO

Hei-de obrigar-te suavemente a fazer justiça inteira à independência de algumas almas...

CENA X

Os MESMOS e O CRIADO

CRIADO

Está na sala de espera um senhor que pretende falar à senhora D. Emília.

LUÍSA

Dê-lhe parte. (*O criado sai*). Vamos à quinta, Alfredo. Deixemos esta sala à minha madrinha.

CRIADO, *fora*

Faz favor de entrar, que a senhora vem já.

CENA XI

BARÃO DE VILA MARIM e depois D. EMÍLIA

BARÃO, *examinando*

O aparato não me cheira à tal fortuna... Veremos o que daqui sai... isto é uma casa de quinta... enfim... pode ser. *(Para D. Emília que vem entrando)* Minha senhora, passasse muito bem... Eu tomei a liberdade de procurar a V. Ex^a.

D. EMÍLIA

Não sei a quem tenho a honra de falar.

BARÃO

Eu sou o Barão de Vila Marim, criado de V. Ex^a para a servir. *(Ligeiro cumprimento de D. Emília)*. Creio que não me conhece.

D. EMÍLIA, *indicando-lhe o canapé*

Não tenho o gosto.

BARÃO, *sentando-se*

Pois, minha senhora, eu sou o Barão de Vila Marim, e tenho urna sofrível fortuna arranjada por meios lícitos, graças a Deus, e não como a de alguns meus colegas, que a arranjam Deus sabe como, e eu também sei alguma coisa... Pois, enfim, minha senhora, eu tenho quatro filhas, e dois rapazes. As raparigas estão casadoiras, e eu, a falar a verdade, não sei guardar as mulheres, porque diz lá o ditado que nem o diabo as guarda. Pois, minha senhora, um destes dias, apareceu em minha casa um rapazote de *cabriolet*, bem arranjado, pedindo-me minha filha segunda, que é a Joanhinha, que já fez os seus dezoito. Eu disse ao tal noivo que queria saber quem era, e a fortuna que tinha, porque isto, bem sabe a senhora, que... está visto... a pequena tem trinta contos já, e o que casar com ela, se não tiver mais, arranje-se lá como puder, mas há-de ter outro tanto; sim, isto é claro, pois não acha?

D. EMÍLIA

Sim, senhor.

BARÃO

Pois é verdade. O tal moço, como eu lhe vinha contando, disse-me que era natural de Évora Cidade, onde tinha uma boa casa, e estava vivendo em Benfica na companhia de uma tia muito rica, que pelos modos é V. Ex^a, de quem é herdeiro ele. Disse chamar-se Jorge de Sá Pignatelli Lencastre... e não sei que mais. Pois, minha senhora, é ao que eu vinha...

D. EMÍLIA

Ainda não sei ao que o senhor vem.

BARÃO

Venho saber se isto é verdade, com quanto dota V. Ex^a o seu sobrinho, e quanto valerá esse morgadio que ele tem em Évora Cidade.

D. EMÍLIA

Responderei: meu sobrinho não é morgado, é filho segundo duma casa arruinada. Não o doto em vida, nem tenciono instituí-lo meu her. deiro. Creio que respondi.

BARÃO

Também me parece que sim... É o que eu queria saber... Então seu sobrinho é um troca-tintas...?

D. EMÍLIA

Pelo simples facto de ser meu sobrinho, lembro ao senhor barão de... de...

BARÃO

Barão de Vila Marim.

D. EMÍLIA

Lembro ao senhor barão de Vila Marim que é pouco cortês o nome que lhe dá. Preciso tratar do governo de minha casa; e então... (*ergue-se*).

BARÃO, *erguendo-se*

Em todo o caso fará o favor de lhe dizer que me não ande lá pela rua a fazer douda a cabeça da rapariga.

D. EMÍLIA

Se a cabeça de sua filha tiver o necessário juízo, não corre o risco da loucura; e eu creio que as filhas de V. Ex^a hão-de ser educadas com estremado melindre... senhor barão.

BARÃO, *saindo*

Às suas ordens, minha senhora.

CENA XII

D. EMÍLIA e depois o CRIADO

D. EMÍLIA, *tocando a campainha*

Como hei-de eu ver-me livre deste vexame continuado em que me tem este

homem!... *(Ao criado que entra)*. O senhor Jorge está em casa?

CRIADO

Saiu com a espingarda e com os cães, senhora.

D. EMÍLIA

E o senhor Alfredo Tovar onde está?

CRIADO

Andava agora com a menina no jardim. *(Reparando)* Ele aqui vem.

D. EMÍLIA

Retira-te, e não entre aqui alguém sem minha ordem.

CENA XIII

D. EMÍLIA e ALFREDO TOVAR

D. EMÍLIA

Mandava-o agora chamar, senhor Alfredo, para uma... para uma impertinência.

ALFREDO

Que poderá V. Ex.^a querer-me que me não seja muito agradável!

D. EMÍLIA

Começarei por fazer o elogio da minha afilhada. Não há coração mais bom, nem mais sincero. Tem a inocência que protege a fraqueza. Se há pecado no coração de Luísa, as acções puras de todos os dias estão-na sempre absolvendo. Não conhece ainda bem minha afilhada, senhor Tovar, para não achar suspeito este elogio.

ALFREDO

Eu conheço aquele anjo...

EMÍLIA

Se a conhece, há-de amá-la muito.

ALFREDO

Senhora D. Emília, porque me não diz que sabe que eu a amo muito?

EMÍLIA

Ainda não disse tudo do elogio. Minha afilhada só tem para mim um segredo, mas, coitadinha, sabe tão pouco simular, que esse mesmo lhe adivinhei. Pensa que é do seu amor? Não é, senhor Tovar; esse contou-mo ela... a chorar, como quem chora urna esperança morta.

ALFREDO

Uma esperança morta! Que diz V. Ex^a?! Eu inspiro desconfiança a alguém?!

D. EMÍLIA

Não antecipemos o fim desta nossa entrevista. Em louvor da minha afilhada, quero confiar-lhe o segredo que ela me esconde: é a dor de não ter apelido de pai ou mãe: julga-se uma enjeitada que a piedade perfilhou. Tem no fundo do coração a mágoa de não herdar de sua mãe ao menos a virtude, e de seu pai a honra. Ela já lhe falou nisto?

ALFREDO

Ligeiramente.

D. EMÍLIA

E Jorge?

ALFREDO

Esse...

D. EMÍLIA

Esse disse-lhe alguma invenção torpe...

ALFREDO, *vacilante*

Não, minha senhora...

D. EMÍLIA

Disse-lhe que Luísa era uma exposta que eu levantei das lajes da rua.

ALFREDO

Se o dissesse, eu pedir-lhe-ia que cobrisse com a bandeira da misericórdia a desonra dos pais de Luísa, por amor de Deus e dela.

D. EMÍLIA, *perturbada*

O senhor tem um nobre coração... Vou-lhe dizer o nascimento desta menina. Eu

tive uma amiga que Deus me emprestou por poucos anos. Amou até à cegueira. Galardoou com corpo e alma a desonra dum pérfido. Foi abandonada, quando o abandono excruciava duas vítimas ao mesmo tempo. Esse homem casou com outra. A minha amiga sobreviveu algumas horas ao deixar uma herdeira das suas lágrimas na terra. Jurei-lhe protecção à criancinha; fi-la minha; dei-lhe o coração que dera a sua mãe, e mandava-lhe todos os dias o meu coração ao céu para que a mãe a visse. Esta é a história de Luísa, senhor Tovar. Eu não vesti o meu conto com palavras tocantes. Quis reduzi-lo a poucas, para chegar depressa onde a impaciência de nós ambos nos chama. Luísa ama-o muito. Eu, sua segunda mãe, consultando a primeira, se o coração me fala por ela, não reprovoo semelhante amor. Quais intenções são as suas? Desculpe-me a grosseria da pergunta; mas eu falo com um mancebo que mereceu o amor da minha Luísa. Quero, neste instante, pertencer a uma sociedade onde as palavras não servem para desfigurar os pensamentos... Para que ama Luísa?

ALFREDO

Não lho disse ela, minha senhora?

D. EMÍLIA

Há coisas que o pudor não diz. A minha afilhada ainda não proferiu uma palavra que anda na boca de todas as meninas da sociedade escolhida. Esta palavra «casar» tem um som que fere o coração inocente e afeia os lábios virgens que a pronunciam. Não me chame visionária... O senhor Tovar quer fazer sua esposa minha afilhada?

ALFREDO

Se houvesse de responder negativamente, creio que não estaria a esta hora na presença de V. Ex^a.

D. EMÍLIA

Que impede a pronta realização dessa vontade?

ALFREDO

Até ontem a vontade de meu pai, hoje a de V. Ex^a. Quando me encaminhava para esta sala, vinha pedir o seu consentimento.

D. EMÍLIA, *erguendo-se e estendo-lhe a mão*

Tem-no. (*Vai à porta, chamando*) Brás... (*ao criado*) chama aqui a senhora D. Luísa. (*O criado sai*). Eu hei-de ir daqui agradecer ao Senhor o primeiro momento de felicidade que me está dando em minha vida.

ALFREDO

E eu pedir-lhe-ei que me dê a felicidade de reproduzir esses momentos com quanto amor e respeito se pode ter a uma segunda mãe.

CENA XIV

Os MESMOS e LUÍSA

D. EMÍLIA, *tomando-lhe a mão*

Apresento-te teu esposo, Luísa. (*Luísa baixa os olhos*) o coração não te manda agradecer, filha? (*Luísa abraça a madrinha escondendo-lhe a face no seio. Tovar, curvando um joelho, beija a mão de D. Emília, que o ergue*). A gente nas grandes amarguras tem a expressão do gemido; para as grandes alegrias não há nenhuma! Luísa, reparte do teu coração uma migalha desse prazer, que tão poucas mulheres sentem puro de temores e de remorsos. Eu não o experimentei, e tinha uma alma tão digna de o sentir... (*chora*).

ALFREDO

Minha boa amiga...

LUÍSA

Porque chora, minha madrinha? Eu não a deixo...

D. EMÍLIA, *concentrada*

Entre a saudade e o remorso há uma paixão que rasga... Ora aqui está o que é a felicidade nesta vida... mistura de risos e prantos. A tua... não é assim, Luísa. Dou-te a um anjo, a um homem que não entendeu o mundo, e fugiu para nós, que também o não entendíamos... Pareces-me oprimida, filha! Queres-te sozinha agora? Isso é tão natural... Vai colher dois ramilhetes de flores, e desta vez não tragas cipreste no meu, não?... (*Luísa, envergonhada, sorri e sai*).

CENA XV

D. EMÍLIA e ALFREDO

D. EMÍLIA

Não o deixo ir com ela, porque vão dizer puerilidades... (*Sorrindo*) Sente-se ao pé de mim; vamos conversar. Falemos da sua família. Seu pai já Jorge me disse que era o senhor Bernardo Tovar.

ALFREDO

Não, minha senhora. *Tovar*, é apelido de minha mãe; adoptei-o, porque me era tão cara a santa senhora, que, desde criança, me assinei com o apelido dela.

D. EMÍLIA

Já me disse que morrerá há pouco tempo...

ALFREDO

Há quinze meses.

D. EMÍLIA

Foi muito querida de seu pai?

ALFREDO

Penso que não, minha senhora... Sofreu muito. Os anos de casada foram tormentosos. Disse-me, uma vez, que estava no mundo, expiando um tremendo crime. Não ousei devassar o santuário desse terrível segredo; mas meu pai sabia-o.

D. EMÍLIA

Pobre senhora! talvez morresse imaculada para entrar no céu.

ALFREDO

Se este mundo é purgatório...

D. EMÍLIA

E seu pai não minorava o suplício dessa expiação?

ALFREDO

Meu pai era talvez... o seu verdugo. Há pouco tempo que uma velha criada me disse que meu pai fora obrigado a casar com minha mãe.

D. EMÍLIA

Casamentos forçados é santificar com um sacramento a luta de vítima e algoz. Antes a morte no desamparo, que o martírio a portas fechadas. E como se chama seu pai?

ALFREDO

Bernardo de Mascarenhas.

D. EMÍLIA, *erguendo-se impetuosamente*

Como?!

ALFREDO, *o mesmo*

Que é, minha senhora?! (*D. Emília, silenciosa, fixa-o penetrantemente*) V. Ex^a

não me diz que impressão foi essa?

D. EMÍLIA, *sentando-se*

Pelo amor de Deus, silêncio, senhor! Eu sinto uma agonia que me não deixa sair daqui!

ALFREDO

Que tem V. Ex^a! Por quem é, senhora D. Emília diga-me se eu sou causa dessa comoção! (*D. Emília acena negativamente*).

CENA XVI

Os MESMOS e LUÍSA

LUÍSA, *com os ramalhetes*

Aqui estão, madrinha! (*Surpreendida*) Jesus! ela que tem?

ALFREDO

Um ataque repentino.

LUÍSA

Virgem Santíssima, valei-me! Minha madrinha, fale-me, por piedade!

D. EMÍLIA, *beijando-a*

Sai desta sala, minha filha. Espera-me no teu quarto. (*Luísa não vai*) Não me desobedeças... vai... (*Luísa sai*).

CENA XVII

D. EMÍLIA e ALFREDO

D. EMÍLIA, *erguendo-se*

Senhor Tovar!... acabou tudo entre nós.

ALFREDO

Que diz, minha senhora?!

D. EMÍLIA, *com resolução*

Não lhe dou minha afilhada.

ALFREDO

Isso é impossível? Que mal lhe fiz eu? A história de meu pai é causa para tamanho desprezo?! Hei-de eu ser marido como ele foi?!

D. EMÍLIA

Senhor Tovar, seja honrado como tem sido... Esqueça minha afilhada... Diga o adeus último a esta casa.

ALFREDO

Por piedade, senhora, que me mata!

D. EMÍLIA

Morreremos todos, senhor Tovar, e eu serei a primeira. *(Ouve-se um grito de Luísa)* A desgraçada ouviu tudo! *(Vai socorrê-la. Luísa entra espavorida, e corre a Alfredo, que se dirige a ela. D. Emília coloca-se entre ambos, afastando-os).*

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Sala mobilada com magnificência

CENA I

BERNARDO DE MASCARENHAS, *passeando com sinais de aflição*;
MÉDICO, *saindo dum porta lateral*

MASCARENHAS

Como está meu filho, doutor? Esperava-o para lho perguntar.

MÉDICO

Está a dormir, e bom será que se prolongue este sono restaurador. Eu volto logo, senhor Mascarenhas.

MASCARENHAS

Receia, doutor?

MÉDICO

Eu receio sempre; e, quando a enfermidade está no espírito, receio mais da importância da medicina.

MASCARENHAS

Não duvida que ele sofre por uma causa moral?

MÉDICO

Não posso achar outro diagnóstico.

MASCARENHAS

Vou sondar meu filho.

MÉDICO

Devê-lo-ia ter feito, senhor Mascarenhas. Eu tentei-o já, e ele atalhou-me, logo no começo, definindo a sua morte como bálsamo único de uma chaga incurável. Instei delicadamente por explicações: não me respondeu. V. Ex^a conseguirá o que eu não consegui. Faça-o como pai, e eu auxiliá-lo-ei como amigo: como médico receio não tirar proveito. Até logo. Eu demoro-me pouco. (*Sai*).

MASCARENHAS

O menos tempo que possa, doutor.

CENA II

BERNARDO DE MASCARENHAS e O CONSELHEIRO NÓBREGA

MASCARENHAS

Eu não queria tanta pontualidade, meu caro conselheiro! A minha carta decerto alterou o teu velho costume de dormir até ao meio dia.

CONSELHEIRO

São quinze dias de dor de cabeça, meu caro Mascarenhas; mas quem te deu o coração há vinte anos, também te dá a cabeça agora, sendo necessário. Então que temos? A tua carta pareceu-me escrita com pressa e aflição. Senta-te aqui (*no sofá*). É verdade, como vai teu filho?

MASCARENHAS

Mal, abatidíssimo, e... desconfio... Morre, talvez... e o mais certo... Faltava-me este golpe...

CONSELHEIRO

Não morre, não. Ali anda amor dos dezenove anos. Tu, na idade dele, tiveste muitas daquelas crises. Não te lembras de Évora Cidade?

MASCARENHAS

Apontaste já o motivo por que te chamei. Recorda-te: era eu cadete, e amei aquela mulher...

CONSELHEIRO

Aquela! é preciso saber qual das três: tu amavas, ao mesmo tempo, a flor de Évora, uma menina da família dos Sás. Amavas uma peregrina formosura de Beja, onde estiveste destacado. E amavas, em Lisboa, uma terceira com quem casaste.

MASCARENHAS

Trata-se da primeira. Sabes bem a história de Amália de Sá?

CONSELHEIRO

Soube até ao momento em que saímos ambos de Évora: tu preso para casares com a menina de Lisboa que seduziras; eu para Inglaterra emigrado, onde nunca tive novas tuas, nem dela. Em 1833 achei-te transfigurado. Ouvias com repugnância as recordações da nossa mocidade, e nunca me falaste de Amália, nem me apresentaste a tua mulher.

Respeitei o melindre da reserva, e nunca te falei de amores.

MASCARENHAS

Não era reserva, meu amigo: era o tédio de mim próprio; era o receio de assanhar com recordações as víboras que trazia no coração. Sabes que fui violentado a casar-me. O pai dessa mulher, que foi, ao mesmo tempo, meu algoz e minha vítima, era um homem necessário ao governo. Apesar dos meus grandes haveres e protecções, se não caso com Henriqueta Tovar, era degredado ou talvez envenenado no Limoeiro. Eu disse sempre que Henriqueta seria desgraçada, mais desgraçada que eu. Sacrificaram-na, fizeram-na instrumento de vingança... e viveu dezoito anos de amarguras.

Passavam-se meses que a não via; e, durante dezoito anos, não foi minha esposa, foi uma mulher aborrecida que vivia debaixo das mesmas telhas... Não me repreendas em tua alma, porque o meu coração estava cheio do amor de Amália. Noite e dia, diante de meus olhos, estava sempre o lúgubre espectáculo de uma mulher lacrimosa com uma criancinha ao seio. Eu desviava a atenção para o bulício da vida e da riqueza, e via-a sempre, sempre aquela criatura tão santa aos meus olhos, e tão infamada aos da sociedade.

Escrevi a um amigo, pedindo-lhe novas de Amália; respondeu-me que era público em Évora o nosso amor; e que, depois da minha ausência, Amália se retirara para uma quinta com uma criada; e, depois do meu casamento, fora para o Ultramar, chamada por um tio, governador duma possessão. Ignorava-se felizmente que Amália, era mãe.

Dois anos depois, há um magistrado de Luanda que me diz ter falecido o tio de Amália, e ela, sua herdeira, voltara a Portugal. Fiz, com quanto melindre pude, novas indagações, que chegaram ao conhecimento de Amália. Um dia recebo uma carta com estas palavras: «Esqueça-se de mim por piedade. As suas indagações são um novo ultraje. Infamou-me: não reviva a infâmia, associando o meu nome ao seu».

Isto foi um punhal que me abriu no coração a entrada para a consciência dos meus deveres. Há quinze anos que não proferi o nome de Amália, pensando nela sempre. Achei-me em contacto com pessoas de Évora, que podiam informar-me: nunca aventurei uma pergunta. Se ela vinha aos lábios, forçava-a a retroceder ao coração como um trago de fel! Tem sido um suplício atroz!

Estou viúvo há quinze meses. Deixei passar um ano para desafogar esta ânsia. Quero saber onde está Amália, quero pedir-lhe perdão, quero verter algumas lágrimas sobre os seus cabelos brancos, ou sobre a sua sepultura...

Meu caro Nóbrega, tu sabes tudo, podes tudo saber em poucos dias, procura-me Amália como procurarias a felicidade do teu velho amigo: ajuda-me a desencravar este espinho de remorso.

CONSELHEIRO, *risonho*

Ora digam lá que um corpo de quarenta anos é o ataúde de um coração morto!... Que brilho apaixonado ainda tens nesses olhos! Ora vamos... mãos à obra. Peço oito dias de paciência, e prometo, dia por dia, avisar-te dos pormenores desta sindicância. Não perco um minuto (*erguendo-se*). Esperança, meu Mascarenhas. A Providência há-de auxiliar as minhas pesquisas. Adeus. (*Repartindo em Jorge, que vem entrando*). Quem é este peralta?

MASCARENHAS

Deve ser relação de meu filho.

CONSELHEIRO

Adeus, Mascarenhas. Nada de prevenções fúnebres. O pequeno há-de melhorar.
(*Sai*).

CENA III
BERNARDO DE MASCARENHAS, e JORGE DE SÁ

MASCARENHAS

Naturalmente procura meu filho.

JORGE

Exactamente, e aproveito a ocasião para cumprimentar V. Ex^a a quem felicito por ser pai de um moço com tão excelentes qualidades.

MASCARENHAS

Muito grato, senhor... não tenho ainda o prazer...

JORGE

Jorge de Sá.

MASCARENHAS

Muita satisfação em conhecer o senhor Jorge de Sá. Eu vou ver se meu filho está acordado. (*Sai*).

CENA IV

JORGE DE SÁ, e depois o MÉDICO

JORGE

É um ricoço bem amável este homem que se chama Bernardo! Estes capitalistas que se chamam Bernardos, dizem, mas não fazem «bernardices». Este homem, se tivesse uma filha, era um ente adorável! Merecia a pena fazer uma tentativa de prosperidade... (*Ao médico, que entra*). Por aqui, amável doutor?

MÉDICO

Oh! que grande traquina! Veio hoje de Benfica?

JORGE

Neste instante, meu caro Paracelso!

MÉDICO

Como passou sua tia a noite?

JORGE

Creio que andou a pé, com um candeeiro em punho à laia de fantasma. O doutor, minha tia será sonâmbula?!

CRIADO, *ao reposteiro*

O senhor Alfredo está-se levantando, e pede o favor de o esperarem um instante. *(Sai)*.

JORGE

Que lhe parece, meu amigo, aquele incómodo de minha tia é sério?

MÉDICO

O senhor é que não parece sério na pergunta. Sua tia tem um aneurisma, agravado por padecimentos morais em que o senhor deve ter um grande quinhão de influência.

JORGE

Ora essa!... Eu sou o anjo bom daquela casa. Incomodo tão pouco minha, tia, que se passam três dias que a não vejo.

MÉDICO

Oh! essa indiferença é muito amável! Está plenamente justificado o senhor Jorge...

JORGE

Pois não acha?! E aquela pequena, afilhada de minha tia, que tem?

MÉDICO

Não sei.

JORGE

Aquilo é paixão, não lhe parece?

MÉDICO, *irónico*

Será... talvez paixão... por V. S^a.

JORGE

Nada, não é por mim. Deixe estar que eu hei-de contar-lhe um segredo com que o meu amigo pode acreditar muito a sua medicina.

MÉDICO

Agradecido, e vamos emparceirados. Olhe se me faz um doutor sangrado, que eu depois faço-o ao senhor o meu Gil-Brás.

CENA V

Os MESMOS, e ALFREDO DE TOVAR

ALFREDO, *quebrantado e lívido, proferindo a custo as palavras*

Senhor doutor, bom dia. Desejava ver-te, Jorge.

JORGE

Procurei-te já três vezes, e o guarda-portão disse que não recebias. Suspeitei da veracidade da defesa, lembrando-me se seria só para mim...

ALFREDO, *risonho*

Das duas uma: és simples, ou mau.

MÉDICO

O senhor Jorge... *simples!* Isso é o mesmo que injuriá-lo! O senhor Jorge não quer passar por isso.

JORGE

Como te dás com este doutor? Já te adivinhou a moléstia? Se as receitas forem como os epigramas... Diz-me cá: porque não vais convalescer a Benfica?

ALFREDO, *a meia voz*

Ignora tudo...

JORGE

O doutor é o médico de minha tia e de Luísa; são dois doentes. Tu vais também, três. Eu arranjo uns tubérculos provisórios, quatro... fazemos daquela casa um hospital de doentes românticos. Valeu!

ALFREDO

Quem me dera o teu bom humor, Jorge... (*Ao médico*) Então, a senhora D. Emília está de cama?

MÉDICO

De cama, não: aquela senhora há-de morrer a pé... tem um aneurisma. (*A Jorge*). O senhor não tenha a imprudência de lho dizer...

JORGE

O doutor, eu terei aneurisma? Sabe você que eu, quando tenho dinheiro, dou duzentas e setenta e cinco pulsações por minuto! Ora apalpe... (*Dando-lhe o pulso*) Se eu der uma pulsação agora, corto as orelhas.

MÉDICO

O que o senhor tem é um princípio de encefalite. A sua cabeça tem grandes lesões.

JORGE

Olhe que eu sei de cor o meu *Molière*, doutor...

MÉDICO, *a Alfredo*

Vamos ca... deixe ver este pulso. Houve novo vômito de sangue?

ALFREDO

Durante a noite, duas vezes. (*Cai numa profunda concentração*).

JORGE

Queres tu ir para Benfica? Eu tenho aí o meu *gig*. Venha também, doutor, que eu vou na almofada.

MÉDICO

O senhor Alfredo não pode sair sem grande recato; todavia, se o espírito lhe aceita o passeio como divertimento... Que diz, senhor Tovar?

ALFREDO

Como? Não ouvi bem...

JORGE

Se queres ir a Benfica.

ALFREDO, *estremecendo*

Não.

JORGE

Doutor, eu sou íntimo amigo de Alfredo, e vou fazer, por isso mesmo, uma revelação de que depende a sua pronta melhora.

MÉDICO

E eu desejo-a.

ALFREDO

Jorge! discrição!

JORGE

Está bem... não te impacientes: eu não digo nada.

MÉDICO

Senhor Alfredo, o que este senhor sabe posso eu sabê-lo... Consinta que ele me anime, fazendo essa revelação, a falar-lhe como amigo, pois que até aqui só tenho podido operar como médico.

ALFREDO

Jorge nada sabe.

JORGE

Pois eu nada sei?! O Alfredo, eu não sei nada?!

ALFREDO

Não.

JORGE

Sei tudo.

ALFREDO

Diz o que sabes.

JORGE

Alfredo ama a afilhada de minha tia, quer casar com ela, mas o pai nega-lhe consentimento. Aqui está o mistério em quatro palavras, e agradeçam-me o laconismo, porque hoje não há mistério que não tenha três volumes, pelo menos.

ALFREDO, *ao médico*

Meu amigo, Jorge foi verdadeiro e falso. Amo essa menina, quis casar com ela; o mais é falso: meu pai ignora tudo.

JORGE

Então com se explica a tua ausência daquela casa, a doença de minha tia, a doença de Luísa, e a tua doença? Este hospital de sangue e lágrimas, o que é?

ALFREDO

Poupem-me a explicações. (*Ao doutor*) Sinto um mal-estar indefinível, um esvaecimento que me anseia. (*Recosta-se no sofá*).

MÉDICO, *apalpando-lhe a testa*

Está suando c-opiosamente... é um vágado. Senhor Alfredo!

JORGE

Está sem sentidos? (*Aparte*) g romântico!

MÉDICO

Está. Venha cá. (*Afastam-se*) O senhor tem a certeza do que disse?

JORGE

Ora, se tenho! Não o contrariei para o não mortificar; mas a verdade é esta. Alfredo ama Luísa furiosamente. isto é um evangelho. Para um rapaz honrado são fatais os dois bicos do dilema do amor. Quer casar, e não tem meios. Minha tia naturalmente não dá nada à afilhada, porque é uma grande sovina, e o pai não lhe dá nada a ele. Agora, doutor, com esta noção sintomatológica (que palavra tamanha!) está na sua mão curá-lo. Faça com que este Bernardo lhe dê uns trinta contos para começo da vida, e verá que se acredita como médico espiritual, porque tem a habilidade de curar três pessoas ao mesmo tempo, a saber: ele, Luísa, e minha tia.

MÉDICO, *enfadado*

O senhor é um trapalhão! Adeus, meu amigo! Está sempre falando em estilo de dom Bibas, e o assunto é grave de mais para jogralidades.

JORGE

Fique no que lhe parecer, doutor. Vou-me embora.

CENA VI

Os MESMOS, *e um* CRIADO

CRIADO

Aqui está o senhor Jorge de Sá?

JORGE

Sou eu.

CRIADO

Tem a bondade de descer ao pátio?

JORGE

Que é?

CRIADO

Faz favor de se não demorar. (*Jorge sai*).

MÉDICO, *ao criado*

Venha cá: o que é isso lá no pátio?

CRIADO

Entraram dois oficiais de diligências, e perguntaram pelo senhor Jorge de Sá para o fazerem depositário do carro e do cavalo que lhe penhoraram na rua.

CENA VII

Os MESMOS, *e depois* JORGE

MÉDICO

Está bom; pode ir. (*O criado sai*) Bem diz D. Emília, que este homem é o seu flagelo.... Senhor Alfredo!

ALFREDO

Estou melhor... passou-me a agonia. Ouvi tudo o que aí se disse. doutor. Olhe que Jorge mentiu segunda vez... Que coisa é essa de uma penhora?

MÉDICO

Rapaziadas... Penhoraram o carro de Jorge...

ALFREDO

Meu amigo, vá remediar de qualquer maneira esse vexame, antes que meu pai dê fé...

JORGE, *ao médico, não reparando em Alfredo*

O doutor, o senhor tem aí doze libras que me empreste até logo, para me livrar da desfeita dum canalha? Eu escuso de ir ao pátio, que já sei o que é... Empresta-me doze libras?

MÉDICO

Aqui, não senhor; mas, se se demora, chego a minha casa buscá-las.

ALFREDO

O senhor doutor, queira entrar no meu quarto, e trazer esse dinheiro do que lá há-de estar nas gavetas do toucador. (*O médico sai*).

CENA VIII

JORGE e ALFREDO

ALFREDO

Não digas a Luísa que me viste neste estado.

JORGE

Palavra de cavalheiro, não digo... Porque não casas tu contra a vontade de todo o mundo, e não levantas a tua legítima materna?!

ALFREDO, *com dócil paciência*

Cala-te, que me torturas!...

CENA IX

Os MESMOS, e O MÉDICO

MÉDICO

Aqui estão as doze libras.

JORGE, *aceitando com sofreguidão*

Lança em nossas contas, Alfredo... e até logo. *(Sai)*.

ALFREDO, *sorrindo*

Em nossas contas !... E um desgraçado com exterior bem feliz este rapaz!

MÉDICO

Dá cabo da casa da tia, e d'a dele.

ALFREDO, *erguendo-se*

E da sua honra, que é o pior... Queria-me deitar, meu amigo.

MÉDICO

Seu pai disse-me agora que desejava falar-lhe, logo que estivesse só. Não pode?

ALFREDO

Posso... faço um esforço.

MÉDICO

Eu retiro-me, e virei depois. Cedo o lugar a outro médico de que espero a sua cura.

ALFREDO, *sorrindo tristemente*

Sim?... a minha cura... *(senta-se)*. *(O médico sai)*.

CENA X

ALFREDO e depois BERNARDO DE MASCARENHAS

ALFREDO

Meu pai vem lembrar-me a obrigação de lhe contar a minha vida. *(Erguendo-se, vendo entrar o pai)*.

MASCARENHAS

Senta-te, Alfredo. O mesmo estado, sim? *(palpando-lhes as mãos)*.

ALFREDO

Pouco alívio sinto.

MASCARENHAS

Que há na tua vida, Alfredo? Quero ver o teu coração... peço, como amigo, e exijo como pai. Diz-me que sofrimento moral é o teu. Se me respondes com evasivas, desconheço em ti o meu filho sincero e franco sempre comigo.

ALFREDO

Sempre, até morrer, meu pai.

É filho que responde ao amigo... Amo há três meses uma órfã pobre, afilhada de uma senhora a quem fui apresentado. Não tinha amado nunca. Foi uma adoração a minha, cheia de tormentos, porque me estava sempre aterrando o receio de perdê-la. Eu sabia que havia de morrer... perdendo-a.

MASCARENHAS

E perdeste-a? morreu?

ALFREDO

Antes morresse... estava, esta hora, esperando-me noutra vida melhor...

MASCARENHAS

Traiu-te?

ALFREDO

Não, meu pai... primeiro seria eu capaz de traiçoa-la, amando-a tanto... Não me traiu... Perdoa o que eu vou dizer-lhe?

MASCARENHAS

Perdoo, filho, diz tudo.

ALFREDO

Eu não supliquei o consentimento de meu pai para pedir Luísa a sua madrinha. Foi instantânea esta resolução. Tencionava vir de lá ajoelhar-me a seus pés, e dizer-lhe: não lhe peço um ceutil: suplico a sua bênção para ela.

MASCARENHAS

E pediste-a?

ALFREDO

Pedi: enchi de júbilo o coração da excelente madrinha, chorávamos todos três de felicidade...

MASCARENHAS

E depois?...

ALFREDO

Falei da minha família... (*Muito aflito*) Não posso continuar, meu pai...

MASCARENHAS

Alfredo, não consinto o teu silêncio, ainda que seja um crime.

ALFREDO

Crime não, é uma culpa.

MASCARENHAS

Fala, Alfredo.

ALFREDO

Falei de minha mãe com muita saudade e dó: disse que ela fora uma mártir... e proferi o nome de meu pai com doloroso azedume. (*Vai lançar-se-lhe de joelhos e o pai levanta-o*). E mal proferi o seu nome... a madrinha de Luísa... exclamou: «Está tudo acabado entre nós: não lhe dou minha afilhada; seja honrado não voltando mais a esta casa... » E eu saí com o frio da morte no coração... para esta longa agonia... Disse tudo, meu pai.

MASCARENHAS

Quem é essa senhora?

ALFREDO

A madrinha de Luísa é D. Emília.

MASCARENHAS

Onde vive?

ALFREDO

Em Benfica.

MASCARENHAS

Sabes se essa senhora foi relação de tua mãe?

ALFREDO

Creio que não... decerto não foi.

MASCARENHAS

Supões que o seres filho de um homem, cuja mulher... viveu desgostosa, é a causa dessa retratação?

ALFREDO

Não posso imaginar outra.

MASCARENHAS

Alfredo, eu quero ver essa senhora. Teu pai vai justificar-se diante de uma mulher que nunca viu. Quero provar-lhe que não é herança de família, nesta casa, o martírio das mulheres. Essa menina será tua esposa, ou eu provarei que D. Emília está demente.

ALFREDO

Meu pai! (*Abraçando-o*). Não a faça sofrer...

MASCARENHAS

Irás amanhã comigo a Benfica, e ficarás na sege enquanto não puderes transpor com honra o limiar dessa casa.

CENA XI

CRIADO e os MESMOS

CRIADO

Uma carta para o senhor Alfredo. (*Sai*).

ALFREDO

É de Luísa. (*Grande sobressalto, treme para abri-la e não pode*). Veja, meu pai.

MASCARENHAS, *lendo*

«Alfredo, diz-me que vives. Meu querido irmão, não me expulses de tua alma até que eu morra. Se fores adiante de mim, abençoa os meus paroxismos. Minha madrinha diz que morre, e que me há-de dizer a causa da nossa desgraça à hora da morte. Qual será, meu Deus?!... Não posso mais. A febre tira-me a vista... Deus me leve depressa... »
Eu respondo a esta carta, Alfredo.

ALFREDO

De que modo, meu pai?

MASCARENHAS

Três palavras: *esperança, minha filha*, e assinarei o meu nome.

CENA XII

UM CRIADO, OS MESMOS, *e depois* O CONSELHEIRO

CRIADO

O senhor conselheiro Nóbrega.

MASCARENHAS, *alvorçado*

Que entre. (*Para Alfredo*). Precisas repouso, filho, vai ao teu quarto.

CONSELHEIRO

Olé! o nosso Alfredo está melhor! Isto já é ar de vida!

ALFREDO, *apertando-lhe a mão de passagem para o quarto*

Creio que sim, senhor conselheiro... (*Sai*).

CENA XIII

MASCARENHAS e o CONSELHEIRO

MASCARENHAS

Que volta tão rápida é esta?!

CONSELHEIRO

Eu não te disse que a Providência nos auxiliaria?

MASCARENHAS *com veemência*

Que é? encontraste?!

CONSELHEIRO

Estou no caminho... Creio que encontrei.

MASCARENHAS

Aonde?

CONSELHEIRO

Numa aldeia vizinha de Lisboa.

MASCARENHAS

Está solteira?

CONSELHEIRO

Está solteira.

MASCARENHAS

Aonde? aonde? Ó Providência!

CONSELHEIRO

Devagar, Mascarenhas. O agente principal sou eu. Antes que a vejas, hei-de eu vê-la. Quero preveni-la, para que a não mates com a surpresa. E muito possível,.. Amanhã sou eu o que vou. Depois iremos ambos.

MASCARENHAS

Tens a certeza de que é ela?! Diz, meu amigo... a certeza?

CONSELHEIRO

A certeza. A cem passos da tua porta encontrei o próprio irmão dela: dele soube tudo.

MASCARENHAS, *com solenidade*

Meu amigo!... antes que a felicidade me mate, deixa-me agradecê-la a Deus.
(*Ergue as mãos*).

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

Uma saleta com alcovas laterais, e porta ao fundo

CENA I

LUÍSA, *chamando a uma porta do lado, a meia voz*

Minha madrinha, minha madrinha!... Parece que dorme. Nossa Senhora queira... Minha madrinha! (*Afasta-se*). Tudo me aterra! Estou sempre a recear que o sono seja o último... (*Torna a escutar à porta que abre subtilmente*). Respira alto... este dormir há-de fazer-lhe bem. (*Tirando uma carta dentre as páginas de um livro*). Queria mostrar-lhe esta carta. Tenho chorado tanto sobre estas letras... (*Lê*) «Esperança minha filha – Bernardo de Mascarenhas». É o pai dele... Pois se Alfredo está tão doente que não pode escrever-me... que esperança é esta que me prometem!... Será a do céu!... Deus ma realize depressa. (*Owvindo passos, esconde o bilhete*).

CENA II

LUÍSA e JORGE DE SÁ

LUÍSA, *com o dedo no nariz*

Sio! sio! que está a madrinha a dormir, não faça bulha.

JORGE, *pé ante pé*

Eu falo baixinho... Não sabe? Estive com Alfredo.

LUÍSA, *com vivacidade*

Ai! esteve? Senhor Jorge, esteve?

JORGE, *comicamente*

Sio! que está a madrinha a dormir, não faça bulha.

LUÍSA

Ele como está?

JORGE

Doente; mas não é nada. Eu receitei-lhe, e o rapaz, se o facultativo assistente seguir o meu método, está curado.

LUÍSA

Receitou-lhe?!...

JORGE

Sim, Luisinha. Declarei onde estava a enfermidade, e a maneira de a debelar.

LUÍSA

Então?! onde é que está?

JORGE

Olhe, menina: eu sei tudo, e, por saber tudo, disse o que sabia, para salvá-los ambos. Creia que sou seu verdadeiro amigo. Alfredo quer casar consigo, e o pai dele não consente. É isto, ou não é?

LUÍSA

Não, senhor Jorge, não.

JORGE

Agora vejo que me julgam ambos um grande lorpa! Então que é?!

LUÍSA

Não sei, não sei...

JORGE

Não sabe! ora essa!... Não me acha digno do segredo? Seja o que for... Que serviços quer a menina que eu lhe faça para se realizar o seu casamento?

LUÍSA

Valha-me Deus, senhor Jorge, não falemos em casamento, não?... Diga-me o que me queria, quando há pouco me disse que precisava muito falar-me.

JORGE, *com gravidade*

Eu lhe digo, minha boa amiga: precisava contar com o seu excelente coração para lhe não ser importuno. Atenda-me, Luísa. Eu tenho sido uma rapaz muito extravagante, tenho comprado muito caras as minhas loucuras, tenho desbaratado o meu e o alheio. Estes rapazes de Lisboa perderam-me, arruinaram-me, estou empenhado, e amanhã estarei desonrado, coberto de opróbrio, não acharei uma pessoa de bem que me aperte a mão. Isto é horrível, minha amiga, para um homem cavalheiro, brioso por sangue, sangue de velha raça portuguesa! Querem atar-me a um poste de ignomínia... Querem matar uma alma nobre!... Compreende o meu infortúnio, Luísa?

LUÍSA

O senhor Jorge tem desprezado os conselhos de sua boa tia...

JORGE

Era tarde para aproveitá-los. A minha honra estava já hipotecada por grandes quantias, quando minha boa tia me disse que eu ia, pelo caminho da desonra, direito ao abismo da perdição. Hoje quero reabilitar-me, e não tenho quem me proteja. Quero sacudir o jugo dos credores, e a cada dia me sinto mais curvado debaixo dele. Isto é atroz, infernalmente atroz. *(Com esgares melodramáticos arrepiando os cabelos)*.

LUÍSA

Não se mortifique assim, senhor Jorge. De Deus virá o remédio. Fale com minha madrinha, que é um anjo: exponha-lhe as suas penas, e verá como ela se condói: diga-lhe tudo...

JORGE

Eu já não acho sensibilidade no coração da minha tia...

LUÍSA

Não diga isso, que é uma calúnia. Minha madrinha não repele na desgraça as pessoas estranhas, menos o fará a seu sobrinho.

JORGE

Não tenho coragem de pedir-lhe mais dinheiro... Preciso de uma quantia grande.

LUÍSA

Quer o senhor Jorge que eu lha peça? Eu lanço-me de joelhos aos pés dela, e digo-lhe o que diria para acudir a um meu irmão.

JORGE

Obrigado, Luísa: o seu coração é uma jóia sem preço neste mundo; mas não aceito o seu favor, porque sei que minha tia não me dá o dinheiro que preciso para resgatar a minha honra. Temos um meio, um único meio, minha querida amiga, e esse depende todo da sua compaixão.

LUÍSA

Qual é, qual é?

JORGE

Faz-me um favor impagável, Luísa? Quer salvar-me? Promete fazer o que eu Lhe pedir?

LUÍSA

Oxalá que eu possa!

JORGE

Olhe, minha amiga, eu estou para receber brevemente a legítima de minha mãe. Daqui a um mês estou rico; mas os meus créditos não podem sustentar-se até lá. De hoje até então preciso uma grande quantia, que pagarei impreterivelmente. Luísa, na sua mão está salvar-me. Minha tia tem um adereço de brilhantes, que nunca põe. Luísa sabe onde ele está. Empréstimo, eu obtenho sobre ele o dinheiro que preciso, e daqui a um mês restituo-lhe o adereço.

LUÍSA

Ó senhor Jorge!... eu não faço tal...

JORGE

Porquê?!

LUÍSA

Não sou capaz de tocar num alfinete de minha madrinha.

JORGE

Mas, Luísa, não vê que daqui a um mês estão as jóias no mesmo lugar, sem a tia ter dado fé de se lhe tocar?!

LUÍSA

Não posso, não posso, faz-me tremer só a ideia de abrir as gavetas de minha madrinha!... Pelo amor de Deus não me peça semelhante coisa, senhor Jorge! (*Vê-se D. Emília espreitando da porta da alcova*).

JORGE

Então... folga com a minha desonra? Quer que eu seja vexado? Entendo-a, minha prezadíssima amiga! Espera ser herdeira de sua madrinha, e receia ficar sem as jóias... Eu farei sempre de perto a sua velhacaria com capa de inocência... Está enganada.... Hei-de disputar-lhe a herança até à última rodilha desta casa! Hei-de provar-lhe que na herança dum governador de Luanda não pode suceder... *uma enjeitada...* (*Sai*).

CENA III

LUÍSA e depois D. EMÍLIA

LUÍSA, soluçando

Meu Deus! peço-Vos sempre a vida de minha madrinha; recebi agora as minhas orações com o merecimento desta nova dor! (*Ouve-se uma campainha. Luísa corre ao quarto de D. Emília, e encontra-a a sair. D. Emília encosta-se-lhe ao ombro*). Como se sente, minha madrinha?

D. EMÍLIA

Pareceu-me ouvir a voz de Jorge.

LUÍSA

Saiu agora daqui.

D. EMÍLIA, irónica

Veio saber de mim, sim?

LUÍSA

Veio... sim... minha senhora...

D. EMÍLIA, a meia voz, beijando-a

Que anjo! (*Alto*) Não o vi há três dias... (*Senta-se*). É um homem muito desgraçado, não é, Luísa?

LUÍSA

É, é, minha madrinha!...

D. EMÍLIA

Já não sei o que hei-de fazer para o melhorar... Aquilo é destino. Ainda agora... tolera-se muito desatino a um rapaz de vinte e dois anos; mas o seu fim de vida... há-de ser triste...

LUÍSA

Minha madrinha ainda podia valer-lhe...

D. EMÍLIA

Eu!?! Dizes-me tu isso, Luísa?! Valer-lhe!... Como?

LUÍSA

Dê-lhe dinheiro para ele pagar as suas dívidas.

D. EMÍLIA

E se as dívidas de Jorge absorvessem tudo o que eu tenho?

LUÍSA

Não será tudo... pouco que nos fique bastará para nos sustentarmos. Se não chegar, eu trabalharei; e, com o meu trabalho, irei pagando à minha madrinha o desvelo com que me fez ensinar tantas prendas.

D. EMÍLIA

E que farias tu, depois da minha morte, se ficasses pobre?

LUÍSA

Não me fale na sua morte... não?...

D. EMÍLIA

Oh! a mãe que puder apertar ao seio uma filha assim, ajoelhe e diga ao Senhor que o coração dessa filha está perdido neste mundo... Eu quero falar a Jorge... Vai, filha, e diz a um criado que o avise de que eu o estou esperando.

LUÍSA

Consegui a sua protecção ao senhor Jorge? Diga-me que sim, madrinha, diga!...

D. EMÍLIA

Vai... vai, Luísa. (*Luísa sai*).

CENA IV

D. EMÍLIA

Eu tenho sido uma vil mulher!... Deus deu-me este tesouro, e eu escondi-o. É ela a que me enche o coração de nobre orgulho, e eu... reneguei-lhe o nome. Filha do crime... e dotada de tantas virtudes!... Escondi esta minha riqueza aos olhos da sociedade, mascarei-a com um título falso em respeito ao mundo, e o mundo que me dá por este sacrifício..... Sou duas vezes desonrada aos meus próprios olhos!... Se não soube ser virtuosa... devia saber ser mãe. (*Solúça, escondendo o rosto*).

CENA V

D. EMÍLIA e JORGE

JORGE

Chamou-me, minha tia?

D. EMÍLIA

Chamei-o para implorar a sua misericórdia.

JORGE

Como, minha tia?

D. EMÍLIA

A vítima pede alguns dias de tréguas. Deixe-me morrer tranquilamente... retire-se desta casa, vilão!

JORGE

Vilão! eu sou homem a que se se chame *vilão!* Explique-se... Que crimes fiz eu?

D. EMÍLIA

O senhor não fez crimes, no crime há muitas vezes um ar de nobreza... O senhor o que tem são infâmias.

JORGE

Compreendo... Sei onde se esconde a víbora. Poderei ter infâmias; mas por mais infâmias que tenha, falta-me uma: não fui enjeitado, nem sou um miserável que mão piedosa ergueu da lama. Hei-de pagar a todos o insulto com usura. É a dívida Mais sagrada que tenho.

D. EMÍLIA, *de pé, convulsiva*

Eu sou uma mulher, senhor!... Grito por socorro, se se demora um instante. É o opróbrio da minha família. Principiou pelo vício, e acabou por sugerir o roubo! Quis corromper o coração dum anjo, que lhe há-de um dia matar a fome com algumas migalhas de pão...

JORGE, *rindo*

A mim?!... veremos... (*Sai*).

CENA VI

D. EMÍLIA, UM CRIADO, e depois o PRIOR DE BENFICA

CRIADO

O senhor prior espera as ordens de V. Ex^a.

D. EMÍLIA, *prostrada*

Que entre... Oh Santo Deus, que fim de vida o meu!

PRIOR

Em que sobressalto a encontro, minha senhora!...

D. EMÍLIA

Estou muito oprimida... O senhor é um justo; peça a Deus por mim, que vou deste mundo espedaçada fibra a fibra.

PRIOR

Vai, vai, minha querida senhora... E a bem-aventurança para quem é?! Agora, que está raiando para V. Ex^a o sol do dia eterno, é cantar louvores ao Senhor. Benditas sejam as mágoas no fim da vida, que são as últimas flores onde se geram os frutos do céu. Ânimo, minha santa senhora!...

D. EMÍLIA

Escreveu, senhor padre António?

PRIOR, *tirando do bolso da batina um rolo de papel*

Sim, minha senhora; organizei os seus apontamentos; mas falta-me encher dois espaços, que V. Ex^a deixou em claro.

D. EMÍLIA

Bem sei: queira ler esse artigo.

PRIOR, *lendo*

«Instituo minha universal herdeira Luísa Amélia, minha afilhada, pelo muito que me merecem a sua amizade e serviços. (*Vê-se, ao fundo, Jorge espreitando*). Nomeio meu testamenteiro o Ex.^{mo} Sr...» Aqui está um espaço em branco.

D. EMÍLIA

Faz favor de encher (*ditando*): «Nomeio por meu testamenteiro o Ex.^{mo} Sr. Bernardo de Mascarenhas, residente em Lisboa, na calçada do Marquês de Abrantes». Queira ler o que se segue.

PRIOR

«E para merecer ao citado testamenteiro os seus bons ofícios e zelosos cuidados a favor da minha afilhada Luísa Amélia, peço e suplico ao Ex.^{mo} Sr. Bernardo de Mascarenhas que preste toda a consideração e benevolência à minha última vontade, como se essa consideração e benevolência lhe fosse pedida pela mãe de Luísa Amélia, a qual, há dezoito anos, se chamava...» Aqui está outro espaço. (*Jorge desaparece*).

D. EMÍLIA

Faz favor de encher: «que há dezoito anos se chamava Amália de Sá.» Senhor padre António... isto aqui é um confissãoário... chame um tabelião para encerrar esse testamento que deposite em suas mãos... Espere... (*escutando*) Eu ouço a voz de meu irmão... Deixe-nos sós. (*O prior sai*).

CENA VII

D. EMÍLIA DE SÁ e FRANCISCO DE SÁ

FRANCISCO DE SÁ

Eu venho a chamar desde a porta da rua, e ninguém me fala. Como queres que te chame, Amália ou Emília? Será Emília, visto que te crismaste. Como tu estás acabada, mulher! Isso que é?

D. EMÍLIA

É a velhice.

FRANCISCO

Qual velhice! Tu tens trinta e nove anos, e eu quarenta e cinco. Como vai a tua afilhada? Eu não sei nada. O Jorge só me escreve quando quer dinheiro. Não sabes quem ontem me pediu novas tuas com muito interesse? O Nóbrega. Não te lembras dum rapazote que era juiz de fora, em Évora, em 1828? Um rapaz que suciava muito com o cadete Mascarenhas? Olha, olha, inda não podes ouvir este nome sem mudar de cor! Isso é que foi amor com raízes... Pois o conselheiro Nóbrega filou-me na calçada do Marquês de Abrantes, e fez-me dizer onde estavas, se eras solteira, casada, viúva... enfim, estou a ver que o homem te quer fazer a corte...

D. EMÍLIA

Fala tanto, e tão alto, mano!

FRANCISCO

Se te parece, há três anos que te não vejo!... E o rapaz como se porta!...

D. EMÍLIA

É por causa de seu filho que o mandei chamar. A sua existência nesta casa é impossível. Tenho esgotado todos os meios da prudência. Dantes era tratada com indiferença; agora sou insultada.

FRANCISCO

Insultada! Onde está esse patife!...

D. EMÍLIA

Não quero motim. Procure seu filho, e tire-o de minha casa sem desordem.

FRANCISCO

Está segura, mana, deixa-o comigo. Ele está em casa?

D. EMÍLIA

Não sei.

FRANCISCO

Eu vou procurá-lo. Porque me não avisaste há mais tempo? Ora isto, ora isto!
(*Sai*).

CENA VIII

D. EMÍLIA, LUÍSA *e depois o MÉDICO*

LUÍSA, *com uma tigela, um guardanapo, e colher*

Trago-lhe um caldinho, minha madrinha. Faz-me o sacrifício de o tomar? O senhor doutor vem aí.

D. EMÍLIA

Dá cá. (*Depondo-o na mesa*). Deixa arrefecer.

MÉDICO

Como estamos nós?... O pulso está muito fraco. (*Tomando a chávena*) Tome o caldo.

D. EMÍLIA

Está muito quente.

MÉDICO

Arrefece-se. (*Senta-se bascolejando o liquido com a colher, e reparando*).

LUÍSA

Não lhe parece que minha madrinha está melhor?

D. EMÍLIA

O doutor diz sempre que sim.

LUÍSA

Então?! não responde? (*O doutor ergue-se examinando mais atentamente o caldo*)
Que está a ver? (*O doutor prova o caldo e repele-o da boca*).

MÉDICO

Este caldo ferveu em envasilha de cobre?

LUÍSA

Não, senhor! Que lembrança!

MÉDICO

Aqui... há veneno.

LUÍSA, *arreatando-lhe a chávena*

Jesus!

D. EMÍLIA

Veneno!

MÉDICO, *serenamente*

Veneno, sim; mas aquele já a não mata... A sua situação não obstante é horrível, minha senhora. Isto é muito grave... Tem suspeitas?...

D. EMÍLIA

Tenho. (*A Luísa*) Onde está Jorge?

LUÍSA

Oh meu Deus!

D. EMÍLIA

Fala, Luísa... onde viste Jorge? Debaixo de juramento to exijo!

LUÍSA, *com relutância*

Vi-o, há bocadinho, acendendo um charuto ao fogão.

D. EMÍLIA, *sorrindo*

Vê, doutor? É meu sobrinho que me envenena... Que situação! deixe-me sorrir... o extremo da desgraça tem esta expressão.

MÉDICO

Remédio pronto, senhora D. Emília!

CENA IX

OS MESMOS *e* CRIADO

CRIADO

Apeou-se um cavalheiro duma sege, e pede a V. Ex^a o favor de o receber.

D. EMÍLIA

Não conheces?

CRIADO

Não, minha senhora.

D. EMÍLIA

Que situação para visitas sem familiaridade!... Que entre.

MÉDICO, *a Luísa*

Conduza-me à cozinha... (*Sai*).

CENA X

D. EMÍLIA *e depois* BERNARDO DE MASCARENHAS

D. EMÍLIA

Reconheço a misericórdia divina na coragem que me dá! Quase que vi com indiferença a morte de tão perto!... (*Bernardo dá alguns passos, e a distância pára de repente, postos os olhos imóveis em D. Emília. Ela ergue-se de ímpeto, quer afastar dos*

olhos uma turvação e encosta-se convulsiva ao espaldar da cadeira).

MASCARENHAS, *indo para ela um passo*

És, Amália! és tu?... (*D. Emília faz-lhe um sinal impetuoso de suspensão*) Não posso! Foge-me, se és uma sombra! És tu, Amália? (*Cai de joelhos aos pés dela, que lhe foge para ir cair prostrada no sofá fronteiro. Mascarenhas ergue-se, e segue-a lentamente*). O infame que não teve coragem de matar-se desamparando-te, o penitente de dezenove anos, o primeiro desgraçado da terra... pede-te perdão. Amália! (*Ergue as mãos*) Há dez anos que os meus cabelos embranqueceram. Olha para mim, Amália. As lágrimas na face dum velho são respeitáveis. Não deixes cair sobre mim a sepultura sem me apagares, na alma, este inferno que vai continuar-se noutra vida, Amália! (*Ajoelha*) Amália! perdão! perdoa-me! Eu sei que devera ter morrido antes de me deixar prender ao cadáver doutra mulher. Eu fui um covarde, receando um degredo, um veneno, uma morte traiçoeira que devia aceitar em desconto das tuas lágrimas. Confesso a teus pés a minha baixa alma, para que tu ma eleves com o teu perdão, Amália; perdoa-me, anjo de sofrimento, que me hás-de suavizar os meus últimos dias! Perdoa-me! (*D. Emília ergue-se com ele, e, soluçando um agudo gemido, cai-lhe nos braços*).

D. EMÍLIA

Não podia esperar outra dor ao pé da morte. Foi a Providência que te encaminhou aqui. Eu devo abençoar a Providência, e... abençoar-te. Vai em paz, meu infeliz amigo. Não me contes as tuas desventuras, que eu já as ouvi da boca de um filho, que chorava sua mãe... sei-as, adivinho-as... Vai... vai...

MASCARENHAS

Não! Encontrar-te para perder-te de novo! Oh! então a nossa Providência seria um escárnio! Não, Amália! O abismo que nos separa está vencido... Agora uma só vida e morte para nós ambos. Não me repulses, que repeles Deus que me trouxe aqui!

D. EMÍLIA

Vens assistir aos meus paroxismos... Olha que se morre assim... Vai, vai, por misericórdia... (*Senta-se, soluçando*).

MASCARENHAS, *após instantes de meditação*

Dai-me um raio de luz, Senhor! (*Rápido*) Amália! tu tens uma filha!... (*Ela encara-o assustada*) A mulher que amava Alfredo é minha filha!... Responde, responde, que esta incerteza leva-me a uma demência.

D. EMÍLIA, *sufocada*

MASCARENHAS

Mostra-ma, mostra-ma!

D. EMÍLIA

Vale-me, Mãe Santíssima!... Escuta-me...

MASCARENHAS

É esta a felicidade que mata!... Amália,, deixa-me ver nossa filha!

D. EMÍLIA

Sim... eu chamo-a... Faz-me um juramento... Não lhe dirás que és seu pai... Aquele anjo condena-me pela ingratidão de lhe não chamar filha até este momento.

CENA XI

Os MESMOS, LUÍSA e o MÉDICO

MÉDICO, *continuando a conversação com Luísa*

Parece que o fim era o assassínio duma família inteira! (*Vendo Mascarenhas*) Oh! V. Ex^a aqui! o senhor Mascarenhas em Benfica!? (*Luísa chega-se alvoroçada para D. Emília: os olhos de Mascarenhas seguem-na, e assustam-na. O médico fixando-os todos*) Aqui há uma situação excepcional! (*Mascarenhas aproxima-se vagamente de Luísa, e toma-lhe a mão*).

MASCARENHAS

Está admirada de sentir o tremor desta mão?... Será amor ou ódio?... Escute o que o coração lhe vai dizendo... Nada? nada?! (*Aflição em D. Emília*) Eu não lhe direi nada... (*A D. Emília*) Venha cá, Luísa. (*Leva-a aos braços da mãe*) Abrace-a, abrace-a... Não sente aí bater o coração de mãe? Crê que essas lágrimas possa chorá-las uma madrinha? E agora... fuja desses braços de ferro que a apertam, deixe-se apertar ao meu seio; (*acompanha com acção as palavras*) não ouve, não sente, (*arreatado*) não sentes, filha, minha filha, não sentes um coração de pai?

D. EMÍLIA, *muito atribulada*

Jesus! (*Luísa estupefacta entre os dois*)

MASCARENHAS. *a Luísa*

Então? Nem uma lágrima? Nem uma expansão de júbilo? Rejeitas aquela mãe? Não queres que o pai de Alfredo seja teu pai, e que o amado de tua alma seja teu irmão? (*Luísa, soltando um ai, corre a ajoelhar ao pé da mãe desfalecida*). Doutor! tire-me daquele letargo... minha mulher!

MÉDICO

Esperemos... isto passa... (*tacteando-lhe o pulso*).

MASCARENHAS

Meu amigo! auxilie-me... meu filho está ali fora numa sege; chame-o. (*O doutor sai. Mascarenhas toma a filha pela mão*) Luísa, quando tua mãe recuperar os sentidos, profere o m'eu nome, chama-me pai, e salvar-nos-ás a ambos... Amália, Amália!

D. EMÍLIA, *sacudindo os cabelos dos olhos*

Quem me chama?

LUÍSA

É meu pai que a chama; é meu pai, minha querida mãe. (*D. Emília ergue-se impetuosamente, e lança-se nos braços de Mascarenhas*).

CENA XII

Os MESMOS, MÉDICO e ALFREDO DE TOVAR

MASCARENHAS, *com Emília abraçada, e Luísa*

Vem cá, Alfredo. O espectáculo é de prantos abençoados por Deus. Pasma, filho? Teu pai está sendo o homem mais feliz da terra... Queres também sê-lo? Queres um amor imenso, e infinito, que se continue no céu? É o amor de irmã. Vem cá: entrego-te este anjo para esse amor. Dou-te minha filha; é tua irmã; é filha desta mártir por quem viste sofrer um algoz desde que a razão te ensinou a ver a desgraça. Luísa é tua irmã, Alfredo. Abraça-a com efusão de todo o teu amor... e se a mãe dessa menina te merece um ósculo de filho...

ALFREDO, *correndo a beijar a mão de Emília*

Minha mãe!

D. EMÍLIA, *abraçando-os a ambos*

Meus filhos!... Agora... pode vir a morte!

CENA XIII

Os MESMOS, FRANCISCO DE SÁ e JORGE DE SÁ

FRANCISCO DE SÁ, *espantado*

Eu conheço este cavalheiro!... (*a Mascarenhas*).

MASCARENHAS

Bernardo de Mascarenhas, antigo amigo do senhor Francisco de Sá, e amanhã o

marido de sua irmã.

FRANCISCO

Sempre me pareceu que vinham a isto! Minha irmã acho que o namorava desde 1828! É bem certo o ditado do casamento e mortalha que no céu se talha. Pois, senhor, eu sinto muito vir interromper estas alegrias de noivos com uma cena feia e triste. Venha cá, Jorge! Ajoelhe aqui aos pés de sua tia. Já! (*impelindo-o*) quando não espedaço-o! Peça perdão, de modo que todos ouçam!

MASCARENHAS, *erguendo-o*

Eu perdoo, em nome dela, quaisquer que sejam as culpas. A misericórdia do Senhor desceu hoje sobre todos nós.

ALFREDO

E é preciso que desça. Entre nós está um homem muito desgraçado, e é preciso que ele seja feliz. Jorge de Sá pode reabilitar-se com o dinheiro nesta sociedade, onde o dinheiro é o Jordão que lava todas as nódoas. Minha mãe e irmã não carecem dos bens que possuem para serem felizes.

MASCARENHAS

Eu renuncio os bens de minha mulher em favor de seu sobrinho.
Dou-lhos com uma condição. Há-de julgá-los sempre herança duma tia morta com veneno.

VOZES

Veneno!

D. EMÍLIA

Isto são palavras sem significação. Eu quis dizer que nunca mais aceitarei na minha presença esse homem.

CENA ÚLTIMA

OS MESMOS

UM CRIADO e O CONSELHEIRO NÓBREGA

CRIADO

O senhor conselheiro Nóbrega.

CONSELHEIRO, *entrando, com grande pasmo, a D. Emília*

Eu vinha preveni-la, minha senhora... Mas... acho que já não é preciso... (*Rindo*).

EDIÇÕES DAS QUATRO PEÇAS:

POESIA OU DINHEIRO?

1ª edição – Porto – 1855 – com a 1ª edição de *Cenas Contemporâneas*.

2ª edição – Porto – 1862 – Em casa de Cruz Coutinho.

3ª edição – Lisboa – 1908 – Lisboa, Parceria A. M. Pereira, em conjunto com as restantes peças.

4ª edição – Lisboa – 1929 – Lisboa, Parceria A. M. Pereira, em conjunto com as restantes peças.

JUSTIÇA

1ª edição – Porto – 1856 – Editor Boaventura José Vaz Monteiro.

2ª edição – Porto – 1859 – Em casa de F. Gomes da Fonseca. Contrafacção brasileira, com a indicação de 2ª edição – Rio de Janeiro, 1871.

3ª edição – Porto – 1872 – Em casa de P. Podestã & Irmão.

4ª edição – Porto – 1874 – Em casa de P. Podestã & Irmão.

5ª edição – Lisboa – 1908 – Lisboa, Parceria A. M. Pereira, em conjunto com as restantes peças.

6ª edição – Lisboa – 1929 – Lisboa, Parceria A. M. Pereira, em conjunto com as restantes peças.

ESPINHOS E FLORES

1ª edição – Porto – 1857 – Editor A. Moutinho de Sousa.

2ª edição – Porto – 1857 – Em casa de Cruz Coutinho.

3ª edição – Porto – 1864 – Em casa de Cruz Coutinho.

4ª edição – Lisboa – 1908 – Lisboa, Parceria A. M. Pereira, em conjunto com as restantes peças.

5ª edição – Lisboa – 1929 – Lisboa, Parceria A. M. Pereira, em conjunto com as restantes peças.

PURGATÓRIO E PARAÍSO

1ª edição – Porto – 1857 – Em casa de Cruz Coutinho.

2ª edição – Porto – 1871 – Em casa de Cruz Coutinho.

3ª edição – Lisboa – 1908 – Lisboa, Parceria A. M. Pereira, em conjunto com as restantes peças.

4ª edição – Lisboa – 1929 – Lisboa, Parceria A. M. Pereira, em conjunto com as restantes peças.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
